E-BOOK

NOVOS DESAFIOS NA EDUCAÇÃO NA PERSPECTIVA INCLUSIVA DA PESSOA

ANTÔNIO WASHINGTON DE OLIVEIRA JÚNIOR

AmplaMente Cursos
EDITORA DE LIVROS
FORMAÇÃO CONTINUADA

NOVOS DESAFIOS NA EDUCAÇÃO NA PERSPECTIVA INCLUSIVA DA PESSOA

1ª EDIÇÃO. VOLUME 01.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Novos desafios na educação na perspectiva inclusiva da pessoa [Livro eletrônico]. Antônio Washington de Oliveira Júnior (Org.) -- 1. ed. -- Natal, RN: Amplamente Cursos e Formação Continuada, 2023.

PDF.
Vários autores. Bibliografia.
ISBN: 978-65-89928-43-0
DOI: 10.47538/AC-2023.18

1. Educação. 2. Inclusão. 3. Educação Especial. 4. Educação Física. I. Oliveira Júnior, Antônio Washington de.

23-160352 CDD-370.371

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação 370

Editora Amplamente Cursos
Empresarial Amplamente Ltda.
CNPJ: 35.719.570/0001-10
E-mail: publicacoes@editoraamplamente.com.br
www.amplamentecursos.com
Telefone: (84) 999707-2900
Caixa Postal: 3402
CEP: 59082-971
Natal- Rio Grande do Norte – Brasil

AmplaMente Cursos
EDITORA DE LIVROS
FORMAÇÃO CONTINUADA
Ano 2023

Editora Chefe:
Dayana Lúcia Rodrigues de Freitas

Assistentes Editoriais:
Caroline Rodrigues de F. Fernandes
Margarete Freitas Baptista

Bibliotecária:
Aline Graziele Benitez

Projeto Gráfico e Diagramação:
Luciano Luan Gomes Paiva
Caroline Rodrigues de F. Fernandes

Imagem da Capa:
Shutterstock

Edição de Arte:
Luciano Luan Gomes Paiva

Revisão:
Os autores

AmplaMente Cursos
EDITORA DE LIVROS
FORMAÇÃO CONTINUADA
Ano 2023

AmplaMente Cursos
EDITORA DE LIVROS
FORMAÇÃO CONTINUADA
Ano 2023

AmplaMente Cursos
EDITORA DE LIVROS
FORMAÇÃO CONTINUADA
Ano 2023

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Todos os autores desta obra declaram que trabalharam ativamente na produção dos seus textos, desde o planejamento, organização, criação de plano de pesquisa, revisão de literatura, caracterização metodológica, até mesmo na construção dos dados, interpretações, análises, reflexões e conclusões. Assim como, atestam que seus artigos não possuem plágio acadêmico, nem tampouco dados e resultados fraudulentos. Os autores também declaram que não possuem interesse comercial com a publicação do artigo, objetivando apenas a divulgação científica por meio de coletâneas em temáticas específicas.

AmplaMente Cursos
EDITORA DE LIVROS
FORMAÇÃO CONTINUADA
Ano 2023

APRESENTAÇÃO

Os artigos apresentados neste livro, são de autores que apesar de terem propostas educativas de intervenção diferentes, apresentam algum incomum, que é a preocupação de atender uma necessidade humana, onde estão envolvidos, a afetividade, a reabilitação, a recuperação e a autonomia, sendo a condição física e emocional, que destaca e enriquece este E-book.

Tentar alcançar metas, é um objetivo que se torna passiva, assim que atingimos o objetivo, mas, quando a uma ressignificação dos valores, capacidades e atitudes, essa condição nos restaura de uma forma, que promovem intrinsicamente uma esperança, de que a procura em busca de possibilidades científicas em pró da humanidade, e o verdadeiro sentido de acreditar que podemos ser mais úteis do que os nossos títulos.

Os autores que estão neste livro, são uma representação da fala e das experiências interventivas e facilitadoras, das necessidades que se apresentava como problemas, onde a busca e a pesquisa, foram o caminho para atender, amenizar e resolver, pontuais dificuldades, que em sua origem traziam muito sofrimento e descaso pessoal e coletivo.

Desta forma, acreditamos que as pesquisas sejam elas, bibliográficas ou de intervenção, tem seu papel e sua importância. Entendesse também, que as experiências relacionadas, de estudos bibliográficos, aplicados em ações concretas, são muito mais ricas no sentido de que, nem toda teoria representa uma garantia de uma prática eficaz.

Por isso, as práticas interventivas que aqui estão, foram ações científicas que deram certo, e são aplicadas em várias localidades, instituições e grupos de pessoas, que tiveram sua qualidade de vida e saúde mental facilitada.

Antônio Washington de Oliveira Júnior

SUMÁRIO

CAPÍTULO I

ECACP- ESPORTES COLETIVOS ADAPTADOS ÀS CONDIÇÕES DE ADOLESCENTES EM PRIVAÇÃO DE LIBERDADE

Antônio Washington de Oliveira Júnior
Fundase; Município de Arês/RN.
https://orcid.org/0009-0003-4905-4325
http://lattes.cnpq.br/9039261328601415
E-mail: hotball.esporte.brasileiro.rn@gmail.com

DOI-Individual: 10.47538/AC-2023.18-01

RESUMO: Este artigo, traz o método inovador voltado às práticas corporais adaptadas às condições dos adolescentes em privação de liberdade, na instituição socioeducativa Fundase, da Unidade Case Pitimbu em Parnamirim/RN, onde teve como um dos objetivos reduzir os riscos de doenças crônicas e psicossomáticas utilizando o método denominado, Esportes Coletivos Adaptados às Condições dos Adolescentes em Privação de Liberdade – ECACP. Este estudo interventivo, promoveu mais uma porta, como tantas outras utilizadas neste artigo, acreditasse que é de grande relevância tal temática para pesquisadores e estudiosos da área educacional e saúde, onde o pedagogo tem seu papel fundamental. É enriquecedor conhecer a realidade das pessoas "dependentes químicos", como também o que os levou a tal vício, quais os responsáveis e como podemos ajudá-los.

PALAVRAS-CHAVE: Esportes Coletivos Adaptados. Privação de Liberdade. Adolescentes.

ECACP- COLLECTIVE SPORTS ADAPTED TO THE CONDITIONS OF ADOLESCENTS DEPRIVED OF FREEDOM

ABSTRACT: This article presents an innovative method aimed at body practices adapted to the conditions of adolescents deprived of liberty, at the socio-educational institution Fundase, at the Case Pitimbu Unit in Parnamirim/RN, where one of the objectives was to reduce the risks of chronic diseases and psychosomatic using the method called Collective Sports Adapted to the Conditions of Adolescents Deprived of Liberty – ECACP. This interventional study promoted yet another door, like so many others used in this article, to believe that this topic is of great relevance for researchers and scholars in the educational and health areas, where the pedagogue has a fundamental role. It is enriching to know the reality of people who are "drug addicts", as well as what led them to this addiction, who is responsible and how we can help them.

KEYWORDS: Adapted Team Sports. Deprivation of Liberty. Teenagers.

INTRODUÇÃO

Este artigo, traz o método inovador voltado às práticas corporais adaptadas às condições dos adolescentes em privação de liberdade, na instituição socioeducativa Fundase, da Unidade Case Pitimbu em Parnamirim/RN, onde teve como um dos objetivos reduzir os riscos de doenças crônicas e psicossomáticas utilizando o método denominado, Esportes Coletivos Adaptados às Condições dos Adolescentes em Privação de Liberdade – ECACP.

Foram promovidos nesse método em específico, práticas educativas corporais, com o intuito de identificar e realizar adaptações, quantificando e qualificando as ações, avaliando resultados destas ações; disseminando estes em periódicos, livros, revistas, seminários, entre outros. Desta forma, facilitando o acesso não apenas das práticas corporais adaptadas de forma segura, como também a divulgação dos seus estudos como meio de suporte para possíveis estudos sobre a temática.

As práticas de educação física em Instituições socioeducativas, requerem um planejamento adaptável e cuidadoso, pois as condições físicas e psicológicas, estão quase sempre em déficit fisiológico e emocional. Os valores pedagógicos devem ser contemplados, visando a integração e a promoção a novas possibilidades de aprender e conviver, considerando suas necessidades físicas, afetivas, motoras, intelectuais e sociais.

O relacionamento do profissional de educação física, com os internos dessas instituições, deve ter caráter tanto educativo como disciplinar, os jovens privados de liberdades, seguem orientações da justiça, onde seus desejos são restringidos. As condições que passam a viver por um tempo sem liberdade pessoal, são limitadas a espaços reduzidos, onde acaba interferindo diretamente em seu desenvolvimento psicomotor, físico e fisiológico, sendo sua saúde física e mental uma das mais afetadas.

Em média, os espaços chamados de alojamentos, são lugares com 6m², onde o espaço individual é em média de 2m a 3m² por jovem, isso quando esses estão sendo ocupados por três jovens. A condição maturacional e hormonal destes sujeitos, privados de liberdade, acabam tendo um efeito negativo, no que concerne às potencialidades físicas, que por sua vez também promovem alterações emocionais.

Se considerarmos, o que cientificamente já é comprovado, que um corpo parado adoece, como por exemplo: diabetes, aumento do colesterol, obesidade e hipertensão

arterial, infarto do miocárdio, que são as doenças mais comuns em jovens sedentários, que se desenvolvem em condições de baixo gasto calórico.

O Sedentarismo, é uma grande ameaça às condições físicas e mentais dos sujeitos privados de liberdade, onde estes além de terem barreiras com a justiça, também podem adquirir problemas sérios de saúde. Quanto às doenças psicossomáticas, que são causadas por problemas emocionais, que quase sempre acabam gerando sofrimento psicológico, causando ou agravando uma provável doença física em seu percurso.

Entendesse, que a educação física em instituições socioeducativas, deve planejar dentro desse cenário, um programa, projeto ou planejamento sistematizado, individualizado e coletivo, que proporcionem um atendimento que previna ou amenize os efeitos nocivos que o sedentarismo provoca.

A problemática identificada neste estudo, traz, "por que o Estado que é responsável pela guarda durante a privação de liberdade, sabendo que o sedentarismo pode acarretar graves problemas de saúde de cunho físico e emocional, não combate mais intensamente de forma preventiva tais problemas, utilizando o ECACP como ferramenta viabilizadora?".

As hipóteses, que acreditam ser responsáveis pela a não realização das práticas socioeducativas, voltado aos esportes coletivos, são: agressões entre os internos, conflitos, falta de material apropriado, possibilidades de possíveis riscos de fuga, falta de agentes suficientes para atender o acesso aos jovens de forma segura, estruturas impróprias para as práticas corporais do método, profissionais de educação física conhecedores do método ECACP, para utilizarem de forma correta.

Vale salientar, que a organização da espacialidade ambiental, o planejamento das práticas corporais e a seleção e manutenção de equipamentos, nos sistemas socioeducativos do RN, não cita o profissional de educação física como o responsável desta ações e cuidados, e dado essa função e responsabilidade a qualquer agente, não sendo obrigado a formação na área da educação física, ainda é visto como bate bola ou uma brincadeira informal.

Os valores socioeducativos inseridos nestas instituições de privação de liberdade, estão totalmente entrelaçados com a educação escolar, as mesmas promoções que

interferem nos valores atribuídos aos jovens escolares, devem também estarem ligadas aos adolescentes destas instituições.

O corpo mesmo parado, necessita de estímulos físicos e emocionais, que dependendo de um baixo gasto calórico, pode ser caracterizado a uma condição sedentário, onde estes geram déficits, desequilíbrios nas relações físicas e psicológicas dos sujeitos, é justamente onde a educação física acaba influenciando diretamente nesse processo, em um formato de ensino-aprendizagem.

A avaliação física e a utilização de protocolos como anamnese, que contribuem como instrumentos que facilitam os diagnósticos, que asseguram as informações do objeto de estudo, onde a identificação dos resultados a serem considerados e trabalhados, que por sua vez, darão respaldo científico a interpretações de possíveis novas intervenções, que sejam médicas ou psicológicas, criando assim, uma rede de trabalhos multidisciplinares.

A intervenção da educação física voltada a aplicabilidade do método ECACP, promoveu não só as práticas corporais e de esportes, como também acompanhou o avanço e identificação de possíveis alterações voltadas às condições físicas e atitudinais neste processo, no que compete a área em específico abordada, seguindo o código de ética do conselho estadual e federal de educação física.

Pensando nessa realidade, foi implementado um método que atendesse a necessidade das práticas de educação física, utilizando os esportes coletivos adaptados à realidade desses adolescentes, considerando o contexto da instituição socioeducativa em questão. Esse método, tenta solucionar ou minimizar as possíveis dificuldades tidas pela Case Pitimbú/RN, com a proposta de se tornar um método para ser utilizado em outras Unidades de atendimento socioeducativo.

O alinhamento dos cuidados que foram considerados em sua formulação, facilitou de forma simples, atraente e barata sua realização. O método denominado ECACP, traz possibilidades de mais segurança e viabilidade metodológica para a realização da educação física e seus conteúdos programáticos, que são, os esportes coletivos adaptados, que por sua vez tem influência direta nas condições psicológicas e fisiológicas dos adolescentes, desta forma, saindo do tradicional bate bola de futsal e futebol, comum nestas instituições de privação de liberdade. A realidade sedentária que vivem, ainda é

um grande risco para tais práticas ocasionais e de alta intensidade, devido à demanda cardíaca a que é submetido os jovens esporadicamente, sem uma investigação e muito menos um planejamento científico, que respalda a prática de forma segura.

A educação física não é apenas um passatempo, mas um medicamento vitalício, que contribui para o fortalecimento físico e mental do cidadão, que está além de apenas um momento de lazer, brincadeira ou bate-bola. Os cuidados com as condições físicas, fisiológicas, motoras e emocionais, interferem de forma altamente benéfica, para estes jovens durante sua passagem pela instituição de privação de liberdade, sendo um dos papéis desta, prezar pela integridade física e psíquica enquanto estão sob sua custódia.

AS CONTRIBUIÇÕES DOS EXERCÍCIOS FÍSICOS NO ASPECTO PSICOLÓGICO DA PESSOA

Não é tão simples como parece, realizar intervenções que atenda às necessidades fundamentais psíquica, física e motora, em sua maioria é desviada por não ser tão atrativa ou fora da realidade prática do indivíduo, é mais simples uma prática que ele se sinta conhecedor e confortável em termos de habilidade, como exemplo: entre Peteca de Roda e Futsal, provavelmente ele escolherá o futsal, pois os movimentos biomecânicos e regras fazem parte da memória esportiva.

As intervenções com uso da educação física e esporte, tem a responsabilidade no contexto educacional (UNESCO, 2015). A formulação das aulas de educação física sistematizadas e conduzidas de acordo com os princípios, considerando o volume e a intensidade de AFMV otimizam um quantitativo de indicadores voltado à saúde física.

Quando se trata de planejar de forma sistematizada com o objetivo de atender os déficits, o entendimento se ampliar, pois uma única atividade dificilmente irá suprir tais demandas necessárias, por isso, existência de uma gama de esportes e métodos de treinamento, com o objetivo de sanar tais necessidades individuais e coletivas.

As pesquisas indicam melhorias nas capacidades mental, física e na aptidão cardiorrespiratória, muscular, redução do sedentarismo, de indicadores de risco à saúde cardiometabólica (AL-KHUDAIRY et al., 2017; BRAND et al., 2019; DALLOLIO et al., 2016; GIANNAKI et al., 2016; LEMES et al., 2017b, 2018; MINATTO et al., 2016;

OLIVEIRA et al., 2017; SEABRA et al., 2016; VASCONCELLOS et al., 2016; VILLA-GONZÁLEZ et al., 2017).

As diversidades de práticas esportivas, viabilizam o acesso com o objetivo de alcançar êxito pessoal em sua dinâmica, pois o sujeito quando acredita não ter alcançado bons resultados, em sua maioria desenvolvem um desconforto e uma aversão a tal prática, com isso, evadem ou não avançam qualitativamente.

Embora esses benefícios sejam de grande relevância, entendesse que a redução na satisfação psicológica possa interferir de forma negativa na condição de efetiva dedicação dos sujeitos durante as práticas de educação física (BAGØIEN; HALVARI; NESHEIM, 2010; DUDA; NICHOLLS, 1992; GUNNELL et al., 2016; GUNNELL; BÉLANGER; BRUNET, 2016; MILLER et al., 2019). Sob esse ponto de vista, alguns estudos indicam que até 65% de perdas nas intervenções com educação física, atividades físicas e os esportes podem acontecer devido aos baixos níveis de aceitação psicológica (LÄMMLE et al., 2016, 2013; MINATTO et al., 2016; VENTURIM; CADE, 2007).

O diagnóstico e os protocolos de anamnese, ajudam na identificação diagnóstica, mesmo que superficial, tem uma função fundamental no planejamento, sendo outro fator de grande relevância a parte conceitual de forma humanizada.

Considerando as literaturas, percebemos que estas não apresentam definições conceituais únicas para essas variações, sendo possível considerar que a redução da satisfação psicológica, percebida na maioria das vezes pela baixa participação nas práticas corporais de educação física, sendo vários fatores, que podem interferir, como, dificuldade de se concentrar, imagem corporal frustrada, irritabilidade e desistência continua, desmotivação (CAÑADAS et al., 2014; DUDA; NICHOLLS, 1992; LODEWYK; PYBUS, 2013). Em contrapartida, o alto nível de satisfação psicológica percebido, com o aumento da participação das práticas corporais, onde a sensação, bem-estar e a facilidade de envolvimento na educação física (CAÑADAS et al., 2014; DUDA; NICHOLLS, 1992; LODEWYK; PYBUS, 2013).

A educação física em alto rendimento, hoje divide essa nomenclatura com os não atletas amadores ou profissionais, pessoas que treinam para atingirem um nível de performance em alto nível, dividem espaço com atletas que atingem altos níveis de volume de oxigênio e potência. Entendesse que os métodos e formas de treinamento

avançaram, na escola não é diferente, mas não se deve desconsiderar os valores pedagógicos de iniciação da cultura corporal e valores que o cercam, como as práticas esportivas e seu detalhamento metodológico.

O bem-estar psicológico e físico (BAGØIEN; HALVARI; NESHEIM, 2010; DUDA; NICHOLLS, 1992; MILLER et al., 2019). A satisfação psicológica voltada à educação física, quando em práticas de alto nível apresentam-se de forma positiva, onde associada a altos índices na qualidade de vida. A discussão e relação da melhoria da satisfação psicológica durante as práticas de educação física, acabam contemplando a influência do bem-estar e a qualidade de vida, já que o sujeito percebe que tais sensações geram em si, atitudes de coletividade, participação, colaboração, associados a produção de endorfina.

Qualidade vida, envolve vários fatores, mas um deles pode se dizer que é um dos mais fundamentais nesta relação do bem-estar do sujeito, a prática de exercícios físicos, este gera estímulos que promovem a produção de endorfina e serotonina, responsável pela sensação de prazer manifestada pelo corpo, produzindo avanços fisiológicos consideráveis.

Vieira; Priore e Fisberg (2002) comungam que, além das vantagens fisiológicas, a prática dos exercícios físicos promovem efeitos psicológicos positivos, tais como redução do estresse, do humor, aumenta significativamente a autoestima, estimula à melhora da auto eficiência nos esquemas cognitivos e do raciocínio otimista.

As questões voltadas aos valores emocionais, são significativos sua discussão, existem vários fatores relevantes, como por exemplo, a saúde mental, esse é um canal para quase todos os outros, que serve como ponto de equilíbrio de ajuste nas relações interpessoais, e de seus desejos, capacidades e ambições, que geram possíveis motivações na prática dos exercícios físicos.

A INFLUÊNCIA DO EXERCÍCIO NO COMBATE AO SEDENTARISMO E SEUS PREJUÍZOS FÍSICOS

O primeiro encontro do corpo e da mente com a cultura corporal, mesmo de forma inconsciente, se dá nas práticas na primeira e segunda infância, através de brincadeiras e

estímulos psicomotores primários, mas na terceira infância já se apresenta de forma mais linear e organizada física e psicologicamente, desta forma, quando o sujeito tem a oportunidade de seguir uma adaptação progressiva, provavelmente terá um controle corporal com mais equilíbrio em seu esquema corporal, se ajustando a suas capacidades autônomas, exceto condições pontuais nos casos das pessoas atípicas que apresentam déficits específicos em sua condição particular. Dentro deste contexto, o sedentarismo é uma condição que desregula e interfere negativamente no processo de desenvolvimento e na saúde da pessoa.

O sedentarismo é, segundo a Organização Mundial da Saúde - OMS (1995), um dos principais inimigos da saúde pública, responsável pelo aumento do risco de morte por todas as causas, sendo o fator de risco com maior prevalência na população brasileira, causando e agravando doenças como as coronarianas, a obesidade, a hipertensão, o diabetes e a depressão.

Os motivos que determinam um padrão de vida sedentário, a partir da adolescência, são muitos. Sallis et al. (2000), em um estudo de revisão, encontraram, como fatores associados à atividade física, entre adolescentes, variáveis psicológicas, comportamentais, sociais e ambientais.

É caracterizado a prática da atividade física como, qualquer ação de movimento do corpo produzido pela musculatura esquelética, que leve a um gasto energético fisiológico. Vale considerar, que a relação entre atividade e exercícios físicos tem suas diferenças, onde cada um tem suas características científicas, mas ambos consideram o gasto calórico com um diferencial que pode identificar a relação entre elas (CASPERSNE et al.1985).

Nahas (2010), traz um conceito da atividade física que pode ser definida como, qualquer movimento corporal manifestado pelo corpo humano, que promove um gasto energético, como por exemplo, caminhada de baixa complexidade, levantar uma caixa, varrer o chão, esses já se encaixam como uma atividade física.

Os problemas voltados à saúde dos ossos, como a osteoporose, também possui associação com atividade e o exercício físico, visto que a densidade óssea está diretamente associada com o nível de estímulos promovido pela atividade física que o sujeito pratica. Além disso, as maiores incidências de atividades resultam em melhores

condições no sistema ósseo. Nessa perspectiva, as vantagens da atividade física na manutenção da saúde e vida, partilham da ideia, Azevedo Júnior (2004), que contribui informando, que estudos têm mostrado que os efeitos benéficos da atividade física ajudam a prevenir o desenvolvimento de doenças do coração.

A atividades físicas em prática tanto individual quanto em grupo, segundo Marietto (2007) tem sua contribuição no desenvolvimento das capacidades afetivas, éticas, estéticas, cognitivas, de relação interpessoal e de inserção social da pessoa. Suas práticas voltadas à saúde devem ser estimuladas por todos independentemente da idade e gênero, como forma de lazer e também como forma de prazer.

Segundo Bracco (2008) acredita que a atividade física regular é associada com benefícios à saúde imediatos e em longo prazo tais como: controle do peso, melhora da capacidade cardiorrespiratória e bem-estar psicossocial. As crianças que se mantêm em condições ativas têm grandes chances de passarem a ser adultos ativos, ainda que os níveis de atividade física diminuam com a evolução do crescimento e desenvolvimento.

> A atividade física apresenta diversos efeitos benéficos ao organismo, sendo recomendada como uma estratégia de promoção da saúde para a população. Entretanto, vários estudos mundiais, incluindo o Brasil, apontam para um elevado índice de sedentarismo em todos os grupos etários, variando de 50% a mais de 80% na população mundial (MENDES et al., 2006 p.53).

Portanto, a prática da atividade física é um dos fatores que pode auxiliar a melhorar a capacidade física. Outro aspecto seria o aproveitamento do tempo livre do indivíduo, com isso podemos diminuir o sedentarismo e aumentar o número de pessoas ativas, essa prática deve começar cedo para adquirirmos o hábito da prática esportiva.

DESENVOLVIMENTO

Esta publicação com o tipo de pesquisa de campo, foi aplicada, como método para a construção de prática educativa voltada a saúde do adolescente em privação de liberdade, tendo este como característica, um encontro mais direto com os objetos de estudo (população pesquisada). Assim, reunindo informações concretas para serem respaldadas e documentadas dentro do contexto em questão. Esta pesquisa facilitou um estudo mais direcionado para os objetivos do método, que foi o uso dos esportes coletivos adaptados às condições dos adolescentes em privação de liberdade.

Os objetos de estudo, foram 72 adolescentes do sexo masculino, da instituição do sistema socioeducativo do Rio Grande do Norte - Fundase, na unidade case Pitimbu/RN. Onde estes estavam em condição de privação de liberdade pela justiça.

Onde estes, no ECA, Art. 104, são penalmente inimputáveis os menores de dezoito anos, sujeitos às medidas previstas nesta Lei. Parágrafo único. Para os efeitos desta Lei, deve ser considerada a idade do adolescente à data do fato." e no "220. ECA. Se, antes de completar dezoito anos, o agente cometeu ato infracional, a superveniência da maioridade não interfere na apuração do ato nem na aplicação de medida socioeducativa em curso, inclusive de liberdade assistida, enquanto não atingida a idade de vinte e um anos (súmula 605 do STJ)." Poderá ser responsabilizado pelos atos praticados após o início da sua imputabilidade penal. Os anteriores, todavia, devem ser desprezados para fins penais (...)." (MASSON; CLÉBER, 2013).

Estes foram estudados, tendo como problemática na formulação da metodologia, os prejuízos que o sedentarismo provoca, acarretando graves problemas de saúde de cunho físico e emocional, desta forma, para fundamentar este método, foi feito uma busca em periódicos, livros e na própria vivência profissional do autor, junto aos adolescentes da instituição citada, onde o mesmo foi agente socioeducativo e possui graduação em Educação Física Licenciatura, Biologia, Educação Especial, Pedagogia Plena, Artes e Bacharelado em Educação Física. Pós-Graduações em: Psicomotricidade Clínica e Institucional, Educação Global e Inteligências Humanas, Psicopedagogia Clínica e Institucional, Docência em Ciência do Esporte, Saúde Pública, Atividades Físicas para Grupos Especiais, Educação Especial, Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo, Fisiologia do Esporte, Educação Física Adaptada à Inclusão, Pedagogia do Esporte e Educação Física Hospitalar. Mestre, Doutor e PhD em ciência da educação. O autor publicou, artigos e livros voltados à área da saúde e educação, criador do esporte Hotball Sport e dos métodos: Esportes Adaptados à Escolares - EAE, Esportes Coletivos Adaptados às Condições de Adolescentes em Privação de Liberdade -ECACP.

Uma das intenções da criação desse método, foi também disseminar as informações e resultados, utilizados por esta ação científica, com o objetivo de promover as práticas corporais do ECACP nessas instituições em especial, pois os jovens que por ali passaram, puderam acabar adquirindo, agravando ou até mesmo antecipando possíveis

doenças crônicas que eram predispostos. Desta forma, pode-se evitar, atrasar e até mesmo controlar enfermidades.

CRONOGRAMA

O projeto seguiu o um cronograma de acordo com as possibilidades formuladas, apesar das dificuldades no que diz respeito aos protocolos de controle da prevenção da contaminação da pandemia, ainda foram tidas, as restrições e limitações na promoção das práticas deste projeto, por se tratar de jovens privados de liberdade, onde seguiram rigorosamente as medidas regulamentares e obrigatórias que se deve seguir neste contexto pandêmico vivido, no sistema socioeducativo, onde tudo foi planejado antecipadamente, e por mérito que deve ser conquistado pelos adolescentes. Mas apesar das dificuldades está sendo possível realizar este estudo, onde seguimos essa linha do tempo.

PROCEDIMENTOS

Os procedimentos seguiram os conteúdos metodológicos em sua organização, sendo, conceituais, procedimentais e atitudinais, desta forma, todas as ações que fizeram parte da disciplina de educação física, estando alinhadas nesta ordem, os conteúdos da cultura corporal e esportes coletivos. Iniciamos com esportes coletivos dentro dos conteúdos programáticos da disciplina, que foram divididos em: esporte coletivo competitivo e esporte coletivo colaborativo, esses sofrem uma adaptação para sua prática no âmbito socioeducativo, que denominamos "Esportes Coletivos Adaptado às Condições dos Adolescentes em Privação de Liberdade – ECACP.

ESPORTES ADAPTADOS ÀS CONDIÇÕES DOS ADOLESCENTES EM PRIVAÇÃO DE LIBERDADE - ECACP

O ECACP, tem como característica selecionar, substituir e adaptar as regras e os materiais por outros que gerem menos riscos de serem usados como instrumentos que possam ser usados em ações que gerem danos físicos, desta forma, as seleções destes instrumentos e regras, acabam promovendo mais segurança e menos conflitos entre os praticantes, agentes e professores.

Exemplos, como a Case Pitimbu/RN, é um uma unidade de internação, que visa responsabilizar os adolescentes que cometeram ato infracional, evitando reincidência e fazendo sua ressocialização com a sociedade, sendo, que partes destes, cometeram atos de grande gravidade, por isso o cuidado também seleção e elaboração dos materiais e da espacialidade a serem utilizadas.

Alguns casos de tentativas de fuga, destruição de patrimônio público, agressão física contra outros adolescentes e até mesmo aos próprios agentes, acontecem de forma esporádica, mas deve ser considerada como risco. Desta forma, foi criado o método ECACP para as práticas de educação física, que consiste em adaptações instrumentais, substituindo cordas, ferragens, redes, raquetes, bastões, instrumentos rígidos, entre outros, por aqueles mais seguros e que mesmo adaptados tenham uma ação semelhantes no resultado final das práticas.

OS ESPORTES ADAPTADOS UTILIZADOS NAS PRÁTICAS CORPORAIS DE EDUCAÇÃO FÍSICA USANDO O MÉTODO ECACP

HOTBALL SPORT

Esporte coletivo, onde é utilizado dois cones pequenos de borracha e uma bola mini de basquete nº3, onde o objetivo é acertar o cone adversário com a bola. As delimitações dos espaços são as próprias linhas da quadra, caso seja em ambiente de terra ou grama pode ser marcado as linhas com riscos, tinta ou cal.

Formato: Linha
Estilos: Quadra, Grama, Areia, Barro e Piscina.

Figura 1 -2 – Prática de Hotball Sport no Casem Pitimbu.

Fonte: Ginásio de esporte do Casé Pitimbu RN.

FOAM ROLLER TRAINING

Esse método *Foam Roller Training*, foi usado para aumentar a flexibilidade e amplitude de movimentos, que proporciona o alongamento parcial das cadeias musculares especificamente as da região lombar, como um alongamento segmentar, alongando um grupo muscular específico, promovendo a saúde articular. Tal método foi utilizado, em função da dificuldade que os alunos apresentavam ao realizar exercícios que exigiam maior flexibilidade lombar durante as práticas de educação física. Foi inserido então com o objetivo de diminuir esses déficits, o uso do método *Foam Roller Training*, que através de movimentos simples de lutas e um rolo de espuma, pode-se trabalhar de forma lúdica exercícios que otimizam a flexibilidade da região lombar.

Formato: Funcional
Estilos: Quadra, Grama, Areia, Barro.

Figura 3 – Prática de Foam Roller Traing.

Fonte: Ginásio de esporte do Casé Pitimbu RN.

TACO MOLE

Esporte coletivo, onde as equipes tentam lançar a bexiga no lado adversário usando rolos de espuma, onde o objetivo é fazer com que essa bexiga toque o chão da equipe adversária. As delimitações dos espaços são as próprias linhas da quadra, caso seja em ambiente de terra ou grama pode ser marcado as linhas com riscos, tinta ou cal.

Formato: Linha e Rede
Estilos: Quadra, Grama, Areia, Barro.

Figura 4 - 5 – Prática de Taco Mole.

Fonte: Ginásio de esporte do Casé Pitimbu RN.

SLAP BALL

Formato: Linha
Estilos: Quadra, Grama, Areia, Barro.

Figura 6 – Slap Ball (tapa bola)

Fonte: Unidade Case Pitimbu/RN.

Esporte coletivo, onde as equipes tentam rebater a bola de tênis com as mãos substituindo a raquete. O objetivo é fazer com que essa bola de tênis toque o chão da equipe adversária. As delimitações dos espaços são as próprias linhas da quadra, caso seja em ambiente de terra ou grama pode ser marcado as linhas com riscos, tinta ou cal.

PETECA DE RODA

Formato: Linha
Estilos: Quadra, Grama, Areia, Barro.

Figura 7 - Peteca de Roda

Fonte: Unidade do Casé Pitimbu/RN

Esporte coletivo, onde as equipes tentam lançar a peteca no lado adversário usando as mãos, golpeando de baixo para cima a peteca de penas. O objetivo é fazer com que essa peteca toque o chão da equipe adversária. As delimitações dos espaços são as próprias linhas da quadra, caso seja em ambiente de terra ou grama pode ser marcado as linhas com riscos, tinta ou cal.

BALL TOUCH

Formato: Linha e rede
Estilos: Quadra, Grama, Areia, Barro.

Figura 8 - 9 – Prática do Ball Touch (toque de bola com quic no chão)

Fonte: Ginásio do Case Pitimbu/RN.

Esporte coletivo, onde as equipes tentam lançar a bola de vôlei no lado adversário, usando qualquer parte do corpo. O objetivo é fazer com que essa bola de vôlei toque o chão da equipe adversária. As delimitações dos espaços são as próprias linhas da quadra, caso seja em ambiente de terra ou grama pode ser marcado as linhas com riscos, tinta ou cal.

BASQUETEBOL

Esporte coletivo, onde as equipes tentam lançar a bola de basquete do lado do seu, usando um membro da sua equipe com receptor da bola de basquete, onde este deve estar dentro de um bambolê fixado ao chão sem poder sair de dentro da dimensão do bambolê, tendo a única função de receber a bola de sua equipe, que deve lançar de qualquer lugar da quadra ou espaço.

Formato: Linha
Estilos: Quadra, Grama, Areia, Barro.

Figura 10 - 11 – Prática do basquetebol

Fonte: Ginásio do Casé Pitimbu/RN.

O objetivo é fazer com que essa bola de basquete chegue até a cesta, só assim acontecerá o ponto. As delimitações dos espaços são as próprias linhas da quadra, caso seja em ambiente de terra ou grama pode ser marcado as linhas com riscos, tinta ou cal.

SOCCER LAND

Esporte coletivo, onde as equipes tentam lançar a bola de futsal usando os pés, para dentro do espaço delimitado por dois cones de borracha, que substituem a trave, tendo uma distância entre eles de 1,80 cm.

Formato: Linha
Estilos: Quadra, Grama, Areia, Barro.

Figura 12 - 13 – Prática do Soccer Land (futebol terra)

Fonte: Ginásio do Casé Pitimbu/RN.

O objetivo é fazer com que essa bola de futsal ultrapasse esse espaço entre os cones, sem tocar os cones adversários, só assim acontecerá o ponto. As delimitações dos espaços são as próprias linhas da quadra, caso seja em ambiente de terra ou grama pode ser marcado as linhas com riscos, tinta ou cal.

CYMBAL TOSS

Esporte coletivo, onde as equipes tentam lançar o prato de frisbee usando as mãos, para dentro do espaço delimitado por dois cones de borracha, que substituem a trave, tendo uma distância entre eles de 3 m.

Formato: Linha e Rede
Estilos: Quadra, Grama, Areia, Barro.

Figura 14 – Prática de Cimbal Toss no Casem Pitimbu.

Fonte: Ginásio do Casé Pitimbu/RN.

O objetivo é fazer com que esse prato ultrapasse nas mãos de um dos jogadores da própria equipe o espaço (trave) delimitada por cones de borracha, só assim acontecerá

o ponto. As delimitações dos espaços são as próprias linhas da quadra, caso seja em ambiente de terra ou grama pode ser marcado as linhas com riscos, tinta ou cal.

RODA VIVA

Esporte coletivo, onde as equipes na posição de quatro apoios devem lançar a bola de pilates usando cabeças na bola, para o espaço da equipe adversária delimitado por linhas, onde ao fundo marcado por dois cones de borracha, que substituem a trave, tendo uma distância entre eles de 5m.

Formato: Linha
Estilos: Quadra, Grama, Areia, Barro.

Figura 15 – 16 – Prática de Roda Viva

Fonte: Unidade Case Pitimbu/RN.

Figura 17 – 18 - Prática de Roda Viva

Fonte: Unidade Case Pitimbu/RN.

O objetivo é fazer com que essa bola de pilates ultrapasse o espaço (trave) delimitada por cones de borracha, só assim acontecerá o ponto. As delimitações dos espaços são as próprias linhas da quadra, caso seja em ambiente de terra ou grama pode ser marcado as linhas com riscos, tinta ou cal.

CIRCUITO FUNCIONAL POR TEMPO

Formato: Funcional
Estilos: Quadra, Grama, Areia, Barro.

Figura 19 – 20 – Estimulando as articulações dos flexores superiores e inferiores.

Fonte: Unidade Case Pitimbu/RN.

Figura 21 -22 – Salto horizontal de 2,30 m, treino para otimizar a potência dos membros inferiores

Fonte: Ginásio da Unidade Case Pitimbu/RN, 2021.

Esporte coletivo, onde as equipes tentam alternar através do revezamento de um circuito de obstáculos que explore o maior número de exercícios funcionais, que reversará com a própria equipe. O objetivo é realizar esse revezamento em menos tempo cronometrado do que a equipe adversária. As delimitações dos espaços são as próprias linhas da quadra, caso seja em ambiente de terra ou grama pode ser marcado as linhas com riscos, tinta ou cal.

TO PUSH

Objetivo: O To Push, é um tipo de luta voltado à prática escolar, onde o objetivo é retirar o adversário do círculo que mede 3,60 m de diâmetro, localizado no centro da quadra ou do espaço a ser utilizado como ringue.

Dinâmica da Luta: Os usos dos membros inferiores são usados apenas para tracionar, fazer rotação de quadril e frear. Já as mãos e os antebraços, são utilizados para empurrar e deslocar o adversário para fora do ringue.

Formato: Linha
Estilos: Quadra, Grama, Areia, Barro.

Figura 23 – 24 – Pratica da luta To Push

Fonte: Autor.

O Que Pode

- Apenas o início da luta, se dá com a escolha da pegada, que é decidida com cara ou coroa, a imagem que cair para cima define o início e a pegada a ser escolhida;
- A partir de quem iniciou a luta, passa a ser rodízio os outros períodos de forma alternada;
- A mãos devem ficar sobre os trapézios ou ombros, ou uma mão no trapézio e outra no ombro;
- No caso da mão escapar de forma casual ou não proposital, será reiniciado do centro, dando o direito de escolha da posição das mãos para o adversário;
- Pode empurrar com as mãos o peito e o trapézio, e com os antebraços o peitoral, sempre direcionando o adversário para fora do ringue;
- Peitoral pode tocar o peitoral do adversário, usando como ponto de apoio e tração também;
- O uso da cabeça só pode lateralmente a outra cabeça adversária;
- Só será ‘ponto, se projetar o adversário para fora do ringue, sendo considerado fora, a saída dos dois pés totalmente de dentro do círculo;
- Caso os dois saiam juntos do círculo, retoma no centro do círculo sem perda para nem um dos dois lados

- Se o adversário escorregar de forma involuntária e sair do círculo será ponto;
- O tempo, são de 3 minutos no máximo por período, sendo três períodos, o adversário tem que ganhar dois períodos;
- O período é de 3 minutos, mas caso o adversário retire três vezes o outro do círculo, é finalizado aquele período.

AVALIAÇÃO FÍSICA

Formato: Funcional
Estilos: Quadra, Grama, Areia, Barro.

Figura 25 – 26 – Avaliação Física

Fonte: Ginásio da Unidade Case Pitimbu/RN, 2021.

Figura 27 – 28 – Avaliação Física

Fonte: Ginásio da Unidade Case Pitimbu/RN, 2021.

ORGANIZAÇÃO METODOLÓGICA

A organização metodológica segue os conteúdos, sendo: conceituais, procedimentais e atitudinais, onde estes fazem parte do alinhamento, que facilitam o

processo de ensino-aprendizagem dos sujeitos inseridos nesse processo. A ordem que devemos seguir, se inicia conceitualizando um determinado assunto antes de sua ação prática seja coletivo ou individual, em sequência se dá pela prática já conceitualizada, e por fim, a manifestação dessa mesma ação de forma independente.

MOMENTOS

1º Momento

Acolhimento utilizando a comunicação afetiva oralizada, após a extração dos adolescentes dos alojamentos, realizada pelos agentes da instituição.

2° Momento

Anamnese utilizada através da comunicação oral como conversação, com o intuito de investigar as condições físicas e psicológicas naquele momento, ou seja, se ele está bem para tal proposta educativa, que vai requerer dele condições físicas e comportamentais em bom estado de equilíbrio.

3° Momento

Cronograma dos momentos que serão realizados em ordem, onde serão determinados, a sequência de tempo, descanso e hidratação que irão acontecer durante as práticas de educação física no formato ECACP.

4º Momento

Nesse momento se inicia os conteúdos metodológicos, onde baseado no cronograma, será explicado e executado as práticas dos esportes coletivos, sendo uma e cada vez, seguindo, o conceitual (O que é? De onde veio? Para que serve? Em que pode contribuir em minha vida?); procedimental (Como executar, realizar quantas vezes for necessária com a intervenção do mediador); atitudinal (Momento onde os sujeitos irão executar de forma independente as ações intelectuais, motoras e técnicas das práticas em questão). Essa ordem deve ser aplicada sempre que necessária, para um maior

entendimento sobre as propostas interventivas deste projeto, no que concerne a metodologia pedagogicamente viável e compreensível.

5º Culminância

O fechamento da aula realizada, onde deve ser feito a volta calma e o alongamento estático, uma breve discussão e considerações a respeito da aula e suas práticas realizadas. Nesse momento os internos podem se posicionar e contribuir com a adaptação das próximas aulas; também é um momento propício para discutir por parte do mediador valores morais, éticos, disciplinares, familiares, higiene, alimentar, entre outros, que tenham haver com a conduta e o corpo.

CUSTO BENEFÍCIO

Quant.	Material	Esporte	Finalidade	Custo
3	1 Minibola de basquete e 2 Cones de borracha	Hotball Esport	Estimula a coletividade, alta intensidade cardíaca de curto tempo, motricidade óculo manual, espacialidade temporal e produção de serotonina e endorfina.	R$ xxx,xx
20	10 Rolo de espuma e 10 Bexigas	Foam Roller Training	Otimiza o aumento da flexibilidade da região lombar e do esquema corporal, baixa intensidade cardíaca de curto tempo, motricidade óculo pedal e produção de serotonina e endorfina.	R$ xxx,xx
2	1 Bola de tênis e 1 Fita adesiva marca piso	Slap Ball	Esporte individual e coletivo, que estimula a coletividade, baixa intensidade cardíaca de curto tempo, motricidade óculo manual, espacialidade temporal e produção de serotonina e endorfina.	R$ xx,xx
2	1 Peteca e 1 Fita adesiva marca piso	Peteca de Roda	Esporte coletivo e individual, que estimula a habilidade manual, baixa intensidade cardíaca de curto tempo, motricidade óculo manual, espacialidade temporal e produção de serotonina e endorfina.	R$ xx.xx
2	1 Bola de vôlei e 1 Fita adesiva marca piso	Ball Touch	Esporte coletivo e individual, que estimula a habilidade do pé, baixa intensidade cardíaca de curto tempo, motricidade óculo pedal, espacialidade temporal e produção de serotonina e endorfina.	R$ xxx,xx

2	1 Bola de basquetebol e 1 Fita adesiva marca piso	Basquetebol	Estimula, a coletividade, alta intensidade cardíaca de curto há médio tempo, motricidade óculo manual, espacialidade temporal e produção de serotonina e endorfina.	R$ xxx,xx
2	1 Bola de vôlei e 1 Fita adesiva marca piso	Voleio com Pé	Esporte coletivo e individual, que estimula a habilidade do pé, baixa intensidade cardíaca de curto tempo, motricidade óculo pedal, otimização do esquema corporal, espacialidade temporal e produção de serotonina e endorfina.	R$ xxx,xx
6	1 Bola, 4 Cones de borracha e 1 Fita adesiva marca piso	Soccer Land	Modalidade coletiva e individual, que estimula a habilidade do pé, alta intensidade cardíaca de curto tempo a médio tempo, motricidade óculo pedal, otimização do esquema corporal, espacialidade temporal, produção de serotonina e endorfina.	R$ xxx,xx
6	1 Frisbee, 4 cones de borracha e 1 Fita adesiva marca piso	Cymbal Toss	Esporte coletivo e individual, que estimula a habilidade manual, baixa intensidade cardíaca de curto tempo, motricidade óculo manual, espacialidade temporal, produção de serotonina e endorfina.	R$ xxx,xx
6	1 Bola suíça, 4 cones de borracha e 1 Fita adesiva marca piso	Roda Viva	Modalidade coletiva, que estimula a habilidade do pé e da mão, alta intensidade cardíaca de curto tempo a médio tempo, motricidade óculo pedal e manual, otimização do esquema corporal global, espacialidade temporal, produção de serotonina e endorfina.	R$ xxx,xx
58	24 Cones pequenos, 12 Médios e 12 Grandes, 1 Apito, 1 Cronômetro e 8 Colchonetes de espuma	Circuito Funcional Por Tempo	Modalidade individual, que estimula a habilidade do pé e da mão, alta intensidade cardíaca de curto tempo a médio tempo, motricidade óculo pedal e manual, otimização do esquema corporal global, espacialidade temporal, produção de serotonina e endorfina.	R$ x.xxx,

Apenas o custo material deste projeto foi de R$ x.xxx,xx, onde foi de total responsabilidade do autor, o material para o andamento do estudo. As condições foram adaptadas e improvisadas dependendo das condições que o autor identificava como mais viável para a sua realização. A instituição teve apenas a responsabilidade de autorizar e dar as condições favoráveis de apoio humano e físico, ficando também responsável pelas autorizações e os TCLE, para assegurar a realização de forma ética e legalmente segura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar deste estudo ainda está em andamento, já sinaliza ações e opiniões positiva dos internos que já participaram destas aulas, onde as práticas adaptadas realizadas além de proporcionar mais segurança nas realizações das dinâmicas metodológicas dos esportes coletivos incrementados, também atende até o momento a preocupação da problemática, que é, "por que o estado que é responsável pela guarda durante a privação de liberdade, sabendo que o sedentarismo pode acarretar graves problemas de saúde de cunho físico e emocional nesses jovens, não combate de forma preventiva tais problemas utilizando o esporte com instrumento viabilizador?".

Considerando as hipóteses que são, as possibilidades de possíveis riscos de fuga, agressões entre os internos, conflitos, falta de material apropriado, pouca demanda de agentes para atender o excesso de jovens de forma segura para todos. Acreditasse, que até o término do projeto os resultados podem surpreender a todos, já que ainda falta segundo o cronograma, alguns meses, considerando que as discussões a serem feitas vão depender dos resultados que estão por vir.

Já os objetivos, que é atender os jovens com privação de liberdade da instituição socioeducativa Fundase da Case Pitimbu, de forma que venha reduzir os riscos de doenças crônicas e psicossomáticas, utilizando as práticas corporais através do esporte coletivo adaptado ECACP. Também demonstra de forma qualitativa e quantitativa, pouco retorno devido à pouca demanda de participantes, assim dificultando o andamento mais rápido das observações e resultados.

Aguardamos com alegria a conclusão do projeto, que trará muitas descobertas que com certeza irão contribuir com a educação física dentro dos sistemas penais.

AGRADECIMENTOS

Agradecer a contribuição da equipe que se formou no decorrer da pesquisa, aos senhores, Cid Soares e Ubirajara da Cruz Damasceno, que onde vocês estiveram saibam que fizeram parte de um grande legado voltado a uma instituição de jovens, que precisam de olhar diferente e de esperança.

REFERÊNCIAS

AL-KHUDAIRY, L. et al. **Diet, physical activity and behavioural interventions for the treatment of overweight or obese adolescents aged 12 to 17 years**. Cochrane Database of Systematic Reviews, v. 2017, n. 6, p. CD012691, jun. 2017.

BAGØIEN, T. E.; HALVARI, H.; NESHEIM, H. **Self-Determined Motivation in Physical Education and its Links to Motivation for Leisure-Time Physical Activity, Physical Activity, and Well-Being in General. Perceptual and Motor Skills,** v. 111, n. 2, p. 407–432, out. 2010.

BRACCO, M, M. (Coord). **Atividade Física na Infância e na Adolescência:Guia Prático para o Pediatra**. Sociedade Brasileira de Pediatria: 2008.

BRAND, C. et al. **Effect of a multicomponent intervention in components of metabolic syndrome: a study with overweight/obese low-income school-aged children**. Sport Sciences for Health, n. 0123456789, 11 out. 2019.

BRASIL. Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 16 jul. 1990a.

CASPERSEN, C. J. MATHHEW, M. Z. **Physical activity, exercise, and physical fitness: definitions and distinction for health- relates research**. *Public health Reports*. Rockville, v. 100. n.2, p.172-9, 1985.

CAÑADAS, L. et al. **Obese and unfit students dislike physical education in adolescence : myth or truth ? The AVENA and UP & DOWN studies**. Nutricion Hospitalaria, v. 30, n. 6, p. 1319–1323, 2014.

DALLOLIO, L. et al. **Proposal for an Enhanced Physical Education Program in the Primary School: Evaluation of Feasibility and Effectiveness in Improving Physical Skills and Fitness**. Journal of physical activity & health, v. 13, n. 10, p. 1025–1034, out. 2016.

DUDA, J. L.; NICHOLLS, J. G. **Dimensions of achievement motivation in schoolwork and sport.** Journal of Educational Psychology, v. 84, n. 3, p. 290–299, 1992.

FISBERG M. et al. **Hábitos alimentares na adolescência**. In: Atualização Científi ca em Nutrição: nutrição da criança e do adolescente. Porto Alegre: Atheneu; 2002. p.66-93.

GIANNAKI, C. D. et al. **An eight week school-based intervention with circuit training improves physical fitness and reduces body fat in male adolescents**. The Journal of sports medicine and physical fitness, v. 56, n. 7–8, p. 894–900, 2016.

GUNNELL, K. E. et al. **Linking psychological need satisfaction and physical activity to dimensions of health-related quality of life during adolescence: A test of direct, reciprocal, and mediating effects.** Journal of Sport and Exercise Psychology, v. 38, n. 4, p. 367–380, 2016.

GUNNELL, K. E.; BÉLANGER, M.; BRUNET, J. **A tale of two models: Changes in psychological need satisfaction and physical activity over 3 years**. Health Psychology, v. 35, n. 2, p. 167–177, fev. 2016.

JOVENEZI. J. F. et al. **Evolução no nível de atividade física de escolares observados pelo período de 1 ano**. Revista Brasileira de Ciência e Movimento. Brasília, v. 12, nº1, jan./mar., 2004, p. 19-24.

LEMES, V. B. et al. **Efeito das aulas de ginástica escolar nos níveis de atividade física: jump na educação de jovens e adultos (EJA).** Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício, v. 11, n. 70 supl 1, p. 863–870, 28 jan. 2017b.

LEMES, V. B. et al. **Jump gymnastic at school physical education for adolescents and adults: changes and prevalence of success in health-related physical fitness**. Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde, v. 23, p. 1–10, 2018.

LODEWYK, K. R.; PYBUS, C. M. **Investigating Factors in the Retention of Students in High School Physical Education.** Journal of teaching in physical education, v. 32, n. 1, p. 61–77, jan. 2013.

MASSON, Cléber. **Direito Penal Esquematizado: Parte Geral: arts. 1.º a 120. 7**. ed. Rio de Janeiro: Forense; São Paulo: Método, 2013. v. 1. p. 471

MILLER, J. M. et al. **Factor analysis test of an ecological model of physical activity correlates**. American Journal of Health Behavior, v. 43, n. 1, p. 57–75, 2019.

MINATTO, G. et al. **School-Based Interventions to Improve Cardiorespiratory Fitness in Adolescents: Systematic Review with Meta-analysis**. Sports Medicine, v. 46, n. 9, p. 1273–1292, set. 2016.

MARIETTO, V. S. **Atividade Física como Lazer**. 22/10/2007. Disponível em: Acesso em 28/09/2014.

MENDES, B. et al. **Associação de fatores de risco para doenças cardiovasculares em adolescentes e seus pais.** Revista Brasileira de Saúde Materna Infantil. v. 6, Supl. 1, Recife, maio, 2006.

NAHAS, M. V. **Atividade física, saúde e qualidade de vida: conceitos e sugestões para um estilo de vida ativo**. 5. ed. rev. atual. Londrina: Midiograf, 2010. 318p.

OLIVEIRA, L. C. V. DE et al. **Effect of an intervention in Physical Education classes on health related levels of physical fitness in youth**. Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde, v. 22, n. 1, p. 46–53, 2017.

Sallis JF, Prochaska JJ, Taylor WC. **A review of correlates of physical activity of children and adolescents.** Medicine and Science in Sports and Exercise 2000;32(5):963-975.

SEABRA, A. A. et al**. Effects of 6-month soccer and traditional physical activity programmes on body composition, cardiometabolic risk factors, inflammatory, oxidative stress markers and cardiorespiratory fitness in obese boys**. Journal of Sports Sciences, v. 34, n. 19, p. 1822–1829, 2016.

UNESCO. **Diretrizes em educação física de qualidade (EFQ), para Gestores de Políticas**. Brasília, 2015. Disponível em: http://unesdoc.unesco.org/images/0023/002319/231963POR.pdf

VASCONCELLOS, F. et al. **Health markers in obese adolescents improved by a 12-week recreational soccer program: a randomised controlled trial**. Journal of sports sciences, v. 34, n. 6, SI, p. 564–575, mar. 2016.

VENTURIM, L. M.; CADE, N. V. **Efeitos do programa P.E.S.O (Promoção de Estilo de Vida Saudável na Obesidade) sobre variáveis antropométricas, hemodinâmicas e bioquímicas TT**. Revista brasilera de atividade físisica e saúde, v. 12, n. 1, p. 19–26, 2007.

VILLA-GONZÁLEZ, E. et al. **Effects of a school-based intervention on active commuting to school and health-related fitness**. BMC Public Health, v. 17, n. 1, p. 20, jan. 2017.

WORLD FORUM ON PHYSICAL ACTIVITY AND SPORT. ***A Atividade Física, Saúde e Bem estar*****.** Quebec, UNESCO, CIO\IOC, OMS\WHO, WFSGI, 1995.

CAPÍTULO II

O EXERCÍCIO FÍSICO DE UM PONTO DE VISTA PSICOMOTOR COMO UMA DAS FERRAMENTAS NO TRATAMENTO PARA DEPENDENTES QUÍMICOS

Rebecca Regina Santos de Oliveira
Graduada em Educação Física Bacharelado, Graduada em Pedagogia Plena, Graduanda em Educação física Licenciatura, pela Instituição IBRA.
E-mail: rebeccarsoliveira@gmail.com

DOI-Individual: 10.47538/AC-2023.18-02

RESUMO: Acredita-se que o exercício físico de forma sistematizada e adaptada às condições da pessoa com dependência química, é de extrema importância tanto para sua saúde física quanto para a saúde mental. Os índices de pessoas viciadas aumentam a cada dia, como também os produtos que os viciam, ainda assim, apesar dos danos provocados, a preocupação está voltada apenas para uma pequena quantidade de drogas classificadas como "ilícitas". Nossa metodologia aborda essa temática, nas seguintes linhas de pesquisas, que são: quanto ao procedimento (pesquisa de campo), quanto à natureza (pesquisa aplicada), quanto à abordagem (pesquisa qualitativa) e quanto aos objetivos (pesquisa exploratória). Essa intervenção tem como objetivo, a orientação do uso do exercício físico como uma das ferramentas no tratamento para dependentes químicos. Para tal, investigamos pessoas de 18– 65 anos, entre mulheres e homens, dependentes químicos ou que já viveram essa dependência. Ao total foram 43 sujeitos, sendo 41 homens e 2 mulheres. Essas entrevistas foram realizadas em três instituições que tratam dependentes químicos, a instituição "Dorcas" complexo masculino localizado em Pium/RN e feminino em Nísia Floresta/RN e a instituição "Nova Aliança" complexo masculino, localizados em Pium/RN e três residências onde foi entrevistada uma pessoa em cada residência em total de três. Esse artigo tem como finalidade, promover maiores esclarecimentos de um ponto de vista Psicomotor em torno desta temática, a intervenção que houve nos trouxe uma luz, que envolve as vertentes, políticas públicas e os exercícios físicos, que por sua vez, estão atrelados ao "exercício físico como uma das ferramentas no tratamento para dependentes químicos".

PALAVRAS-CHAVE: Políticas Públicas. Exercício Físico. Dependência Química.

PHYSICAL EXERCISE FROM A PSYCHOMOTOR POINT OF VIEW AS ONE OF THE TOOLS IN THE TREATMENT OF DRUG ADDICTIONS

ABSTRACT: It is believed that physical exercise in a systematic way and adapted to the conditions of the person with chemical dependence, is of extreme importance for both their physical and mental health. The rates of addicted people increase every day, as well as the products that addict them, even so, despite the damage caused, the concern is only focused on a small amount of drugs classified as "illicit". Our methodology addresses this theme, in the following lines of research, which are: as to the procedure (field research), as to the nature (applied research), as to the approach (qualitative research) and as to the

objectives (exploratory research). This intervention aims to guide the use of physical exercise as one of the tools in the treatment for drug addicts. To this end, we investigated people aged 18 - 65, between women and men, drug addicts or who have already lived this addiction. In total there were 43 subjects, 41 men and 2 women. These interviews were conducted in three institutions that treat drug addicts, the institution “Dorcas” male complex located in Pium / RN and female in Nísia Floresta / RN and the institution “Nova Aliança” male complex, located in Pium / RN and three residences where one person was interviewed in each residence in a total of three. This article aims to promote further clarification around this theme, the intervention that has brought us a light, which involves the aspects, public policies and physical exercises, which in turn, are linked to “physical exercise as one of the tools treatment for drug addicts”.

KEYWORDS: Public policy. Physical exercise. Chemical Dependency.

INTRODUÇÃO

Acredita-se que o exercício físico de forma sistematizada e adaptada às condições da pessoa com dependência química, é de extrema importância tanto para sua saúde física quanto para a saúde mental. Os índices de pessoas viciadas aumentam a cada dia, como também os produtos que os vicia, ainda assim, apesar dos danos provocados a preocupação está voltada apenas para uma pequena quantidade de drogas classificadas como “ilícitas”.

Desta forma, os objetivos deste estudo é investigar de um ponto de vista Psicomotor as prováveis causas que levam o sujeito ao vício e a influência do exercício físico em seu tratamento.

Existe uma grande preocupação por parte da área da saúde, em saber qual os melhores métodos e indicações para o tratamento de dependentes químicos, e a prática de exercícios físicos está entre elas, como uma terapia ocupacional ou profilaxia auxiliar. Entendesse que os exercícios são tão importantes quantos os medicamentos que os tratam, pode se afirmar, com maior ação de cura e com bem menos efeitos colaterais e danosos ao corpo.

Acreditando nessas afirmativas, e questionamos através desta afirmativa, já que o vício em drogas é um problema de saúde pública, e a “drogadição” é determinada como uma doença fatal, e o exercício físico proporciona ao dependente químico uma ação tão importante quanto os medicamentos, porque o estado não ampliou mecanismos para atender esses grupos?

Podemos questionar, de onde vem? Como chegou até ele? Até que ponto pode os prejudicar? Como sair deste vício? Estes questionamentos poderiam ser feitos ao estado, já que a produção, fiscalização, orientação educativa e o atendimento à saúde deste, é de responsabilidade do estado, que por sua vez acaba se omitindo em parte desta responsabilidade, com a falta de assistência em quantidade e de qualidade a esse público.

O tráfico, a venda, o vício e o viciado, são levados em sua maioria a dependência química, por diversos fatores, onde um deles que acreditamos ser o maior responsável, e a liberação de drogas lícitas, como, por exemplo, tabagismo e as bebidas alcoólicas, estas são as mais comuns. O álcool é uma droga “psicotrópica”, pois atua no sistema nervoso central, provocando mudança no comportamento do sujeito, ainda possui potencial para provocar dependência.

E o poder público, ainda libera o consumo de substâncias psicotrópicas com a justificativa de que são drogas lícitas, deveria ser cientificamente um grande equívoco, mas parece que não é, infelizmente. É muito comum crianças comprarem bebidas, participarem de festas onde o consumo dessas drogas são bem vistas, aí voltamos ao questionamento citado acima, como chegou até ele?

Este artigo, baseado nestes questionamentos, traz algumas propostas, que são a construção de centros esportivos para dependentes químicos, convênio e parcerias com academias particulares e clubes, para o atendimento aos dependentes químicos, com a finalidade de tratar a doença, utilizando a prática de exercícios físicos e esporte. Vale salientar, que esse atendimento deve ser feito por profissionais da área da educação física, com especialização em atendimento a grupos especiais, ou psicomotricidade.

O exercício físico deixou de ser especificamente para atletas, e passou a repartir seu uso com as funcionalidades biomecânicas do corpo de pessoas não atletas, e até mesmo no estado de convalescença física, psicossocial e saúde mental. A dimensão que atingiu a prática do exercício físico, tem sido notório, tanto pela sociedade quanto pela área médica.

A educação escolar e familiar pode ser a base do combate à dependência química, assim como, a prática de exercícios físicos em academias e nos esportes sejam estes, praticados em escolas, clubes, associações, espaços públicos, entre outros. O estado deve

assumir de forma incisiva sua responsabilidade nas políticas públicas voltadas à prevenção e tratamento, com maiores investimentos.

A otimização do que já está em funcionamento, como clínicas, institutos, associações e organizações não governamentais, que fazem um excelente trabalho de apoio ao combate à droga, devem ser também visto pelo estado o acesso e os serviços de qualidade nestas instituições estatais e parceiras, que atuam no tratamento de dependentes químicos.

As instituições de ensino têm seu papel educativo e social, e quanto mais cedo iniciarmos essa orientação, mais cedo diminuiremos as estatísticas negativas que envolvem o tema droga. A escola pode além das orientações pedagógicas, promover o exercício físico utilizando o esporte como ferramenta nesse processo de orientação, prevenção e campanhas que durem todo o ano. O exercício físico pode ser usado na prevenção e no tratamento do sujeito.

A PARTICIPAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DA SAÚDE E DO CO-DEPENDENTE NO AUXÍLIO DO TRATAMENTO DE VICIADOS EM DROGAS

A temática deste artigo, que envolve a importância do exercício físico no tratamento de dependentes químicos, traz teóricos com o desejo de credibilizar as informações desta obra. As contribuições destes autores junto a esta proposta, vem reforçar a sua necessidade de implantação, que com certeza trará muitos benefícios aos dependentes químicos e aos profissionais de educação física, que terão este artigo como um recurso científico de estudo a mais na sua vida profissional.

A participação de profissionais da área da saúde, são os mais indicados nesse atendimento às pessoas com dependência química. Conforme Ferreira:

> Cabe ressaltar que a participação de equipes de saúde na prevenção do uso de substâncias psicoativas na comunidade, no tratamento da dependência e na orientação a usuários ou familiares vem crescendo a cada dia. Uma vez que esses profissionais têm contato direto com os usuários de drogas que buscam tratamento e informações atualizadas sobre as diferentes substâncias psicoativas. Nesse sentido, é importante conhecer a situação de uso, abuso ou dependência de drogas, bem como o perfil dos usuários que procuram atendimento, para que se possa planejar e executar programas que contemplem as reais necessidades de cada usuário (FERREIRA, 2012).

Vale considerar, que estes profissionais da área da saúde onde está inserido o profissional de educação física e o pedagogo também, capacitados para tal atendimento, onde cada um com sua especificidade interventiva. Contemplando as necessidades específicas, que cada um destes traz em sua bagagem acadêmica, sua contribuição junto a outros, passa ser bem mais efetiva ao paciente.

Conforme dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), a drogadição é definida como uma doença fatal e caracteriza-se como uma anormalidade metabólica causada pelo consumo excessivo de substâncias psicoativas que influem incisivamente no físico e no psicológico dos usuários. Representa uma grande sensação de fracasso não só para o sujeito como para quem usa, que em sua maioria estão insatisfeitos com a vida que levam e com a sociedade em que está inserido, pois, esta doença exerce uma influência subestimada sobre a economia social, além de desestruturar a vida da família e todos que estão a sua volta (SERRAT, 2001).

No decorrer deste subcapítulo trazemos o termo co-dependência, e um termo pouco usado pela maioria, talvez pelo desconhecimento da palavra, mas que tem uma importância em sua identificação.

Conforme, Beattie (1999, p. 44-53)

> A palavra co-dependente surgiu no estado de Minnesota-USA no fim da década de 70, estado pioneiro em programas de tratamento de dependência química. Originalmente, a palavra foi usada para descrever a pessoa ou pessoas cujas vidas foram afetadas como resultado de estarem envolvidas com alguém quimicamente dependente. O pensamento básico nessa época era que co-dependentes eram pessoas cuja vida se tornara incontrolável como resultado de viverem num relacionamento comprometido com um alcoólico.

A co-dependência, define o sujeito responsável pelos cuidados da pessoa dependente química, que quase sempre conhece mais a realidade tanto do doente quanto da doença, sua presença é fundamental no processo de cura deste dependente químico, em sua maioria está entre familiares, juntos ao combate da drogadição que atinge uma quantidade considerável de pessoas.

A drogadição é uma doença e um vício de forma avançada, compulsiva e exagerada, é justamente aí que está o risco, derrames e overdose.

Toxicodependência ou toxicodependência compulsiva são termos genéricos, dada a toda e qualquer modalidade de vício bioquímico voltado ao ser humano. E o profissional da saúde, entende que essa condição é extremamente complicada, pois, altera o comportamento e gera no paciente (irritabilidade) e agressão, sendo uma das características desse profissional, ter essa habilidade a mais para lidar com essas dificuldades.

ATIVIDADE FÍSICA NO PROCESSO DE TRATAMENTO

É sabido que praticar atividade física contribui na qualidade de vida das pessoas, pois, além de gerar ganhos fisiológicos também influência para o seu bem estar físico e mental. É importante esclarecer, que a diferença entre exercício físico e atividade física são diferentes, apesar de ambas atuarem com o físico, ou seja, com o conjunto corporal e sua fisiologia, apresentam suas características peculiares, onde embora a maioria dos artigos generalizem o termo "atividade" existe uma diferença.

Atividade física, são as mais simples ações físicas, como exemplo, movimentos que produzimos enquanto andamos, dançamos, corremos, subimos e descemos escadas, entre outras. Exercício físico, apresenta um planejamento sistematizado com duração de tempo específico, sequências de movimentos para diferentes partes do corpo proporcionando aumento das capacidades físicas do sujeito.

Sendo assim, este artigo se refere ao exercício físico como ação preventiva, auxiliar e curativa, no tratamento e prescrição do sujeito paciente acometido por dependência química. Mas acreditasse que tanto o exercício, assim como atividade podem gerar benefícios. A escolha pelo exercício partiu da ação sistematizada e rotineira que exige o exercício, assim podemos comparar com os medicamentos, que para surtir efeito devem ter um planejamento profilático em seu uso programado.

A liberação de substâncias endorfina está associada à prática de atividade física, ela age no cérebro proporcionando-lhe a condição de prazer e relaxamento, (SHER, 2001). As relações positivas apontam a atividade física como, vitalidade e qualidade de vida (ABU-OMAR, RUTTEN, LEHTINEN, 2004). Acrescentando, que a atividade física parece estar associada com melhoras no estado físico e bem estar, auto eficácia, auto estima, estimulando e gerando sentimentos, ações positivas que servem para contrariar o

humor negativo (ROEDER, 1999). Considerando que ainda o conhecimento sobre a atividade física, estão de humor é ainda restrito, não sendo possível ainda definir a relação das causas e efeitos sobre os mecanismos psicológicos e fisiológicos subjacentes a esta associação (PELUSO, ANDRADE, 2005).

Também pesquisa realizada por Taylor, trouxe em seu estudo com tabagistas e puderam concluir que andar de bicicleta com um índice de frequência cardíaca de reserva de 40 a 60% durante 5 minutos reduz o desejo de fumar comparado com andar de bicicleta com uma frequência de 10 a 20%.

Comparando sujeitos em condição passiva e em atividade física apresentaram diminuição em pelo menos dois dos sintomas de abstinência durante e após a atividade física. Os autores destacam que os efeitos do exercício físico são percebidos após períodos breves ou mais longos de abstinência à droga. Em relação ao estado de humor concluíram que há uma redução significativa na ansiedade e melhora do humor no período de ausência da droga após a prática de atividades físicas e também foi capaz de reduzir efeitos negativos como: tristeza, raiva, angústia (TAYLOR; USSHER; FAULKNER, 2006).

Mialich comunga que, a atividade física pode auxiliar de forma contundente no tratamento para a dependência química, pois, sem as substâncias psicoativas no organismo, o dependente precisa suprir a falta desta, e nada melhor do que a prática da atividade física que é uma ação que gera sensação de prazer, bem-estar físico e mental, possibilitando ainda ao indivíduo reiniciar um ciclo de amizades saudáveis, tendo sempre em mente a manutenção de sua sobriedade (MIALICK et al., 2010).

As justificativas científicas são diversas, deixa claro que a prática de exercícios físicos, produzem um aumento das condições físicas e psicossociais das pessoas sejam estas viciadas ou não.

DIFERENÇA ENTRE AS DROGAS

São denominadas como drogas lícitas aquelas que são legalizadas, produzidas e comercializadas livremente e que são aceitas pelo governo. Já as drogas ilícitas, diferente das lícitas, têm sua produção, comercialização e consumo proibidos por lei. As drogas

podem ser classificadas em várias categorias de acordo com as características, alterações e efeitos danosos ou falso bem-estar que causam ao organismo.

As drogas são substâncias químicas psicotrópicas naturais ou sintéticas, que manifestam tropismo pela mente e que alteram a atividade comportamental e psíquica, com ação depressora, perturbadora ou estimuladoras. Os efeitos crônicos e agudos dependem da qualidade, tipo, combinações, administração, ambiente, efeito esperado, dentre outros (CEBRID, 2006).

As drogas Psicotrópicas são subdivididas em Psicolépticas ou Depressora, Psicoanalépticas ou Estimulantes e Psicodislépticas, ou perturbadoras que podem ser de caráter natural, ou sintéticas.

As drogas Psicolépticas ou Depressoras podem ser chamadas de sedativas, pois, deprimem o Sistema Nervoso Central e ativam o circuito da recompensa, esse grupo é composto pelo, o álcool, pelos hipnóticos, pelos ansiolíticos, pelos analgésicos, pelos narcóticos e pelos solventes; já drogas Psicoanalépticas ou estimulantes têm efeito contrário ao das drogas depressoras, pois, estas aumentam a atividade do sistema nervoso central; fazem parte desse grupo a cocaína, o crack, as anfetaminas, a nicotina e o ecstasy; e por último o grupo das drogas Psicodislépticas ou Perturbadoras Naturais que abrange a maconha, os cogumelos, mescalina; e as Perturbadoras Sintéticas que são compostas pelo LSD e anticolinérgicos. Essas drogas afetam o sistema nervoso central o que precipita outras alterações funcionais do organismo (CEBRID, 2006).

Os efeitos provocados por estas drogas, apresentam danos que quase sempre são irreversíveis ao corpo e cérebro.

POLÍTICAS PÚBLICAS

A procura de assistência por parte dos familiares dos dependentes químicos, acabam sendo encaminhados para as CAPS e CREAS, e desta forma são atendidos, mas há muito a ser alinhado e implementado por parte destes. De acordo com Lima,

> Se a saúde mental, então, indicou o CAPSad como serviços estratégico e organizador da assistência aos usuários de álcool e outras, os CRAS e CREAS parecem poder assumir corresponsabilidades no âmbito da assistência social para esse público. Em especial, a implantação dos CREAS no país poderá sofrer forte provocação dos gestores e

> conselheiros da assistência social para assumir parte da responsabilidade da prevenção e proteção às famílias que sofrem com o uso e o tráfico de drogas (LIMA, 2008, p.15).

O SISNAD -Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas, criado pela Lei 11.343/2006, foi regulamentado pelo Decreto nº 5.912/06.

Assim descreve o Art. 1º da Lei 11.343/06:

> Art. 1º Esta Lei institui o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas -SISNAD; prescreve medidas para prevenção do uso indevido, atenção e reinserção social de usuários e dependentes de drogas; estabelece normas para repressão à produção não autorizada e ao tráfico ilícito de drogas e define crimes.

Referido Sistema foi criado para cumprir metas e estratégias que estão elencadas em sua lei instituidora (Lei 11.343/06), mais precisamente no Art. 3º, onde tem a finalidade de **“**articular, integrar, organizar e coordenar as atividades relacionadas com a prevenção do uso indevido, a atenção e a reinserção social de usuários e dependentes de drogas e a repressão da produção não autorizada e do tráfico ilícito de drogas**”**.

O CEBRID-Centro Brasileiro de Informações Sobre Drogas, é um núcleo sem fins lucrativos do Departamento de Medicina Preventiva da UNIFESP-Universidade Federal de São Paulo e, dentre vários objetivos deste núcleo, pode-se destacar as pesquisas feitas em relação ao consumo de drogas em diversos segmentos da sociedade.

Dentre as pesquisas, o CEBRID (2010) apresentou um livro com o VI Levantamento sobre uso de drogas entre estudantes de ensino médio e fundamental nas 27 capitais brasileiras e detectou que:

> Amostra total das 27 capitais brasileiras foi constituída de 50.890 estudantes, sendo 31.280 da rede pública de ensino e 19.610 da rede particular. Em relação ao gênero,51,2% era do sexo feminino e 47,1% masculino. Houve predomínio da faixa etária de 13 a 15 anos (42,1%) e de estudantes sem defasagem série/idade (80,4%). As classes sociais predominantes foram C (34,2%) entre os estudantes da rede pública e B (42,4%) entre os da particular.

A Resolução nº 03, de 27 de Outubro de 2005, do CONAD - Conselho Nacional Antidrogas, aprovou a Política Nacional sobre Drogas - PNAD, apresentando pressupostos, objetivos e diretrizes. São considerados dentre outros, alguns dos principais pressupostos da Política Nacional sobre Drogas, de acordo com o Conselho Nacional sobre Drogas, que tem como uma das funções reconhecer a diferença entre usuário, a

pessoa em uso indevido, o dependente e o traficante de drogas, tratando-os de forma diferenciada.

A Organização Mundial da Saúde, acerca deste tema, possui uma classificação: não usuário, usuário leve, usuário moderado e usuário pesado. A seguir, será demonstrada a classificação segundo a Organização Mundial de Saúde – OMS, acerca destas classificações:

1. Não usuário: quem nunca utilizou qualquer tipo de droga;
2. Usuário leve: já utilizou, mas não faz um uso contínuo;
3. Usuário moderado: utiliza drogas toda semana, mas não as utiliza todos os dias;
4. Usuário pesado: é aquele que usa drogas todos os dias.
5. A Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura - UNESCO, também distinguiu os tipos de usuários como:
6. Usuário experimental: experimenta uma ou várias drogas, por curiosidade, mas não se torna dependente;
7. Usuário ocasional: utiliza várias drogas, mas de vez em quando, em festas, por exemplo, porém não é totalmente dependente;
8. Usuário habitual: frequentemente usa drogas, mas ainda consegue viver em sociedade, apesar de já apresentar algumas alterações;
9. Usuário disfuncional: é o dependente, que vive para usar droga, nada mais, por isso mesmo não consegue mais manter um vínculo social, ficando isolado, muitas vezes.

Tanto a OMS quanto a UNESCO, apresentam suas políticas públicas voltadas ao dependente químico, usando como referência as classificações dos tipos de usuários.

A Política nacional e internacionais antidrogas, tem como alguns de seus objetivos, educar, informar, capacitar e formar pessoas em todos os segmentos sociais para a ação efetiva e eficaz da redução da demanda, da oferta e de danos, fundamentada em conhecimentos científicos validados e experiências bem sucedidas, adequadas à nossa realidade.

A FAMÍLIA COMO BASE NA PREVENÇÃO PRECOCE AO COMBATE AO USO DA DROGA

Conforme dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), a drogadição é definida como uma doença fatal e caracteriza-se como uma anormalidade metabólica causada pelo consumo excessivo de substâncias psicoativas que influem incisivamente no físico e no psicológico dos usuários. Representa uma grande sensação de fracasso não só para o sujeito como para quem usa, que em sua maioria estão insatisfeitos com a vida que levam e com a sociedade em que está inserido, pois esta doença exerce uma influência subestimado sobre a economia social, além de desestruturar a vida da família e todos que estão a sua volta (SERRAT, 2001).

Como a família é o pilar da construção das relações saudáveis entre seus familiares, as famílias disfuncionais podem direcionar regras desviantes pela forma de comportamento dos responsáveis para com seus entes. Tais distúrbios ocorrem na maioria dos casos nos quais carecem de habilidades para a criação dos filhos, reduzindo as possibilidades de difusão de fatores protetores (SCHENKERL, 2004).

> Ao falarem sobre os efeitos nocivos das drogas, as mães, intuitivamente, trabalham sob a perspectiva da prevenção primária, que visa fornecer conhecimentos aos filhos de maneira que eles possam desenvolver hábitos saudáveis e protetores em suas vidas, evitando ou retardando a experimentação de drogas. O posicionamento assumido pelas mães reporta ao trabalho que deve ser feito junto aos alunos que ainda não experimentaram drogas, ou jovens que estão na idade que costumeiramente se inicia o uso (SANCHEZ, 2005).

Diferentes são os arranjos que influenciam a convivência, os costumes e os hábitos da família. Sendo assim, é fundamental na constituição do indivíduo a forma como ele é criado pela família, estando a cargo dos pais, principalmente, a proteção contra os fatores de risco relacionados às drogas (SCHENKERL, 2003).

Podemos concordar que a família tem suas influências que podem ser positivas ou negativas, no processo educativo de seus filhos. A escola como a família são a base da referência de cidadão para os jovens, em desenvolvimento emocional e conhecimento cultural, seus valores e opiniões vão sendo moldados, de acordo com o que oferecido, assim sendo credibilizado em suas verdades reconhecidas por eles.

A ESCOLA E OS VALORES PEDAGÓGICOS NO AUXÍLIO AO COMBATE À DROGA

Essas afirmações apesar de não serem tão recentes identificam a importância da formulação e realização de trabalhos de promoção à saúde, tendo em vista a redução dos prejuízos causados pelo uso de álcool entre outros. E as instituições de ensino formal têm sido um espaço privilegiado para esse comércio de consumo de drogas.

Trazemos os resultados do VI Levantamento Nacional Sobre o Uso de Drogas Psicotrópicas Entre os Estudantes do Ensino Fundamental e Médio (SENAD, 2010), segundo o qual 42,4% dos estudantes brasileiros declararam ter consumido álcool no último ano e 9,9% terem feito uso de alguma droga (exceto álcool e tabaco).

Entre a educação e a saúde já é aconselhada em documentos oficiais da Política Nacional Sobre Drogas (BRASIL, 2005), os Parâmetros Curriculares Nacionais: temas transversais (BRASIL, 1997) e a Política Nacional de Promoção da Saúde (BRASIL, 2010). Mas, o que e observado são intervenções específicas, no formato informativo de palestras, realizadas principalmente por agentes extraescolares, como policiais e médicos, indicando a ausência de gestão e institucionalização das ações nas escolas (CANOLETTI; SOARES, 2005; RUA; ABRAMOVAY, 2001).

As Condições de Ensino, propõe intervenções intensas, duradouras e precoces, com o envolvimento dos pais e da comunidade (MOREIRA, 2006). Recentemente na Europa e EUA, o modelo Life Skills Training (habilidades para vida), onde a estratégia preventiva, que é utilizada em escolas, objetiva a instrumentalização dos jovens para aprender a lidar com sentimentos desagradáveis em situações conflituosas (FOXCROFT; TSERTSVADZE, 2011).

A escola é algo maior, do que esperamos dela, não está voltada apenas ao conhecimento do cálculo, escrita e leitura, também com o conhecimento do mundo e da vida. Aprender a ser, entender e interpretar, consiste em uma gama de valores, científico, éticos e morais, onde a integralidade tão desejada, é encontrada entre os muros da escola e na preocupação da seleção de conteúdos que os professores acreditam ser significativos para o aluno, no processo de ensino/aprendizagem.

METODOLOGIA

Nossa metodologia aborda essa temática, nas seguintes linhas de pesquisas, que são: quanto ao procedimento (pesquisa de campo), quanto à natureza (pesquisa aplicada), quanto à abordagem (pesquisa qualitativa) e quanto aos objetivos (pesquisa exploratória). Essa intervenção tem como objetivo, a orientação do uso do exercício físico como uma das ferramentas no tratamento para dependentes químicos.

Também argumentamos, a importância da otimização no atendimento das instituições que já existem, e a importância da construção de novos centros esportivos, convênios e parcerias com academias particulares e clubes, para o atendimento aos dependentes químicos com a finalidade de tratar a doença.

Para tal, investigamos pessoas de 18 – 65 anos, entre mulheres e homens, dependentes químicos ou que já viveram essa dependência. Ao total foram 43 sujeitos, sendo 41 homens e 2 mulheres. Essas entrevistas foram realizadas em três instituições que tratam dependentes químicos e 3 pessoas em suas residências particulares. A instituição “Dorcas”, complexo masculino localizado em Pium/RN e feminino em Nísia Floresta/RN, com um total de 15, sendo 13 homens e 2 mulheres; a instituição “Nova Aliança” complexo masculino, localizada em Pium/RN, com um total de 25 homens. Foram entrevistados em suas residências 3 pessoas do sexo masculino.

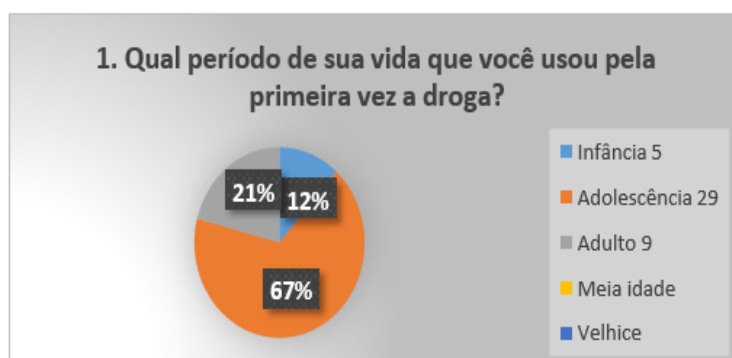
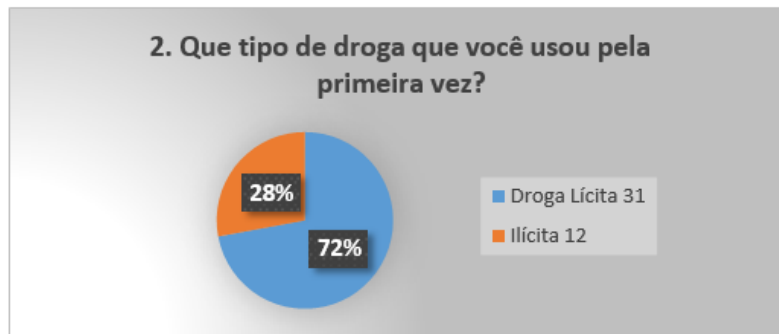
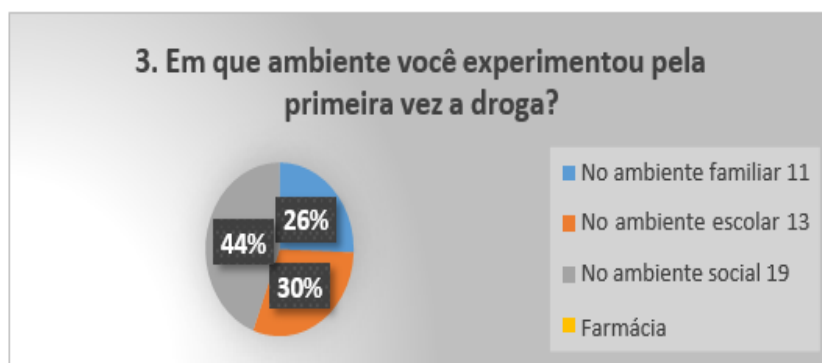
Quanto ao tipo de questionário utilizado nesta pesquisa, usamos o questionário “fechado”, onde foram elaboradas doze perguntas, que vinhessem a esclarecer de forma mais concreta a importância da prática do exercício físico, no tratamento de dependentes químicos. Também consideramos no questionário, a causa do seu vício e a importância de investimentos em políticas públicas no tratamento de sua doença. Foi seguido um cronograma, onde partimos de uma problemática. Se a “drogadição” é determinada como uma doença fatal, e o exercício físico proporciona ao dependente químico uma ação tão importante quanto os medicamentos, porque o estado não ampliou mecanismos para atender esses grupos?

Antes de ser convidado a participar da pesquisa, foi garantido aos participantes o seu total anonimato, tanto a identidade quanto a imagem física. Essas garantias foram firmadas através de uma conversa prévia, sendo usado TCLE, onde o objetivo deste documento, foi esclarecer e proteger o sujeito da pesquisa, assim como, o pesquisador,

por este meio manifestar seu respeito à ética no desenvolvimento do trabalho, onde foi elaborado em duas vias, sendo uma cópia para o sujeito da pesquisa e outra para o pesquisador.

Nas imagens, foi aplicado recurso de técnicas que não fossem possíveis o sujeito ser identificado, como fotos por trás do entrevistado e de frente para o entrevistador. No TCLE, foi apenas obrigatório sua assinatura, já os documentos ficaram facultativos, de darem a numeração ou não, essa decisão facilitou as entrevistas, pois, eles não se sentiam confortáveis com a ideia de cederem os documentos, por desconfiança e outros por não terem.

Ao final, estes resultados foram contabilizados para serem discutidos em resultados e discussão, diante do esclarecimento que contempla o artigo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste gráfico, podemos ver que é na fase da adolescência que se destaca o início do consumo de drogas. A princípio é pela fase de rebeldia que os jovens vivenciam, as influências, os hormônios à flor da pele e a curiosidade crescendo cada vez mais. A porcentagem no grupo da infância é menor, pelo fato dos pais ainda terem um certo controle sobre as crianças.

As drogas lícitas são o início e a porta de entrada para outras drogas. Grande parte das pessoas que começaram a usar drogas mais pesadas, começaram com bebidas alcoólicas, tabaco e remédios.

O gráfico mostra que no ambiente social, com amigos, colegas, conhecidos etc. O ambiente social, é o que mais traz influências para a curiosidade do uso de drogas. Já no ambiente familiar, é triste sabermos que no antro onde a família vive, onde criam e crescem seus filhos, muitas vezes até de forma involuntária, dão exemplos negativos de estímulo ao uso da droga que refletem em seus filhos. Como o consumo da bebida alcoólica, tabagismo, etc. No ambiente escolar, o uso se inicia, muitas vezes, pela influência de seus colegas.

Neste gráfico podemos ver que a curiosidade pelo proibido, é o que mais influenciou o seu vício. Deu para entender a relação identificada no gráfico e pela conversa com os dependentes químicos, que o uso das drogas é uma junção de tudo. Influência, revolta, curiosidade, rejeição, desejo de ser aceito, entre outros. Mas, a curiosidade e os amigos são fatores de grande influência.

Grande parte dos entrevistados já praticaram algum esporte. O campeão foi o futebol de campo ou na areia. Segundo eles, não por ser o mais atraente, mas sim, o único que puderam vivenciar, ou seja, o mais acessível a eles.

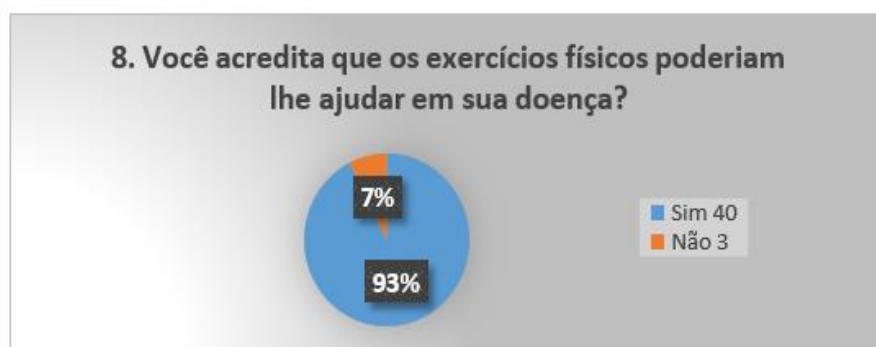
Apenas parte dos entrevistados afirmaram que praticam sim, como finalidade de tratamento auxiliar. O "não" e "às vezes", divide um espaço bem próximo, que de certa forma influencia negativamente no resultado de seu tratamento, por ter uma ferramenta a menos na profilaxia de sua doença.

7. Você se sente disposta a praticar alguma atividade física simples diariamente?

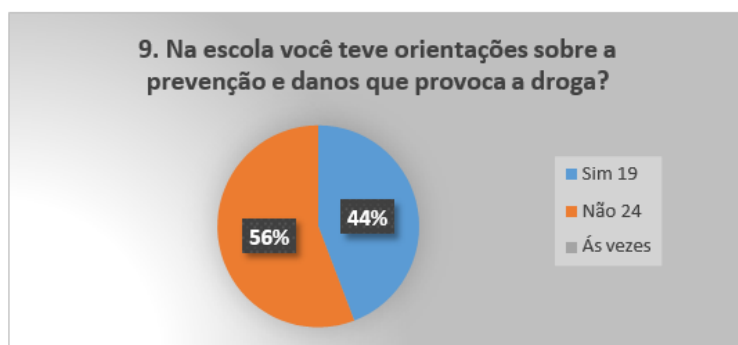
19%
9%
72%
Sim 31
Não 4
Ás vezes 8

Grande parte disse que se sente disposto a praticar exercícios ou atividades físicas diariamente. As pessoas que disseram que “às vezes” ou “não” praticam, afirmaram que não se sentem confortáveis, suponho que a desanimação é efeito da abstinência da droga. É um processo longo de desintoxicação, que gera alguns efeitos desanimadores e procrastinatórios.

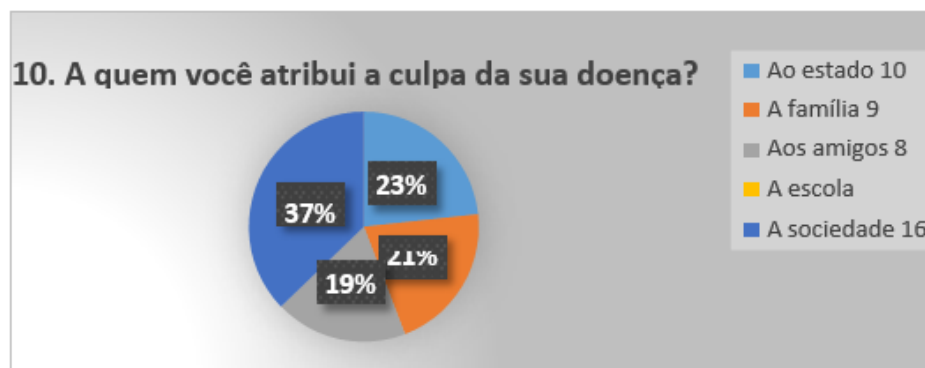
8. Você acredita que os exercícios físicos poderiam lhe ajudar em sua doença?

7%
93%
Sim 40
Não 3

No gráfico acima mostra que grande parte acredita que os exercícios físicos podem sim ajudar no tratamento da doença, e afirmaram que ajuda tanto na parte fisiológica, estética, como sendo um meio de ocupar a mente e até mesmo ajuda na parte do controle de ansiedade. E acrescentaram, que ajuda na ambientação e socialização com os outros internos, passa a ser um meio de conhecer melhor os outros, ou seja, o exercício físico tem a proximidade não apenas com o físico, fisiológico e mental como também com a relação afetiva e social.

9. Na escola você teve orientações sobre a prevenção e danos que provoca a droga?

Sim 19
Não 24
Ás vezes
44%
56%

Quase houve um empate nessa questão. Mais da metade disse que nunca houve preocupação na parte de prevenção aos danos que provoca a droga. Não há uma preocupação de fato com essa temática. As palestras raramente quando acontecem, é mais para estatística de que estão fazendo o seu trabalho, ajudando de forma superficial, do que realmente é importando de fato. São eventuais e pontuais as campanhas nas escolas.

10. A quem você atribui a culpa da sua doença?

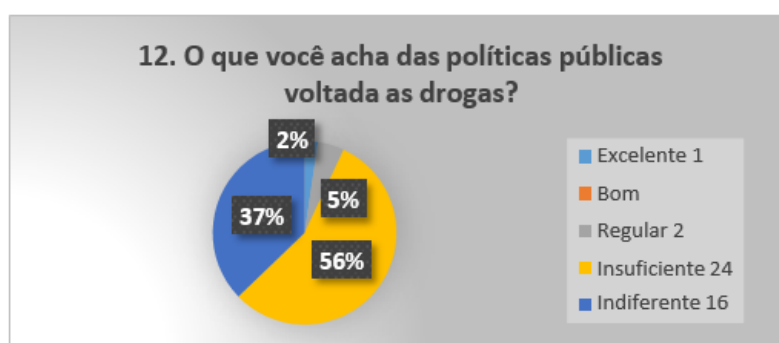
Ao estado 10
A família 9
Aos amigos 8
A escola
A sociedade 16
23%
21%
19%
37%

Esse gráfico ficou muito dividido. Alguns atribuem a culpa à sociedade, por ser tão egoísta com pessoas que precisam de oportunidades e são tidas como sujeitos duvidosos. A família quando não dá atenção e direcionamento necessário aos jovens, de certa forma contribuem para a revolta e o sentimento de rejeição dos mesmos, e acabam contribuindo de forma involuntária no começo do uso das drogas desses jovens. Os amigos quase sempre têm muita influência sobre os outros amigos, e assim sucessivamente. O estado é culpado, no ponto de vista dos entrevistados, pelo fato de não dar assistência o suficiente para suas crianças e jovens, desde da fiscalização do comércio, programas de prevenção, secretarias capacitadas, escolas voltadas a uma campanha anual e não eventual, entre outros. Como dizia Pitágoras: “Educai as crianças e não será preciso punir os homens”.

11. Você já foi internado(a) para tratamento de sua doença?

16%
84%
Sim 36
Não 7

A maioria dos entrevistados tem pelo menos duas ou mais passagens por casas e clínicas de tratamento. A outra parte, teoricamente foi a primeira vez.

12. O que você acha das políticas públicas voltada as drogas?

2%
5%
37%
56%
Excelente 1
Bom
Regular 2
Insuficiente 24
Indiferente 16

Na última questão, 24 pessoas acham que é insuficiente o tratamento e a importância que os municípios, estados e o governo federal dão para as pessoas que precisam ser tiradas das ruas, precisam de auxílio e tratamento para dependentes químicos. Resultado,16 entrevistados acham que eles são indiferentes com as pessoas que precisam de ajuda, não reconhecem a gravidade do problema que vivem. 2 acharam que as políticas públicas são regulares, tentam de alguma forma, mesmo que mínima, fazerem sua parte. 1 achou excelente.

No Rio Grande do Norte, as políticas públicas apresentam poucas vagas para uma grande demanda. “Apesar da nova lei antidrogas já estar oficialmente em vigor desde sua publicação no Diário Oficial da União, sua implementação nos serviços de saúde, na prática, ainda deve demorar para acontecer. Ao todo, no Rio Grande do Norte, existem nove Centros de Atenção Psicossocial da modalidade Álcool e Outras Drogas – CAPS-AD, dos quais deles dois deles são tipo 3, organizados para funcionar durante 24h e fornece leitos de acolhimento para os pacientes” (TRIBUNA DO NORTE, 2019).

Esse é um dos maiores problemas, pois, o tratamento desse tipo de doença é diferente de outras doenças, a retirada dele da rotina, que quase sempre é próxima dos pontos de acesso do produto que o prejudica é comum. Sendo assim, é corriqueiro as recaídas, além das dificuldades e descredibilidade que estes têm com os familiares e comunidade.

Este artigo traz em seu problema, interesses que transitam em nossos costumes e em nossa economia, que as pessoas e o sistema não abrem mão.

Os resultados mostraram, nas questões "1", "2", "3", "10", "11" e "12", que tanto a família quanto o estado, não têm cumprido seu papel como deveriam, o início dos danos se dá através da aceitação da família e a falta de fiscalização e liberação do estado no uso de drogas Lícitas, como: cigarro e álcool, como algo positivo e liberal, essa é a referência que a família e o sistema proporcionam as crianças e adolescentes hoje no RN.

O Estado arrecada impostos e proporciona empregos em massa, gastando muito pouco com o prejuízo que provoca, esse comércio ainda gera muitas vantagens, pois, enquanto ganharem mais do que investem em políticas públicas e no tratamento com os danos, será uma via lucrativa e sem fim.

Quanto às questões, "4", "5", "6", "7", "8" e "9", que tratam do esporte, da vida social que envolve a escola e os amigos. É sabido que o sujeito em sua formação, é uma esponja ansiosa para aprender e vivenciar conhecimentos diversos, tanto positivo na sua vida quanto negativo, a inexperiência e a vulnerabilidade passam a ser fatores de risco para crianças e jovens, que são onde apresentam nos resultados deste artigo, serem o início do descobrimento da droga. Quanto ao exercício físico, identificamos que é tão importante na prevenção como tratamento dos dependentes químicos.

Os amigos que já vivenciaram, passam a ser a referência para estes jovens que não conhecem a dimensão do problema em que estão se metendo. Em alguns poucos casos, acontecem nas escolas, devido à fiscalização de gestores, professores, coordenadores e funcionários. Essas fiscalizações deveriam acontecer em bares, festas, shows, entre outros, que são pouco fiscalizados, o comércio atende sem selecionar os que podem comprar ou não, o único critério é, quem tem dinheiro ou não para comprar. A sociedade é conivente e o estado é insuficiente, indiferente e não coíbe insistentemente, é assim que esta pesquisa identificou uma das problemáticas.

Segundo Taffarello, “objetivamente não existem critérios que distinguem drogas lícitas e ilícitas, apenas a descrição legal de ambas, o que torna o entendimento muito ambíguo, mediante a afirmação de que as drogas lícitas, como álcool e tabaco, são igualmente prejudiciais ao ser humano, com um potencial danoso maior que a maioria das drogas ilícitas. Então a lógica parece não prevalecer nesse caso e sim o pensamento capitalista que suprime os malefícios das drogas legais em prol do lucro e do comércio” (TAFFARELLO, 2009).

A droga em nossa sociedade passa a ser um problema invisível na medida em que atende aos ideais sociais de consumo, onde os danos são desprezados quando se trata da massa, e o indivíduo que já está em estado de dependência é lucrativo.

O sujeito já dependente químico, apresenta diversas complicações de fim voltado à saúde, e por sua vez tem complicações de cunho psiquiátrico e fisiológico, daí a importância dos exercícios com fim profilático e terapêutico. No marco teórico, foi justificado por autores e estudiosos a sua necessidade, também vimos as propostas que podem contribuir nesse tratamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse artigo tem como finalidade, promover maiores esclarecimentos em torno desta temática de ponto de vista Psicomotor, a intervenção que houve nos trouxe uma luz, para esclarecer a maioria dos pontos, sendo estes as problemáticas de cunho científico, que envolve as vertentes, políticas públicas e os exercícios físicos, que por sua vez, estão atrelados ao “exercício físico como uma das ferramentas no tratamento para dependentes químicos”.

Respondendo a problemática, já que o vício em drogas é um problema de saúde pública, e a “drogadição” é determinada como uma doença fatal, e o exercício físico proporciona ao dependente químico uma ação tão importante quanto os medicamentos, porque o estado não ampliou mecanismos para atender esses grupos?

Segundo a intervenção realizada através de questionário com 43 dependentes químicos, entendemos que o estado ainda não apresenta uma estrutura e programas adequados para atender a grande demanda, as fiscalizações que ainda só funcionam

através de denúncias, acabam favorecendo não só o crescimento de usuários como a impunidade dos que são favorecidos materialmente, comércio, arrecadação.

A falta de mecanismos metodológicos que ampliem mais o tratamento dos dependentes químicos, são limitados, o exercício físico que envolve a recuperação física e mental, traz a indicação que pode ser uma profilaxia considerável e importante, visto que, a resultados e depoimentos que afirmam estes, já se consolidam não apenas em artigos e programas de reabilitação, mas também entre estes que fizeram parte da pesquisa.

Este estudo interventivo, promoveu mais uma porta, como tantas outras utilizadas neste artigo, acreditasse que é de grande relevância tal temática para pesquisadores e estudiosos da área educacional e saúde, onde o pedagogo tem seu papel fundamental. É enriquecedor conhecer a realidade das pessoas "dependentes químicos", como também o que os levou a tal vício, quais os responsáveis e como podemos ajudá-los.

REFERÊNCIA

ABU-OMAR, K; RUTTEN, A; LEHTINEN, V. **Mental health and physical activity in the European Union.** Soz Praventivmed. 2004.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais.** Brasília: MEC, 1997. Disponível em: Acesso em: 07 nov. 2011. BRASIL. Ministério da Saúde. Política nacional sobre drogas. Brasília: Secretaria Nacional Antidrogas, 2005.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Política nacional de promoção da saúde.** 3. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2010. Disponível em: Acesso em: 22 julho. 2020.

CANOLETTI, Bianca; SOARES, Cássia Baldini. **Programas de prevenção ao consumo de drogas no Brasil:** uma análise da produção científica de 1991 a 2001. Interface, Botucatu, v. 9, n. 16, fev. 2005. Disponível em: Acesso em: 22 julho 2020.

PELUSO, M.A; ANDRADE, L.H. **Physical activity and mental health:** the association between exercise and mood. Clinics, 2005.

ROEDER, M.A. **Benefícios da atividade física para pessoas com transtornos mentais**. Rev Bras. Atividade física e saúde. 1999.

CEBRID. Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas. **Apresenta trabalhos brasileiros relacionados ao uso de substâncias psicoativas.** São Paulo; 2006 (citado 2006 Abr 08). Disponível em: https://www.cebrid.com.br/wp-content/uploads/2014/10/II-Levantamento-Domiciliar-sobre-o-Uso-de-Drogas-Psicotr%C3%B3picas-no-Brasil.pdf

FERREIRA, G.F. **Efeitos da atividade física no tratamento de dependentes químicos:** uma revisão de literatura. Revista Digital. Buenos Aires, Ano 15, Nº 166, Março de 2012.

FOXCROFT, David R; TSERTSVADZE, Alexander. **Universal school-based prevention programs for alcohol misuse in young people.** New York: Cochrane Collaboration: John Wiley & Sons, 2011.

MOREIRA, Fernanda Gonçalves; SILVEIRA, Dartiu Xavier da; ANDREOLI, Sergio Baxter. **Redução de danos do uso indevido de drogas no contexto da escola promotora de saúde.** Ciência e Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, set. 2006. Disponível em: . Acesso em: 22 julho 2020. .

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10:** descrições clínicas e diretrizes diagnósticas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

SERRAT, S. M. **Drogas e Álcool:** prevenção e tratamento. Campinas: Editora Komedi, 2001.

SENAD. **VI Levantamento nacional sobre o consumo de drogas psicotrópicas entre estudantes do ensino fundamental e médio da rede pública e privada de ensino nas 27 capitais brasileiras.** Brasília, DF: Cebrid, 2010. Disponível em: . Acesso em: 22 julho 2020.

SCHENKERL M, MINAYO MCS. **A importância da família no tratamento do uso abusivo de drogas:** uma revisão de literatura. Cad. De Saúde Pública mai-jun 2004 p. 649-59.

SCHENKERL M, MINAYO MCS. **A implicação da família no uso abusivo de drogas**: uma revisão crítica. Ciência & Saúde Coletiva 2003; 8 (1): 299-306.

SANCHEZ, ZVDM, Oliveira LG, Nappo. **As Razões para o não uso de drogas ilícitas entre jovens em situação de risco.** Rev. Saúde Pública 2005; 39 (4): 599-605.

SHER, L. **Role of endogenous opioids in the effects on light on mood and behavior**. Med. Hypoth. v.57, n.5, p.609-11, 2001.

SILVA, Ana Amélia Benedito et al. **II Levantamento domiciliar sobre drogas psicotrópicas no Brasil:** estudo envolvendo as 108 maiores cidades do Brasil. Centro Brasileiro de Informações Sobre Drogas Psicotrópicas, 2006.

RN POSSUI APENAS NOVECAPS-AD. **Tribuna do Norte**, 2019. Disponível em: http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/rn-possui-apenas-nove-caps-ad/451197. Acesso: 14/08/2020.

TAFFARELLO, Rogerio Fernando. **Drogas:** Falência do Proibicionismo e Alternativas de Politica Criminal. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, Faculdade de Direito, 2009.

CAPÍTULO III

TERAPIA FACILITADA POR CÃES: O USO DE CÃES EM ATIVIDADES RECREATIVAS NAS PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA EDUCAÇÃO INFANTIL AOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Antônio Washington de Oliveira Júnior
Fundase; Município de Arês/RN.
https://orcid.org/0009-0003-4905-4325
http://lattes.cnpq.br/9039261328601415
E-mail: hotball.esporte.brasileiro.rn@gmail.com
DOI-Individual: 10.47538/AC-2023.18-03

RESUMO: A educação significativa oferece diversas possibilidades para a inserção de novas relações entre o homem e os animais, por intermédio de terapias ocupacionais como o uso de cães com fins educacionais e terapêuticos. O objetivo desta dissertação é compreender as condições relacionais afetivas entre as crianças e os cães da raça Golden Retriever, utilizando a Terapia Assistida por Animais (TAA) e a Terapia Facilitada por Cães (TFC). Dessa forma, pretende-se observar os benefícios e influências cognitivas e afetivas nessa inter-relação entre o canino e o indivíduo nas atividades lúdicas e recreativas durante as práticas de educação física. O método desta proposta trata-se de um estudo do tipo descritivo/qualitativo, com o uso da TAA e do TFC, que foram utilizados com crianças de ambos os sexos, com idade entre 8 meses a 11 anos, durante as práticas recreativas na disciplina de educação física. Os autores citados (DOTTI, 2005; OLIVA, 2010 apud YAMAMOTO et al, 2012, MUÑOZ, 2014) são de grande relevância para este trabalho. Os resultados vieram por meio da participação dos alunos nas práticas de educação física, em que foi observado um aumento significativo de valores, como o afetivo e o relacional. No que diz respeito à TAA, está se mostrou eficiente, no entanto, um tanto complexa, necessitando de uma investigação mais aprofundada, no que se refere a questões como alergias e fobias, e cuidados com a higiene do animal e do material utilizado. Além disso, os resultados mostraram ainda a necessidade de o planejamento considerar se o cão possui aptidão para exercer essa função, observando se a raça é a indicada e se foi treinado e avaliado através de testes para tal situação.

PALAVRAS-CHAVE: Afetividade. Recreação. Terapia. Educação.

THERAPY FACILITATED BY DOGS: THE USE OF DOGS IN RECREATIONAL ACTIVITIES IN PHYSICAL EDUCATION PRACTICES FROM EARLY CHILDHOOD EDUCATION TO THE EARLY YEARS OF ELEMENTARY SCHOOL

ABSTRACT: Meaningful education offers several possibilities for the insertion of new relationships between man and animals, through occupational therapies such as the use of dogs for educational and therapeutic purposes. The objective of this dissertation is to understand the affective relational conditions between children and Golden Retriever dogs, using Animal Assisted Therapy (AAT) and Dog Facilitated Therapy (TFC). In this

way, we intend to observe the benefits and cognitive and affective influences in this interrelationship between the canine and the individual in playful and recreational activities during physical education practices. The method of this proposal is a descriptive/qualitative study, using TAA and TFC, which were used with children of both sexes, aged between 8 months and 11 years, during recreational practices in the discipline. of physical education. The cited authors (DOTTI, 2005; OLIVA, 2010 apud YAMAMOTO et al, 2012, MUÑOZ, 2014) are of great relevance to this work. The results came through the participation of students in physical education practices, in which a significant increase in values, such as affective and relational, was observed. With regard to TAA, it has proven to be efficient, however, somewhat complex, requiring further investigation, regarding issues such as allergies and phobias, and care with the hygiene of the animal and the material used. Furthermore, the results also showed the need for planning to consider whether the dog has the aptitude to perform this function, observing whether the breed is suitable and whether it has been trained and evaluated through tests for such a situation.

KEYWORDS: Affectivity. Recreation. Therapy. Education.

INTRODUÇÃO

Esta tese trata da integração entre os cães e as crianças, utilizando a ludicidade por meio de atividades recreativas através da educação física com o intuito de fomentar a afetividade na pessoa, sendo um dos grandes objetivos buscados, como facilitador do processo de ensino e aprendizagem.

A justificativa traz teóricos e várias pesquisas nacionais e internacionais que tratam dessa temática, que é a influência da afetividade impelida pelos estímulos positivos promovidos pelo TFC, sendo hoje uma realidade e uma afirmativa bastante plausível no que diz respeito à inovação metodológica para a educação; já que a afetividade apresenta um diferencial no processo de ensino-aprendizagem das crianças.

A motivação também é um dos fatores mais importantes, que também depende de estímulos, ou seja, é algo pessoal que parte da pessoa, no caso da criança, quando se trata delas o estímulo passa a ter um papel relevante em suas ações e em sua vida. Nesse sentido, para as crianças participantes, onde esta pesquisa pode trazer benefícios como a socialização, redução de sintomas como a ansiedade e o estresse, além de funcionar como estímulo emocional, causando sensação de conforto e bem-estar e possibilita a troca de afeto, entre a pessoa e o cão.

Trouxemos a problemática observada nas aulas práticas, "Quais contribuições a terapia facilitada por cães, podem promover as práticas corporais nas aulas de educação

física, da educação infantil aos anos iniciais do ensino fundamental, já que tal, estimula a capacidade afetiva que é um dos fatores de maior integração da pessoa em sua formação integral? ".

Existe uma considerável evasão nas práticas corporais nas aulas de educação física, principalmente por crianças em condições especiais, principalmente pelas pessoas dentro do espectro autista e TDAH.

As hipóteses para esse desinteresse podem ser, em função de aulas repetitivas, monótonas, previsíveis, pouco estímulo e ausente das relações afetivas espontâneas, ou seja, mal planejadas ou com poucos recursos que que contribuam ou até mesmo solucionem a problemática.

No capítulo um deste trabalho, trouxemos os objetivos, justificativas, problemáticas que pontuam o desinteresse pelas aulas práticas de educação física que gera grande evasão, e assim limitando o avanço nas condições psicomotoras relacionais que deveria ser estimulado nas mediações educativas, envolvendo os escolares em uma proposta atrativa, diferente e curiosa nas aulas de educação física, que contemplasse as capacidades psicomotoras relacionais dos educandos.

No capítulo dois, compartilhamos o marco teórico, onde comungamos com vários autores que abordam o assunto, que foi o nosso trabalho com os escolares, utilizando a Terapia Facilitada Por Cães (TFC), visando trazer uma forma atrativa, afetiva, diferente e curiosa nas aulas de educação física, que contemplassem as capacidades psicomotoras e relacionais dos educandos que se inter-relacionam pelas condições cognitivas, afetivas, motoras e sociais. Acabou por enriquecer e refinar a temática.

Já no capítulo três explicamos como aconteceu o trabalho, onde a pesquisa realizada foi de natureza quanti-qualitativa e do tipo exploratório. A metodologia empregada ocorreu por meio de um processo de formulação a longo prazo seguido de cronograma extenso e minucioso.

Também iniciamos uma seleção de raças, buscando a ideal para a função terapêutica educacional, onde foram realizados testes de temperamento, buscando-se filhotes mais indicados para serem coterapeutas nas escolas. Em seguida, buscou-se instituições que agregassem ao objeto de estudo, que era o escolar, uma proposta inovadora e diferente, sendo feita além da apresentação e convite, a entrega do Termo de

Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) a instituição e aos responsáveis pelas crianças que participaram da pesquisa, entre outras exigências metodológicas, que foram pré-requisitos para a realização da tese.

Apresentamos no quarto capítulo, a análise dos dados, onde o TFC vem como uma proposta moderna e imprescindível diante das necessidades de manifestação afetiva, onde cada vez mais nos isolamos e manifestamos menos ações afetivas, foi um dos pontos da análise, entre outros.

A discussão do capítulo cinco, trouxe vários pontos, que se deve a vários fatores, dentre eles, a vida moderna nas cidades, a cultura, a individualização cada vez mais presente na sociedade ocidental. Onde a solidão e o isolamento, vistos como traços da sociedade moderna e os animais, notadamente, os cães, de alguma forma, minimizam esses sentimentos, criando relações afetivas, nas quais foi possível obter benefícios dessa interação entre os homens e os animais.

No capítulo seis da conclusão, ressaltamos que ainda é de difícil mensuração e análise os aspectos positivos da convivência com animais de estimação, visto que lidam com sentimentos e sensações. Dessa maneira, diversos estudos teóricos vêm discutindo métodos e técnicas que se adaptem ao objeto de pesquisa, alertando sobre a necessidade de execução de estudos na área, no sentido de se esclarecerem os fatores envolvidos nessas interações e desvelarem, com exatidão, os benefícios advindos dessa convivência.

Também podemos concluir, que a TAA como o TFC, podem ajudar as pessoas, contribuindo em vários segmentos inseridos de forma metodológica nas práticas educacionais como, recreação e ludicidade, e sendo uma ferramenta a mais no processo de ensino-aprendizagem.

PROBLEMA DA PESQUISA

Quais contribuições a terapia facilitada por cães, podem promover as práticas corporais nas aulas de educação física, da educação infantil aos anos iniciais do ensino fundamental, já que tal, estimula a capacidade afetiva que é um dos fatores de maior integração da pessoa em sua formação integral?

OBJETIVO GERAL

Desenvolver a integração entre os cães e as crianças, utilizando o TFC e a ludicidade por meio de atividades recreativas nas aulas de educação física em sessões estruturadas com o intuito de fomentar a afetividade nas pessoas.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

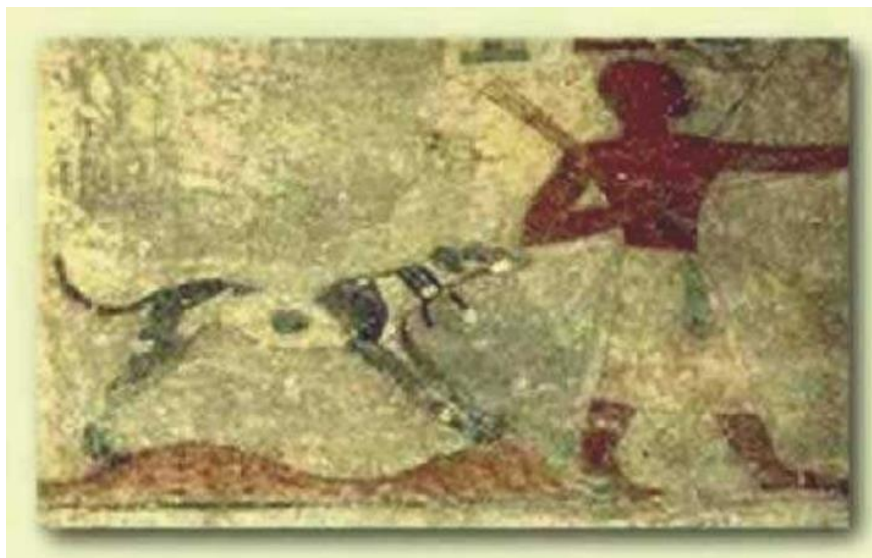
- Promover a relação entre o cão e a criança utilizando o TFC;
- Observar as manifestações que venham a contribuir no processo de ensino-aprendizagem;
- Analisar os resultados deste processo;
- Contabilizar os resultados significativos;
- Divulgar o trabalho em livros, periódicos, congressos, simpósios, seminários, entre outros.

O TFC nas aulas de educação física, com o intuito de atingir uma maior participação em suas práticas educativas com questões afetivas e integrativas.

RELATOS HISTÓRICOS SOBRE A DOMESTICAÇÃO DE ANIMAIS

A relação entre o homem e os animais vem de muitos anos atrás, desde a pré-história. A necessidade de estar acompanhado e manifestando afetos é uma condição dos mamíferos, principalmente do ser humano. Essa relação homem e animal foi registrada em algumas artes rupestres.

Um túmulo encontrado em Israel, com data de 12 mil anos atrás, talvez seja o registro histórico mais antigo até hoje da relação entre os homens e os animais. Nesse túmulo, foi encontrado o corpo de uma mulher idosa enterrada com a mão segurando um filhote de cachorro. Outras evidências parecidas foram descobertas na Jordânia e Turquia, há pelo menos oito mil anos da Idade Antiga (LANTZMAN, 2004). A domesticação de outros animais foi identificada ao longo da História. Segundo Pennisi (2002), em sítios arqueológicos de mais de 12.500 anos descobertos em Israel, por exemplo, foram encontrados esqueletos intactos de cães enterrados ao lado de humanos.

Figura 1 - Arte Rupestre: desde os tempos mais antigos o homem domesticava animais.

Fonte: Vieira (2000).

Da mesma maneira, no Egito, outras evidências também mostram que o vínculo do homem com o animal engloba todas as dinastias. Isso porque os deuses daquela época eram híbridos, em formas semi-humanas, com uma mescla de humanos com formato de animais em sua grande maioria. Na mitologia, encontra-se uma vasta gama de exemplos de deuses compostos de formas semi-humanas, além disso, a influência literária e religiosa também apontou para essa simbologia, em várias civilizações que se seguiram até o presente (LANTZMAN, 2004).

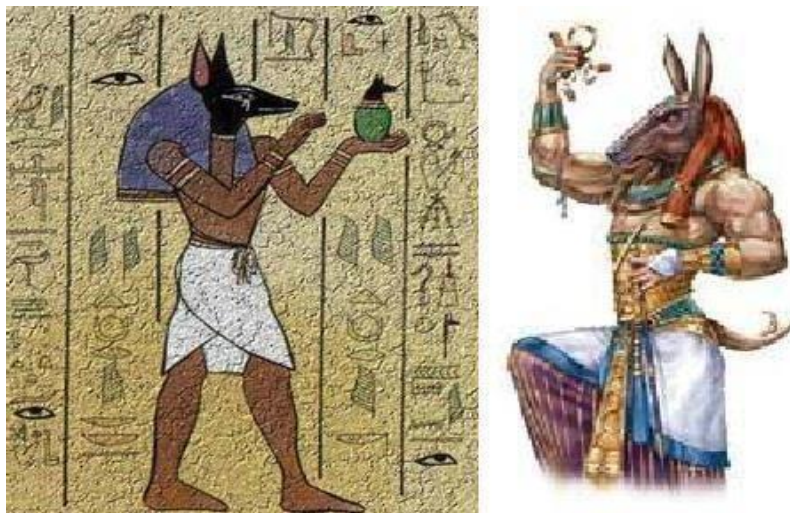
A influência dos animais em nossas vidas, além de caráter afetivo tem também uma relação mitológica e histórica. Os valores relacionados ao bem e o mal, e em especial a sorte e ao azar tinha conexão com os animais. Os filmes e livros mitológicos retratam bem essa ideia representada por grandes obras.

Dotti (2005) explica que os crentes do antigo Egito e de outras civilizações acreditavam que as divindades traziam proteção e esperança para suas vidas e que, por meio dessas figuras, o homem poderia evoluir espiritualmente. Dessa forma, essas divindades poderiam ajudar a encontrar a perfeição e o conhecimento do caminho fundamental para se atingir a felicidade eterna (DOTTI, 2005).

A felicidade, assim como a desgraça, é ressaltada em escrituras e artigos, mas a grande obra, que tem um peso histórico para humanidade, que é a bíblia sagrada, nela é

citado em vários versículos e passagens os animais e sua relação entre o homem e os animais.

Figura 2 - Anubis um dos deuses egípcios.

.

Fonte: Nunes (2008).

Desde o século XVII, há sinais da importância dos animais no processo de socialização do homem, fazendo com que houvesse uma mudança de comportamento, que acabou harmonizando ainda mais a relação entre o homem e o animal. A evolução dessa relação, aproximou esses dois mundos, em que os animais passaram das fazendas para os quintais e, por fim, migraram para dentro das residências (DOTTI, 2005).

As evidências históricas retratam de forma mais concreta uma relação de domesticação e relação afetiva entre o dono e seu animal, reforçando a ideia da importância destes no convívio junto às pessoas, acreditando que os mamíferos têm essa facilidade relacional com o humano.

TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS (TAA) OU ZOOTERAPIA

A Terapia Assistida por Animais (TAA) começou a ser relatada como tratamento médico no século XVIII, quando em 1792, na Inglaterra, foi utilizada por William Tuke de forma intuitiva no tratamento de doentes mentais. Na ocasião, utilizou-se a equoterapia, uma modalidade TAA, visando a melhora do controle postural, o equilíbrio e a coordenação motora de pacientes com distúrbios articulares. Nessa instituição, os

pacientes tinham permissão para cuidar de animais da fazenda como reforço positivo (De PAUW, 1984).

Nos Estados Unidos, em 1942, terapeutas passaram a fazer uso da zooterapia em pacientes com desordens físicas e mentais, observando os benefícios dessa prática. No Brasil, a partir de 1955, a psiquiatra Nise da Silveira foi a percussora da TAA, passando a empregar cães e gatos no processo de tratamento de pacientes mentais. Nos anos 1980, surgiram importantes estudos científicos, mostrando o benefício da interação com animais para a saúde humana.

Dois dos eventos mais significativos da história da terapia assistida por animais foram a publicação de Pet-Oriented Child Psychotherapy, em 1969, e a publicação de Pets and Human Development, pelo Dr. Boris Levinson, em 1972. Em seu artigo sobre TAA em psicoterapia infantil, Levinson relata que até aquele momento o uso dos animais em terapias eram coincidências. Na maioria dos casos, um animal de estimação foi envolvido por acaso na terapia e resultados benéficos foram notados no paciente. O autor afirma ainda que, em certos casos, os animais podem se tornar parte de um atendimento de sucesso e essa filosofia direcionou seus trabalhos para desenvolver metodologias adequadas no uso de animais em um ambiente terapêutico.

No Brasil, há um novo ciclo de interesse na terapia assistida por animais por volta dos anos 1990, período em que foram implantados os primeiros centros de atendimento de TAA. No ano 2000, foi realizada a 9ª Conferência Internacional sobre Interações Homem/Animal, no Rio de Janeiro, divulgando a prática e sensibilizando profissionais de diversas áreas para atuação e pesquisas científicas nas atividades e terapias assistidas.

Nesse contexto, a terapia assistida por animais (TAA) constitui-se no emprego de animais como ferramentas e instrumentos que

> Facilitam a abordagem e o estabelecimento de terapias de pacientes, tais como aqueles com necessidades especiais, crianças com distúrbios cognitivos ou emocionais e idosos. O termo tem sido recomendado pela Delta Society, para definir as terapias nas quais o animal é utilizado como motivador, em substituição a outras terminologias menos específicas, como *pet*-terapia ou zooterapia (DOTTI, 2005; OLIVA, 2010 apud YAMAMOTO et al., 2012, p. 569).

Conforme Yamamoto et al. (2012), esse tipo de terapia é reconhecido em diversos países do mundo, como uma técnica útil na socialização de pessoas, na psicoterapia, em

tratamentos de pacientes com necessidades especiais e na diminuição de várias causas da ansiedade. Outro benefício dessa abordagem terapêutica é que oferece auxílio terapêutico a pacientes com doenças graves, a pacientes idosos e a pessoas com necessidades especiais (OLIVA et al., 2007).

Assim, a Terapia Assistida por Animais pode ser definida como uma técnica com comprovação científica que visa, especificamente, utilizar o animal de estimação no contato entre humanos e animais.

A TAA é uma intervenção dirigida, visando atender de forma direcionada de acordo com a patologia e faixa etária, em que a principal ferramenta do processo de tratamento é o animal de estimação, que deve ser treinado com rigorosos padrões com relação ao comportamento e à saúde. Essa abordagem terapêutica se configura também como um método alternativo que abrange um espaço importante em diversos tipos de tratamentos terapêuticos.

O uso da TAA serve como um fator dinamizante do tratamento, modificando o ambiente e o cotidiano da terapia, já que por meio dos animais, os pacientes conseguem expressar seus sentimentos, pois estabelecem um processo chamado de identificação projetiva, no qual ocorre uma identificação com o animal.

ARTIGOS PESQUISADOS SOBRE TAA

Com base em extensa revisão bibliográfica realizada por Capote (2009), nesta seção, apresentaremos um resumo acerca dos principais estudos nacionais e internacionais abordando a Terapia Assistida por Animais, desde a década de 1970. Para a pesquisa, foram consultadas as seguintes bases de dados: Scielo, Medline, Pubmed e Google acadêmico, utilizando as palavras-chave, em português e inglês: animal assisted therapy (Terapia Assistida por Animais), vínculo homem-animal de estimação (bonding human-pet), pet terapy (pet terapia), terapia facilitada por animais (FTP).

Atualmente, utiliza-se o termo Intervenção Assistida por Animais (IAA) definido pela IAHAIO1 (Associação Internacional das Organizações de Interação Humano-Animal) como toda intervenção com objetivos orientados e estruturados que

intencionalmente incorpora animais aos campos da saúde e educação com a finalidade de obter ganhos terapêuticos em humanos.

Segundo a IAHAIO (2014), A IAA é composta por três categorias. Terapia Assistida por Animais (TAA): intervenção terapêutica com propósitos definidos e acompanhados por profissionais da área da saúde. Educação Assistida por Animais (EAA): intervenção com propósito definido por profissionais na área da educação. Atividade Assistida por Animais (AAA): intervenção e visitação informal, porém planejada, com propósitos motivacionais e recreativos.

Diversos estudos internacionais sugerem que os efeitos positivos da IAA incluem: modificação na percepção de dor e aceleração na recuperação em crianças no período pós-operatório (CALCATERRA et AL, 2015); diminuição nos níveis de estresse durante os procedimentos de punção venosa em crianças hospitalizadas, sugerindo que a presença do cão induz à sensação de bem-estar do paciente (VAGNOLLI, CAPRILLI et al., 2015); diminuição da sensação de dor em crianças hospitalizadas (BRAUN; STANGLER; NARVENSON; PETTINGELL; 2009); redução de estresse em crianças com Transtorno do Espectro Autista (REED; FERRES; VILLEGAS 2012); aumento do bem-estar e conforto em crianças hospitalizadas (CAPRILLI; MESSERI, 2006) entre outros.

Um estudo de meta-análise que reuniu 49 pesquisas com IAA comparou os efeitos dessa intervenção com outros tratamentos e indicou que os envolvidos na interação com os animais demonstraram maior satisfação e sorriram mais em relação a outros tipos de intervenção (NIMER; LUNDAHL, 2007).

ARTIGOS INTERNACIONAIS

Entre os artigos em revistas científicas internacionais, a pesquisa localizou 42 publicações relacionadas à área, entre os anos de 1973 a 2006. A seguir, será apresentado um resumo do teor desses estudos sobre a Terapia Assistida por Animais, com base em Capote (2009).

A seguir, o Quadro 1 apresenta a caracterização dos artigos internacionais acerca das pesquisas com TAA encontradas na literatura especializada pesquisada.

Quadro 1 - Apresentação da caracterização sobre os artigos internacionais.

ANO	AUTOR	TÍTULO	TEMA
2006	Sobo, Eng e Kassity-Krich	Canine Visitation (pet) therapy: pilot data on decreases in child pain perception	Dor e TAA
2006	Furst	Prison-based animal programs: a national survey	Revisão bibliográfica sobre prisão e TAA
2005	Thigpen, Ellis e Smith	Special education in juvenile residential facilities: can animals help?	TAA e jovens
2004	Geisler	Companion animals in palliative care: stories from the bedside	TAA e contribuições para o estado terminal
2003	Menzies Incorpo-rated	Animal Assisted therapy and young people- a review of selected literature.	TAA e jovens
2003	Barker, Pandurangi e Best	Effects of animal-assisted therapy on patients' anxiety, fear and depression before ECT	TAA e contribuições a situações de medo, ansiedade e
2003	Johnson, Mea-dows, Haubner e Sevedge	Human-animal interaction: a complementary/alternative medical intervention for cancer	Aspectos relacionados a TAA
2002	Martin e Farnum	Animal-assisted therapy for children with pervasive developmental disorders	TAA e a necessidade especial
2002	Kaiser, Spence, McGavin, Struble e Keilman	A dog and a "happy person" visit nursing home residents	A relação: idoso, cão e pessoa feliz
2002	Allen, Blascovich e Mendes	Cardiovascular reactivity and the presence of pets, friends and spouses: the truth about cats and dogs	Estresse e TAA
2002	Edwards e Beck	Animal-assisted therapy and nutrition	TAA e Alzheimer
2001	Kanomori, Su-zuki, Yamamoto, Kanda, Matsui,	A Day care program and evaluation of animal-assisted therapy (AAT) for the elderly with senile	TAA e demência
2001	Hoff e Bergler	The positive influence of dogs on children in divorce crises from the mother´s perspective and of the child-dog relationship from the child's	TAA e divórcio
2000	Bergman	*Opposing speciesism the bond: Newsletter of the SF/SPCA Animal Assisted Therapy*	TAA e paralisia
1999	Vidovic, Stetic e Bratko	Pet ownership, type of pet and socio-emotional development of school children	TAA e desenvolvimento infantile
1999	Odendaal	A physiological basis for animal- facilited psychotherapy	TAA e reações fisiológicas
1998	Bjerke, Odegargstuen e Kaltenborn	Attitudes toward animals among norwegian adolescents.	Attitude frente aos animais

ANO	AUTOR	TÍTULO	TEMA
1998	Triebenbacher	Pets as transitional objects: their role in children's emotional development	Animais como objetos transicionais
1998	Barker e Dawson	The effects of animal-assisted Therapy on Anxiety ratings of hospitalized psychiatric patients	TAA e pacientes psiquiátricos
1997	Poresky	Sex, childhood pets and Young adult's self-concept scores	Animais de estima- ção e auto-conceito
1996	Allen e Blascovich	The value of service dogs for people with severe ambulatory disabilities: randomized controlled trial	TAA e deficiência física
1993	Siegel	Companion animals: in sickness and in health	Ensaio teórico sobre vínculo homem- animal e TAA
1993	Raveis, Mesagn o, Karus, Gorey	Pet ownwership as a protective factor supporting the emotional well-being of cancer patients and their family members.	TAA e situações de estresse como Câncer do Companheiro
1991	Baun,Oettin g, Gergstrom	Health benefits of companion animals in relation to the physiologic índices of relaxation	TAA e seus benefícios
1991	Allen, Blascovich, Tomaka e Kelsey	Presence of human friends and pet dogs as moderators of automatic responses to stress	Estresse, amigos e cães
1990	Melson	Fostering inter-connectedness with animals and nature: the developmental benefits for children.	Animais e crianças
1990	Siegel	Stressful life events and use of physician services among the ederly: The moderating role of pet owner ship	Estresse, visitas médicas e cães
1990	Fraser	Companion animals and the promotion of	TAA e internação
1989	Kidd e Kidd	Factors in adults' attitudes toward pets	Vínculo homem- animal
1988	Poresky, Hendrix, Mosier e	Young children's companion animal bonding and adult's pet attitudes: a retrospective study	Auto-conceito e vínculo homem- animal
1987	Eddy, Hart e Boltz	The effects of service dogs on social ackowledments of people in wheelchairs	Deficiência física e cães
1986	Akiyawa, Holtzman e	Pet ownership and health status during bereavement	Benefícios dos cães
1985	Okoniewski e Zivan	Adolescent's perceptionsof human-animal relationships	Vínculo homem- animal e Benefícios
1984	Messent	Correlates and effects of pet ownership	Benefícios dos cães
1984	Beck e Katcher	A new lookat pet-facilitated therapy	Ensaio teórico

ANO	AUTOR	TÍTULO	TEMA
1983	Lockwood	The influence of animals on social perception	Percepção de ado-lescentes a situações com ou sem cães
1983	Ory e Goldberg	The influence of animals on social perception	Idosos e cães
1983	Kellert, Westervet	Historical trends in American animal use and perception	Ensaio teórico vínculo homem- animal
1982	Levinson	The future of research into relationships between people and their animal companions	Ensaio teórico
1980	Friedman, Katcher, Lynch e Thomas	Animal companions and one- year survival of patients after discharge from a coronary care	TAA e cirurgia cardíaca
1974	Mugforde M'Comisky	Some recent work on the psychotherapeutic value of cage birds with old people	Contribuições vínculo homem- animal e idosas
1973	Ainsworth	The development of infant- mother attachment	Ensaio teórico

Fonte: Capote (2009)

Entre tantos artigos nacionais e internacionais, em sua maioria observamos que a contribuição dos animais tem um papel especial, onde existe uma conexão fiel entre a pessoa e seu pet. As interações manifestadas entre o que promove e o que sente, são reações afetivas de influência que contribui para um produção interior, que podemos entender fisiologicamente como sensações no aumento de um quantitativo de hormônios, que são manifestados com as ações prazerosas diante da relação afetiva entre o toque e o carinho recíproco que os animais manifestam.

O primeiro artigo analisado, de Ainsworth (1973 apud CAPOTE, 2009), defende que o vínculo homem-animal é parecido com o vínculo entre mãe-bebê. Para o autor, existe uma conexão emocional que ultrapassa o espaço e o tempo, afetando o desenvolvimento humano.

Artigo de Mugford e M'Comisk (1974 apud CAPOTE, 2009) também aborda o vínculo homem-animal e trazem, pela primeira vez num estudo científico, o termo "social lubricant". Conforme esses autores, as pessoas idosas utilizam frequentemente assuntos relacionados aos seus animais de estimação como ponto central em conversas com familiares e amigos. "Deram a pessoas idosas que moravam sozinhas um pássaro ou uma

planta e verificaram que ter um pássaro estava associado a receber mais visitas" (CAPOTE, 2009, p. 15).

Nesse momento, os estudos acerca do vínculo do homem-animal começaram a ganhar importância. Friedman et al. (1980 apud CAPOTE, 2009) observaram pessoas que haviam sido submetidas à cirurgia cardíaca, fazendo uma relação entre o tempo de vida e o fato de possuírem ou não animais domésticos. O estudo indicou que as pessoas que eram proprietários de animais tiveram mais tempo de vida (94%), em relação com as que não tinham (72%), sugerindo uma correlação de maior sobrevida e vínculo com animais. Para os autores, "ser proprietário de algum animal está correlacionado com uma maior sobrevida depois de algum problema de saúde" (FREIDMANN et al., 1980 apud CAPOTE, 2009, p. 15).

Nos grupos onde estão inseridos os idosos, pode-se perceber que a relação afetiva é um fator manifestado, pois grande parte da vida nos promovemos a atenção e o cuidado com outros, como, amigos, filhos, netos, entre tantos. Ao envelhecermos, percebe-se que cuidar e ser afetivo, é uma necessidade inata humana, onde a prática de ato acaba nos impulsionando a canalizar ações, e os animais são essa fonte inesgotável.

O vínculo e a relação positiva estabelecida entre humanos e animais contribui para o desenvolvimento humano. Pesquisa realizada com idosas que moram sozinhas e possuem animais e se sentem afeiçoadas a eles mostrou que as mesmas se sentem mais felizes do que as idosas que possuem afeição aos animais. Estas se sentiam infelizes. (LEVINSON, 1982; KELLERT; WESTERVELT, 1983; ORY; GOLDBERG,1983 apud CAPOTE, 2009)

Com relação a adolescentes, estudo de Lockwood (1983) analisou a reação de jovens em situações em que precisavam expressar opinião sobre cenas que tinham pessoas que estavam com ou sem animais. Os adolescentes afirmavam quais pessoas, para eles, eram mais felizes, amigáveis, mais relaxadas, menos vulneráveis e menos perigosas. As cenas que continham animais foram as mais escolhidas por representar sentimentos positivos.

O estudo de Beck e Katcher (1984 apud CAPOTE, 2009) foi um marco por criticar as pesquisas realizadas até então por serem baseadas apenas em observações e estudos, sem possuir uma experimentação mais delineada. Para os autores, dessa forma, as

pesquisas não constataram os efeitos terapêuticos dos animais. Dessa forma, a partir desse momento, pesquisadores deram início a estudos com valor científico sistematizado em vários países, com grupo controle, número de sujeitos significativos, controle de variáveis, entre outros.

Nessa perspectiva, começaram a ser realizadas diversas pesquisas com esse viés. Messent (1984 apud CAPOTE, 2009) analisou pessoas passeando em parques com ou sem cães, verificando que a presença dos cães se associava a um aumento significativo da sociabilidade, com saudações e comprimentos entre as pessoas. Já Okoniewski e Zivan (1985 apud CAPOTE, 2009) constataram que a relação entre o homem e o animal contribui para o tratamento da depressão, diminuindo sentimentos de solidão e criando um ambiente de acolhimento e afeto.

As relações afetivas entre pessoas mais velhas e seus animais, acabam tendo um efeito terapêutico e ocupacional, influenciando na sua saúde e no comportamento. Grande parte das pessoas idosas, acabam se privando de sua vida social e afetiva, por não terem companhias em sua nova rotina de uma pessoa com limitações e necessidades especiais da idade, desta forma, o animal de estimação acaba ocupando o papel de acompanhante, onde interage e estimula suas necessidades funcionais, como, cuidar e atender as necessidades desse animal, que de certa forma, ocupa e promove gastos calóricos e emocionais a pessoa idosa, contribuindo em sua qualidade de vida.

Outra pesquisa observou como as idosas que não possuíam animais se queixavam mais frequentemente de problemas de saúde, como dores de cabeça, constipação, dificuldade de engolir, medos persistentes e pânico. Essas idosas também usavam mais medicamento psicotrópico quando comparado às proprietárias de animais (AKIYAMA; HOLTZMAN; BRITZ, 1986 apud CAPOTE, 2009).

Investigação de Eddy, Hart e Boltz (1987 apud CAPOTE, 2009) averiguou o reconhecimento social de estranhos a pessoas cadeirantes com e sem a presença de cães, mostrando que os primeiros recebem frequentemente mais atenção. Os pesquisadores observaram os comportamentos de pedestres em shoppings, supermercados e campus universitário, analisando quesitos como: sorriso, conversa, toque, olhar de aversão, não olhar e sem resposta. Verificou-se ainda que as conversas ocorriam a respeito do animal e que casos de não olhar ou olhar com aversão foi mais constatado com participantes do

grupo sem cães do que os que estavam com os cães. Após a observação, os autores realizaram entrevistas com os participantes do grupo sem cães que disseram ter se sentido invisíveis em público. De acordo com os autores, esse estudo mostra que o serviço de cães realmente contribui para a interação social de pessoas em cadeiras de rodas, além disso, ajuda a diminuir a rejeição social, a solidão e isolamento das pessoas cadeirantes.

Outro importante estudo foi realizado com crianças, verificando a relação entre a influência no autoconceito do adulto e a idade que a criança possui seu primeiro animal de estimação. Os adultos que tiveram animais de estimação com a idade abaixo de 6 anos ou acima de 10 anos foram os que demonstraram níveis de autoconceito maiores quando comparados com os que tiveram os animais com a idade entre 6 a 10 anos de idade (PORESKY et al., 1988 apud CAPOTE, 2009).

A questão das atitudes de afeição em adultos com relação à presença ou não de animais na infância também foi observado por estudo de Kidd e Kidd (1989 apud CAPOTE, 2009). Os resultados mostraram que adultos que possuíam animais na infância são mais afeitos ao animal que não proprietários. Por outro lado, adultos que tiveram animais quando criança ou adolescente são mais afeitos do que os que nunca tiveram animais ou quando tiveram quando adultos. A pesquisa também analisou a questão de gênero e estado civil, em que as mulheres se mostraram mais afeitas do que os homens; enquanto os solteiros são mais afeitos que os casados.

Estudo de Fraser (1990 apud CAPOTE, 2009) ressaltou o aumento na interação social e ajuda no enfrentamento de doenças, após observar pacientes de um hospital mencionando ter sentido conforto, amor incondicional, oportunidade de distração e aceitação com a presença dos animais no ambiente hospitalar. Por outro lado, Siegel (1990 apud CAPOTE, 2009) identificou que proprietários de animais têm menos necessidade de ir a consultórios médicos do que não proprietários. A pesquisa foi realizada no período de um ano, percebendo que os animais ajudam seus proprietários em momentos de estresse. Dessa maneira, os participantes não proprietários de animais tinham uma maior quantidade de eventos estressantes, o que levava, consequentemente, a um aumento no número de visitas médicas. O mesmo não tendo ocorrido com os proprietários de animais.

A influência dos animais, retratados nestas pesquisas que dão suporte a este estudo, mostram que a evolução nas comprovações científicas, trazem relatos reais que a contribuição afetiva da relação da pessoa com seu pet, promove efeitos cientificamente aceito pela medicina, tanto que alguns hospitais aceitam a presença deles, em suas instalações como uma tentativa de melhorar sua condição de saúde.

A importância da natureza e dos animais no desenvolvimento das crianças foi observado por Melson (1990 apud CAPOTE, 2009, p. 18), por entender que "experiências de cuidar e proteger seres vivos podem promover sentimentos de auto eficácia e percepção de vínculo positivo". Para o autor, ter ou mesmo interagir com um animal contribui para que crianças desenvolvam o cuidado e proteção a um ser vivo, pois muitas vezes eles não têm essas experiências, ao contrário das meninas. "Animais e plantas dependem de pessoas para o seu desenvolvimento senão morrem. Este desenvolvimento é primordial para o desenvolvimento de um ambiente familiar estruturado e uma sociedade sã" (MELSON, 1990 apud CAPOTE, 2009, p. 18).

Em 1991, investigação de Allen et al. (apud CAPOTE, 2009, p. 18-19) observou a reação de mulheres em uma situação estressante e a influência de suportes sociais como amigas e cães, como relata a autora:

> Neste experimento, executaram procedimentos laboratoriais para medir o estresse em uma situação de desafio-aritmética mental. Incluíram também a pesquisa de campo (casa dos participantes) para saber a diferença do estresse em ambos os locais. Tentaram eliminar variáveis que em outros estudos não estavam claros como, forma adequada de medir o estresse, o local e animais utilizados (animais conhecidos dos participantes).

As participantes foram escolhidas de acordo com as seguintes categorias: ser proprietárias de cães, não fumantes, declaração de plena saúde e que não tomavam nenhum tipo de medicação e que se classificavam como "afeiçoadas aos animais" (CAPOTE, 2009). Após essa seleção, foram feitas medidas fisiológicas como pulso, pressão sanguínea e pele para medir o nível de estresse.

> As participantes eram instruídas a sentar e descansar por 10 minutos enquanto os instrumentos eram calibrados. Os suportes sociais cães e amigas ficavam a uma distância estabelecida do participante e não podiam tocar, afagar ou falar com a mesma. As participantes quando foram acompanhadas pelos cães tiveram reações fisiológicas menores para estresse quando comparada a presença da amiga. Aparentemente, as participantes sentem-se menos ameaçadas psicologicamente quando

> na presença dos cães. Na presença de amigas exibiram reações fisiológicas maiores relacionadas ao estresse e performance pobre nas respostas de aritmética (CAPOTE, 2009, p. 19).

O relato demonstra que as mulheres reagiram de forma mais tranquila e com menos estresse a partir do momento em que estavam acompanhadas pelos animais. Os autores discorrem que as mesmas se mostraram menos ameaçadas na presença destes do que quando acompanhadas de amigas.

Corroborando com esse estudo, Baun, Oetting e Gergstrom (1991 apud CAPOTE, 2009, p. 19) defendem que algumas atividades como fazer o paciente "acariciar, pentear e jogar bola para o cão são ótimos exercícios de coordenação de movimentos, ajudam a controlar o estresse, diminuem a pressão arterial e reduzem os riscos de problemas cardíacos".

A atividade ocupacional que usa o cuidado dos animais como ferramenta de promoção à saúde mental, é uma estratégia muito usada e que apresenta bons resultados, que pode ser observada em pessoas que convivem e interagem diariamente no trato e na relação extrínseca e intrínseca com o animal.

De outro ponto de vista, Raveis et al. (1993 apud CAPOTE, 2009) indicaram que a companhia de animais, como cães e gatos, traz inúmeros benefícios em situações de estresse. Como exemplo, os autores citam a situação em que uma pessoa está acompanhando doença grave com seu cônjuge.

Em artigo, Siegel (1993 apud CAPOTE, 2009, p. 19-20) aborda diversos aspectos relacionados ao vínculo homem-animal, mostrando que até então o número de pesquisas empíricas ainda não era significativo.

> De acordo com a literatura pesquisada, os estudos são divididos em: 1) ocorrências naturais com proprietários de animais; 2) estudos em que os animais são introduzidos como uma forma de intervenção. Relata que as pesquisas do primeiro grupo são em menor número, mas tendem a ser mais consistentes metodologicamente e são realizadas com pessoas mais velhas (nos EUA há 26 milhões de americanos acima de 65 anos de idade que não estão hospitalizados ou em asilos, são pessoas que vivem sozinhas e possuem animais). As do segundo grupo são executadas com indivíduos institucionalizados como asilos, hospitais psiquiátricos e prisões. Na época o termo utilizado para descrever a intervenção com animais era "pet facilitated therapy" (PFT).

Para esses autores, as formas de intervenção e como as pesquisas são realizadas não deixam claro as vantagens e desvantagens desta terapia, pois a maioria da literatura sobre PFT detalha conclusões fundamentadas em impressões clínicas.

Como observa-se, os autores fazem uma reflexão crítica da literatura até aquele momento, afirmando que a maioria dos achados está presente em conferências, mas não são sujeitos a uma revisão com observação atenta e intensa. Isso porque as pesquisas não incluem grupo controle e não mostram detalhes sobre a execução das mesmas, divulgando somente os resultados, ou seja, não utilizam os critérios exigidos para uma pesquisa científica.

"Os sucessos "dramáticos" da PFT são frequentemente citados, mas não são dadas considerações sobre o número de participantes que a terapia pode não ter sido efetiva" (CAPOTE, 2009, p. 20). Assim, a maioria dos trabalhos executados não inclui na amostragem pessoas que não tem afeição por animais.

Nos anos 1990, investigação de Allen e Blascovich (1996 apud CAPOTE, 2009, p. 21) discutiu acerca da relação entre a TAA e pessoas com necessidades especiais, verificando:

> A validade do serviço de cães para pessoas com quadro de deficiência severa e crônica na área motora e cognitiva como atrofia muscular, esclerose múltipla, traumatismo craniano, afasia, quadriplegia, problemas com atenção e memória e que necessitavam de cadeira de rodas. Os autores decidiram investigar este fato devido à grande necessidade em desenvolver a independência destas pessoas pois necessitam de familiares, amigos ou cuidadores para receberem assistência e, muitas vezes, não há compreensão de suas necessidades. Pesquisadores relatam também que essas pessoas têm níveis baixos de autoestima e níveis altos de depressão devido às atitudes negativas, estereótipos e estigmatização da sociedade. Os cães podem suprir necessidades sociais e pessoais como, abrir e fechar porta, ajudar a se vestir, procurar e pegar objetos, puxar a cadeira de rodas, ajudar a fazer compras, salvar pessoas em caso de fogo ou emergência entre outras.

Participaram da pesquisa pessoas que se interessavam pelo serviço de cães e precisavam da assistência de outras pessoas em vários aspectos. Assim, os participantes foram unidos de acordo com a idade, gênero, estado civil, raça, natureza e severidade das deficiências. O estudo seguiu uma rigorosa e sistemática metodologia, formando-se 24 pares (=48), separados em grupo controle (lista de espera) e grupo experimental. Este

recebeu treinamento pelo serviço de cães depois de um mês do início do estudo, já o grupo de controle recebeu após 13 meses. Os resultados mostraram que

> Houve mudanças significativas em todos do grupo experimental comparados com os do grupo controle, antes da inserção dos cães para este grupo. E houve mudanças significativas em todos os participantes dos dois grupos depois da inserção dos cães para o grupo controle. Psicologicamente, todos os participantes mostraram mudanças substanciais em autoestima, controle interno e bem-estar psicológico em seis meses após receberem o serviço de cães. Socialmente, todos os participantes mostraram mudanças similares na integração com a comunidade. Demograficamente, todos os participantes mostraram aumento da frequência na escola e/ou no emprego por meio período. Economicamente, todos os participantes mostraram grande diminuição no número de horas de assistência paga ou não. Não houve mudança significativa na variável de estado civil. Os autores concluem que o serviço de cães pode ser altamente benéfico e potencialmente efetivo para a independência de pessoas com deficiências físicas (CAPOTE, 2009, p. 21).

O estudo foi validado e demonstrou como o serviço dos cães pode contribuir para mudanças significativas e positivas na vida das pessoas com deficiência física.

A literatura especializada continua as pesquisas a respeito de como a terapia assistida por animais pode ser benéfica para indivíduos de vários segmentos sociais. Seguindo o que já havia sido observado anteriormente em pesquisa do mesmo autor (PORESKY et al., 1988 apud CAPOTE, 2009), em 1997, foi realizado estudo com 394 estudantes para determinar a influência de animais de estimação no autoconceito de adultos, mostrando que:

> Não houve mudanças significativas em relação a sexo, tipo de companhia animal. Constatou que foram interações muito significativas. Os resultados demonstram que a interação desses adultos quando crianças com seus animais e a influência no autoconceito adulto é uma relação complexa que muitas vezes estudos experimentais não são capazes de registrar (PORESKY, 1997 apud CAPOTE, 2009, p. 22).

Vale ressaltar, que este estudo traz um quantitativo considerável de pessoas que buscam de ver ou perceber, os efeitos afetivo e comportamental por um viés até mesmo social, que quase sempre não associamos. As relações entre o animal e a pessoa, é de cunho recíproco afetivo, não dono nem mesmo parente, é uma associação de troca de afeto, atenção e cuidado.

Quando se ver e ouve pessoas manifestarem posicionamentos arredio, com comparações de efeito moral depreciativa as atitudes humanas comparada as atitudes animais, sendo uma frase bem comum nos meios de comunicação, “prefiro animais do que pessoas”, percebe-se que essa pessoa compara um cão com atitudes humana, provavelmente de cunho emocional que influenciou sua fala. Esta atitude pode ser entendida, que as relações entre a pessoa e o cão, de certa forma, se aproximam da conexão afetiva que existe nesse elo, só violável por suas partes.

Grande parte das pesquisas relacionam a psicologia, a psiquiatria, a fonoaudiologia, a educação, entre outros. Mas o ponto incomum entre essas áreas da saúde e educação é a saúde mental, a relação que envolve o comportamento e a afetividade está em sua maioria presente neste cenário.

Figura 3 - Centro de Natal/RN no Dia 7 setembro 2022 assistindo o desfile na rua Salgado Filho.

Fonte: Fotografia tirada pelo autor.

A foto acima, retrata uma necessidade de ter alguém que o perceba como fundamental em sua vida, ambas as partes têm suas particularidades afetivas e sociais de interesse próprio da espécie e de cunho emocional, mas para essa pessoa retratada nesta foto, este animal é sua medicação para o tratamento da sua saúde mental. Hoje a psiquiatria, observou quanto essa relação entre o homem e o cão é fundamental, assim

como é prescrito os remédios também em muitos casos são indicados acrescentar os animais nas vidas das pessoas com diagnósticos psiquiátricos.

Na linha de estudos acerca da TAA e sua relação com os tratamentos psiquiátricos, Barker e Dawson (1998 apud CAPOTE, 2009, p. 22) examinaram como a TAA contribuiu na redução dos níveis de ansiedade em pacientes com diferentes diagnósticos psiquiátricos divididos em categorias: depressão, bipolar; esquizofrenia; uso de substâncias e outras.

> Foram executadas duas etapas uma após a outra - Terapia assistida por animais (participação do paciente, cão-terapeuta e dono do cão executando atividades que abordaram temas a respeito do cão, interação cão-paciente e foram ensinados comandos de obediência) e atividades de recreação (foram abordados temas: “como gastar o tempo de lazer”, “como aumentar a qualidade dos recursos de lazer na comunidade” e foram feitas atividades com música e artísticas). As atividades de recreação ajudaram a reduzir os níveis de ansiedade apenas nos pacientes da categoria depressão e bipolar.

Os autores relatam como as atividades realizadas com os animais colaboraram para a melhoria dos pacientes com problemas psiquiátricos, como depressão e bipolaridade.

Pesquisa de Triebenbacher (1998 apud CAPOTE, 2009, p. 23) com 94 meninos e 80 meninas da pré-escola, averiguou se as crianças usam os animais como objetos transicionais e este contribui para o bem-estar emocional das mesmas, em que:

> Verificou que 70% eram proprietárias de animais. Elas responderam questões sobre percepção da amizade entre eles e os animais; atividades executadas com os animais; como um comunica amor para o outro; aspectos sobre como os animais propiciam amor, segurança e suporte emocional. Elas percebem seus animais como amigos especiais, importantes membros da família e que propiciam interação social, afeição e suporte emocional. Concluíram que os animais têm a função de objetos transicionais pois as crianças indicaram claramente que a melhor forma de demonstrar amor é pela afeição e eles trazem bem-estar emocional.

De outra forma, Bjerke, Odegargstuen e Kaltenborn (1998 apud CAPOTE, 2009, p. 23) realizaram uma pesquisa minuciosa com mais de 560 jovens, entre 9 e 15 anos de idade, verificando suas atitudes diante de animais conforme os seguintes itens: moralista, ecologista, naturalista, negativista, autoritário.

> Os resultados demonstraram que a maioria é humanista (interesse e afeição por animais principalmente por animais de estimação). Meninas

> mais velhas são moralistas (argumentam sobre o que é certo e errado no tratamento aos animais com forte oposição à exploração e crueldade aos animais) e negativistas (evitam animais com indiferença, medo e aversão) e os meninos mais velhos são naturalistas (interesse e afeição pela vida selvagem e ao ar livre) e autoritários (interesse na dominação e controle dos animais, principalmente em situações esportivas).

Os autores mostraram que há uma diferença entre as meninas e meninos, com relação aos itens pesquisados. Outra pesquisa tentou perceber os mecanismos fisiológicos da interação com animais, demonstrando que, após 15 minutos de interação positiva, "há mudanças positivas nas beta-endorfinas, prolactina, dopamina e oxitocina" (ODENDAAL, 1999 apud CAPOTE, 2009, p. 23).

Capote (2009) ainda cita estudo desenvolvido por Vidovic, Stetic e Bratko (1999) sobre as características sócio-emocionais de crianças que possuíam ou não animais de estimação. A pesquisa, contou com 425 meninas e 401 meninos, identificou as seguintes variáveis: vínculo, orientação pró-social, empatia, percepção do clima familiar, ansiedade e isolamento. Os resultados demonstraram que ocorrem efeitos importantes em relação à empatia, orientação pró-social e vínculo com os proprietários. "As crianças que tinham altos índices de vínculo com os animais percebiam o clima familiar significativamente melhor que crianças com pouco vínculo" (VIDOVIC; STETIC; BRATKO, 1999 apud CAPOTE, 2009, p. 24).

Pacientes que possuíam paralisia total ou parcial do corpo e receberam ajuda de animais foram observados em estudo de Bergman (2000 apud CAPOTE, 2009, p. 24), mostrando resultados positivos: "Os animais despertaram a vontade de retomar a vida, ajudaram na depressão, recuperação da fala e movimentos, constituindo uma motivação para o tratamento".

A influência positiva dos cães para crianças que passaram por situação de divórcio dos pais foi tema de outro estudo. As crianças informaram que os cães se tornaram uma companhia indispensável nesses momentos é um verdadeiro "amigo que pode confiar e dizer problemas; uma companhia que propicia atenção; é uma importante ajuda quando a preocupações pois distrai com brincadeiras; ajuda em momentos de solidão" (HOFF; BERGLER, 2001 apud CAPOTE, 2009, p. 24).

A influência da TAA em idosos com demência em um hospital dia foi verificada por Kanamori et al. (2001), em que os participantes foram separados em dois grupos (controle e experimental) e em seis sessões, duas vezes por semana, em que

> O grupo experimental foi formado por sete (7) participantes com idade média de 79 anos, os quais já haviam tido experiências anteriores com animais e gostavam de animais - intervenção de TAA. O grupo controle foi constituído por 20 idosos com média de idade de 83 anos e não tiveram TAA. Nos dois grupos, os participantes apresentaram funcionalidades física e cognitiva semelhantes e a partir destes dados foram feitas linhas de base. Foi aplicado o teste minimental antes e após a TAA para os grupos, experimental e controle. Foi executada uma entrevista com familiares. Analisaram estresse endócrino por meio da análise da saliva dos pacientes antes e após o final da intervenção para o grupo experimental. Verificou-se que houve diminuição no nível de estresse após TAA, mas os autores questionam se os resultados foram alcançados devido à TAA ou a outras intervenções no hospital (KANAMORI et al, 2001, apud CAPOTE, 2009, p. 24-25).

A questão dos idosos também foi retratada em pesquisa de Kaiser et al. (2002 apud CAPOTE, 2009) quando compararam os comportamentos pró-sociais de idosos de um asilo em relação à visita de uma pessoa feliz e de um cão. Os pesquisadores relataram que:

> As sessões tiveram duração de cinco minutos durante três semanas sendo observados comportamentos não verbais (balançar as mãos, sorriso, dar tapinhas, movimentos de aproximação, virar a cabeça para ver a visita, olhar, beijar e movimentos de comando para aproximação) e verbais. O comportamento pró-social foi examinado para determinar se eles eram consistentes com a preferência de escolha. Foram selecionados 20 idosos - 10 preencheram o termo de consentimento livre e esclarecido, 10 não quiseram participar e 5 não puderam participar devido a problemas de saúde, estavam dormindo no momento da visita ou outras. Eles não podiam ter algum tipo de demência e precisavam ficar sentados por pelo menos 10 minutos. As sessões aconteceram uma vez por semana e tiveram duração de 5 minutos durante 3 semanas, foram gravadas, uma das pesquisadoras conduziu os cães e 4 observaram as sessões. Foram observados comportamentos não verbais (balançar as mãos, sorriso, dar tapinhas, movimentos de aproximação, virar a cabeça para ver a visita, olhar, beijar e movimentos de comando para aproximação) e verbais (CAPOTE, 2009, p. 25).

Como resultados, foi observado que o comportamento de balançar as mãos foi executado somente uma vez, sendo assim, não foi incluído na análise final. No entanto, o estudo mostrou que todos os participantes tendiam a dar bem mais tapinhas nos cães (86 vs 1) do que na pessoa feliz. Os idosos também se movimentaram para se aproximar das visitas humanas semelhantemente aos cães (24 vs 28), contudo, eles realizaram 159

comportamentos pró-sociais dentro das categorias estabelecidas para os cães em relação a 72 para as pessoas.

> Foi feita uma análise sem a categoria dar tapinhas e os resultados foram semelhantes (103 vs 109). Quanto às preferências, 3 não tiveram preferência (gostaram de ambas as visitas), 1 preferiu o cão e 1 a pessoa feliz. Todos os participantes deram mais tapinhas nos cães do que nas pessoas, mas o idoso que mais fez esse movimento não escolheu o cão como preferido. Ele não teve preferência. O comportamento de sorrir também foi executado com mais frequência pelos idosos em relação aos cães, mas não foi possível contabilizar os números, pois não apareceu nas gravações (CAPOTE, 2009, p. 26).

Isso mostra que os comportamentos pró-sociais foram similares para ambas as visitas, o que permite inferir que a visita do cão traz benefícios aos idosos de forma semelhante à da pessoa. A exceção é com relação ao ato de “dar tapinhas”, pois os idosos o fizeram com mais frequência nos cães do que nas pessoas, apenas um idoso fez esse movimento na visita humana. Para os autores, esta dissonância ocorreu pelo fato de que é mais aceitável socialmente fazer esse comportamento com cães do que com pessoas. Outro fato é que os idosos precisam satisfazer a necessidade de toque, que traz conforto, e essa necessidade pode ser mais fácil de obter com os cães. “O cão provê a necessidade de tocar e ser tocado. Não puderam constatar qual o melhor do ponto de vista dos idosos, mas podem concluir que a visita do cão é benéfica semelhantemente a da pessoa” (KAISER et al., 2002 apud CAPOTE, 2009, p. 26).

Um novo estudo com idosos, aprofundado por Edwards e Beck (2002 apud CAPOTE, 2009, p. 27) investigou a atuação da TAA na nutrição em pacientes com Alzheimer, verificando que:

> “À doença de Alzheimer está aumentando assustadoramente e métodos para prevenção e tratamentos que são desenvolvidos são, muitas vezes, ineficazes. O baixo peso que esses indivíduos apresentam devido à doença aumenta a severidade do quadro e a progressão da doença. A perda de peso pode ser causada devido ao aumento no gasto de energia devido à agitação, atividades repetitivas, andar constante e perambulação. Participaram do estudo 62 idosos com idade média de 80 anos, divididos em grupo controle e experimental. No grupo controle, foi inserida uma figura de um oceano, no ambiente de alimentação e atividades e no grupo experimental foi inserido um aquário com peixes. Foi feita uma linha de base antes de iniciar a intervenção com as variáveis dependentes - massa corporal e peso da alimentação diária. Não houve diferença nas variáveis antes e após a introdução da figura para o grupo controle”.

Os autores relataram que o grupo experimental demonstrou um significativo aumento das variáveis dependentes observadas na pesquisa.

A questão de doenças continuou sendo tratada por pesquisadores como Allen, Blascovich e Mendes (2002 apud CAPOTE, 2009), que analisaram a influência de animais de estimação, amigos e companheiros de matrimônio nas reações cardiovasculares para estresse psicológico e físico. Os autores fizeram estudos com gatos, primeiro, e, em seguida, com cães, usando métodos e procedimentos idênticos para ambos, evidenciando que:

> Receberam suporte social em diversas situações-sozinho; com animal (quando eram proprietários de animais) / amigo (quando não eram proprietários de animais); com companheiro; com companheiro e animal/amigo. Participaram 120 pessoas casadas (60 homens e 60 mulheres), com idade média de 41,5 anos. Todos eram saudáveis, tinham pressão sanguínea normal e nenhum tomava medicação para o coração. Metade dos participantes tinha um bicho de estimação e a outra metade não o tinham em pelo menos 5 anos atrás. Para estes participantes foram selecionados amigos próximos de mesmo sexo. O experimento foi feito na casa dos participantes devido à dificuldade de os animais entrarem em hospitais e nos laboratórios das universidades e porque os experimentadores acreditam que o lar é o ambiente apropriado para se fazer uma pesquisa a respeito de suporte social (CAPOTE, 2009, p. 27).

Conforme os autores, os instrumentos utilizados como questionário para avaliar as atitudes dos animais, inventário de relações próximas, escala para medir hostilidade, lista de suporte interpessoal, inventário multidimensional de agressividade e questionário de dados demográficos. Com relação às medidas fisiológicas, foram observados os batimentos cardíacos e a pressão sanguínea. Para os comportamentos foram medidos os erros e acertos durante o teste de matemática.

> Antes de iniciar a intervenção, foram medidas as taxas cardíacas e pressão sanguínea como linha de base. Os animais ficavam livres no local do experimento e amigo/companheiro ficavam sentados a uma distância pré-determinada do participante e podiam dar suporte durante o teste como quisessem. Não foi observada diferença significativa nos resultados dos dois estudos - gatos e cães. Não houve diferença significante no grupo de proprietários de animais quanto à idade, educação e ausência de crianças em casa. Os proprietários de animais apresentaram maiores índices no teste de relações próximas do que os não proprietários. As mulheres que têm animais relataram ter menos reações agressivas e mais suporte social comparadas àquelas que não têm. Durante o teste mental de aritmética, os proprietários de animais exibiram menores taxas de batimentos cardíacos e de pressão comparadas com o outro grupo. Percebeu-se que a presença do

> companheiro resultou em melhores resultados que nas outras condições (CAPOTE, 2009, p. 27).

O estudo também comprovou que não houve divergência entre o grupo de não proprietários nas diferentes situações de suporte. Contudo, no caso dos proprietários, "a presença do companheiro com o animal terminou em reações mais significantes do que com apenas o animal e, menos significantes do que com apenas o companheiro" (CAPOTE, 2009, p. 28).

Os autores mostraram que as pessoas que possuíam animais manifestaram taxas menores de pressão arterial quando comparados aos não proprietários e que os animais ou animais e companheiros contribuíram para diminuir significativamente os batimentos cardíacos quando comparado à presença somente do companheiro.

> Proprietários responderam ao teste mais rapidamente do que os não proprietários. Na condição sozinha foi mais demorada que nas outras situações e com os animais foi mais rápido que nas outras situações. Assim, os autores verificaram que os donos de animais retornam aos níveis da linha de base mais rapidamente. Os animais podem ajudar a diminuir o estresse e diminuir a percepção de estresse (CAPOTE, 2009, p. 29).

Esse estudo foi importante por mostrar a reação das pessoas que possuíam ou não animais com a presença dos mesmos, corroborando pesquisas anteriores que mostravam que a presença de animais contribui para a diminuição do estresse.

Sob outra perspectiva, Martin e Farnum (2002 apud CAPOTE, 2009) realizaram estudo com 10 crianças com idade mental de 2 a 6 anos e diagnóstico de: Asperger, autismo, sem diagnóstico específico. Na ocasião, foram feitas 45 sessões individuais, três vezes por semana, em atividades empregando bola, cachorro de pelúcia e cão.

> As sessões tinham a duração de 15 minutos e eram gravadas. Foram avaliadas duas categorias de comportamentos: comportamento gestual (responder questões com a cabeça, olhar para o experimentador, para o objeto, tocar etc.) e comportamento verbal (responder questões com sim, não, murmúrios, chorar, sorrir, repetição etc.). A interação com cães parece ter trazido benefícios positivos- as crianças sorriam mais, brincavam e houve aumento na atenção. Engajavam-se mais nas conversas sobre cães (CAPOTE, 2009, p. 29).

Os autores ressaltaram que as crianças também conversavam menos sobre tópicos do protocolo do que nas outras situações, corroborando com o experimento, visto que os animais tinham a função de manter o interesse e o foco das crianças, olhando menos ao redor, focando mais o cão e iniciando conversas.

Johnson et al. (2003 apud CAPOTE, 2009, p. 29) realizaram estudos com pacientes com câncer que utilizavam várias técnicas tidas como "alternativas (quando usam este procedimento em substituição ao convencional) ou complementares ao tratamento convencional". Esses pacientes utilizavam essas técnicas visando diminuir os efeitos da doença e do tratamento, para ter uma melhor qualidade de vida e objetivando ser ativo no tratamento e no processo de cura. Assim, a relação homem-animal ajudaria a alcançar estes objetivos, já que pode ajudar na distração, focar no positivo e como suporte social, que são conteúdos utilizados pelos pacientes. Capote (2009, p. 30) relata a organização do estudo:

> Assim, participaram do estudo 30 pessoas com idade entre 27 e 75, hospitalizadas para tratamento de câncer, mas não paliativo. Separadas em grupos que receberam 15 minutos de sessão com a presença de um cão, um amigo (instruído a manter conversação descontraída, com eventos corriqueiros, sem discussão a respeito da condição do paciente, terapia, prognóstico, religião, filosofia, política ou tópicos relacionados à saúde em geral) ou leitura em silêncio de revista (selecionada pelos pesquisadores e não tinham conteúdos sobre câncer, saúde, religião, autoajuda, técnicas alternativas etc.). A maioria dos participantes morava em casa própria (27), 18 eram casados, 6 moravam sozinhos e 6 com outras pessoas, 17 eram proprietários de animais.

Ao final, os pacientes responderam perguntas sobre o que acharam mais importante na sessão, se recomendavam ou não uma sessão similar para outras pessoas e o que a sessão ajudou (de que forma) ou não entre outras. Os resultados foram mais positivos para as sessões com cães e amigos do que para a leitura, em que:

> Os participantes consideraram os cães e amigos como contribuintes de ajuda para o tratamento. O grupo com cães deu respostas mais positivas em comparação aos outros grupos e a maioria dos indivíduos respondeu que os animais ajudaram o tratamento a ser mais fácil e sentirem-se melhor. Os participantes afirmaram que os cães são como confidentes e são amigos, querem conversar com outros a respeito dos cães, querem ter a visita em suas casas e querem lembrar desta sessão quando saírem do hospital, o que não ocorreu com o grupo de amigos. Os cães confortaram, fizeram sentir-se feliz e deram energia mais do que os amigos. O grupo com revista viu as sessões como positivas, mas sendo algo para passar o tempo (CAPOTE, 2009, p. 30).

Mesmo com esses resultados positivos, os autores salientaram que não consideram significativo o pequeno número de participantes e esta técnica deve ser explorada mais como alternativa ou complementar ao tratamento do câncer, uma vez que ainda não está claro quais são as contribuições trazidas em comparação com outras técnicas como, a musicoterapia, hipnose, massagem (CAPOTE, 2009).

Com o objetivo de identificar se a TAA contribui para a redução do medo, ansiedade e depressão em pacientes psiquiátricos antes da terapia eletroconvulsiva, Barker, Pandurangi e Best (2003 apud CAPOTE, 2009) compararam 15 minutos de sessão de TAA com 15 minutos de sessão de revista. Como resultados, verificou-se que: "a TAA pode ser um caminho no tratamento para diminuir o medo (diminuição de 37%) e a ansiedade (diminuição de 18%). A TAA não demonstrou ser eficaz para a depressão" (CAPOTE, 2009, p. 31).

Em outra perspectiva, pesquisa constata que a TAA pode ser efetiva para muitas crianças e adolescentes que cresceram em ambientes hostis (negligência, abuso, rejeição), determinando que "vantagens desse trabalho executado em fazendas, pois pode possibilitar variedade de animais, plantas e atividades e ainda contribuir para a interação entre as pessoas", segundo Menzies Incorporated (2003 apud CAPOTE, 2009, p. 31).

A TAA também foi avaliada a partir de histórias de alguns pacientes, concluindo-se que animais de estimação podem contribuir para melhorar a qualidade de vida de pessoas em estado terminal. Conforme Geisler (2004 apud CAPOTE, 2009, p. 31), os animais possibilitam a contribuição específica para os cuidados no "final da vida", tais como ajudar a comunicação, revisão da vida e fé. Além disso,

> coloca em tópicos pontos importantes para encorajar o uso de animais de companhia em hospitais, como: incluir histórias de animais na entrevista inicial (essa atitude pode ajudar ao paciente aceitar a visita do mesmo); oferecer a visita do animal como parte do programa; incluir o animal na facilitação da comunicação no estágio terminal o que permite a pessoa conversar com o profissional sobre assuntos importantes e que muitas vezes não se sente à vontade com familiares e amigos (CAPOTE, 2009, p. 31).

Isso significa que os animais de companhia favorecem a comunicação nesse momento de pacientes terminais, contribuindo para a expressão de sentimentos difíceis e conflitantes. Outro estudo observou o tratamento de crianças com desordens emocionais e comportamentais, descrevendo o histórico, limitações e estudos acerca da AAA e TAA, verificando que "agrupar animais a pode ajudar a aumentar as habilidades intelectuais" (THIGPEN; ELLIS; SMITH, 2005 apud CAPOTE, 2009, p. 32).

Ainda no escopo das pesquisas realizadas com pacientes, Sobo, Eng, Kassity-Krich (2006) analisaram a atuação da TAA no manejo da dor em um hospital pediátrico, com 25 pessoas, entre 5 e 18 anos de idade. Muitas vezes, mesmo medicadas, as crianças

permanecem sentindo dores moderadas a severas no pós-operatório e diversas pesquisas vêm desenvolvendo métodos para avaliar a dor (que é subjetiva) e intervenções eficazes. Nesse sentido, a pesquisa com TAA aplicou entrevista e escala para avaliar a percepção física e emocional da dor pelas crianças, antes e após intervenção. Segundo Capote (2009, p. 32),

> Houve uma reflexão dos participantes sobre a experiência de TAA após a intervenção. As crianças participantes não podiam ter alergia a animais. Participou um cão da raça old west highland white terrier fêmea e seu dono (este só conduzia o cão, não interagia com o participante). Nas intervenções, os participantes decidiam que tipo de interação gostaria de ter com o cão - passiva (o cão sentaria ou dormiria com a criança), menor interação (cão faz truques), e alta interação (faz atividades com o cão, como passear e brincar). A TAA trouxe diminuição na percepção da dor física e emocional dos participantes.

Além disso, os resultados mostraram que os animais possibilitaram "alegria, interação, divertimento, lembrança de casa, companhia, calma e melhora da dor", de acordo com Capote (2009, p. 32). As narrativas trouxeram visões diversas, em que mais apontado foi que o cão conseguiu fazer com que as crianças se distraíssem da dor e da situação hospitalar, trazendo também alegria, divertimento e entretenimento. Embora tenha sido realizada com uma amostra pequena, a pesquisa confirma os benefícios relatados na literatura e demonstram que a TAA pode ser utilizada em conjunto com outras técnicas para aliviar a dor.

Dentre os artigos encontrados na bibliografia pesquisada, por fim, temos o estudo de Furst (2006 apud CAPOTE, 2009, p. 33), que fez uma revisão de literatura a respeito de programas com animais em prisões, verificando que:

> "As pesquisas empíricas nessa área são escassas. O trabalho com animais nas prisões está sendo executado na maioria dos Estados americanos; o animal mais usado ainda é o cão (o que está contribuindo para diminuir os animais soltos nas cidades); é executado mais frequentemente nas prisões masculinas e esses trabalhos começaram a se estabelecer depois de 2000. Algumas pesquisas demonstraram que houve diminuição no sentimento de isolamento e frustração, melhora da autoestima, estresse e comportamentos violentos".

Esse estudo afirmou ainda que uma quantidade considerável de presos que participou dessa experiência com os animais, principalmente com os cães, não volta a cometer crimes e, assim, não retorna ao sistema prisional depois de cumprida a pena.

No geral, os artigos internacionais mostram que diversos autores desenvolveram, ao longo das últimas décadas (de 1973 a 2006), relevantes estudos, enfocando a terapia assistida por animais. Esses estudos foram realizados com diversos segmentos sociais, como crianças, adolescentes, idosos, muitas vezes sendo pessoas com problemas de saúde ou limitações físicas e mentais. Ao final, os 42 artigos relacionados à área com diferentes abordagens mostraram os desafios e benefícios da TAA.

ARTIGOS NACIONAIS

Ao analisar a literatura nacional especializada, constatou-se que, no período pesquisado, foram encontrados seis artigos relacionados ao assunto, demonstrando que ainda há uma escassa publicação na área.

> Comparando os artigos internacionais e nacionais, verifica-se uma nítida discrepância entre ambos, relacionados a quantidade de artigos publicados (AI= 42 e AN= 6); início das publicações (os internacionais começam desde a década de 70 e os nacionais a partir de 2003); e rigor metodológico (verifica-se que as publicações nacionais citadas podem ser consideradas como relatos de experiência diferentemente da grande maioria dos internacionais) (CAPOTE, 2009, p. 38-39).

Nesse sentido, observa-se que no Brasil, atualmente, existe uma ampla quantidade de reportagens e matérias jornalísticas, mostrando os benefícios dos animais para o homem e sobre a TAA, no entanto, a publicação de artigos científicos precisa aumentar, com sistematização e rigor metodológico. O Quadro 2 traz a caracterização dos artigos nacionais publicados.

Quadro 2 - Apresentação da caracterização sobre os artigos nacionais.

ANO	AUTOR	TÍTULO	TEMA
2007	Porto e Cassol	Zooterapia uma lição de cidadania: o cão socializador e a	TAA e violência
2007	Godoy e Denzin	Atividades assistidas por animais: aspectos revisivos sob um olhar	AAA e pedagogia
2006	Mendonça	Terapia Ocupacional assistida por animais por cães em	TAA e idosos
2005	Bussoti, Leão	Assistência individualizada: posso trazer meu	AAA e câncer
2004	Amorim et al.	Valorizando a vida e cidadania através da	TAA e paralisia

2003	Kawakami e Nakano	Relato de experiência: terapia assistida por animais (TAA) - mais um recurso na comunicação	TAA e a necessidade especial,

Fonte: Autor

A pesquisa a respeito da literatura nacional traz estudo de Kawakami e Nakano (2003 apud CAPOTE, 2009), que fizeram um trabalho de TAA em instituições de saúde especializada em educação para crianças com várias síndromes; em abrigo de idosos; em um espaço para crianças com câncer; e, em um abrigo para crianças com HIV. “Observaram que, com as visitas dos animais, os pacientes ficaram mais alegres, motivados, conversaram mais entre si e com outras pessoas e ainda possibilitaram aprendizado” (CAPOTE, 2009, p. 37).

Acerca da paralisia cerebral, Amorim et al. (2004 apud CAPOTE, 2009) relataram um caso clínico de uma criança, que foi tratada via TAA, acompanhado por terapeutas ocupacionais, por oito meses, com uma sessão por semana, cada uma com duração de 40 minutos. Foram utilizados instrumentos como anamnese e medida de independência funcional (MIF). Os familiares informaram que a criança havia perdido a motivação com o tratamento, deixando de cooperar em outros tratamentos e impossibilitando seu desenvolvimento. Com o início do tratamento, a criança apresentava uma dependência de 48%, verbalização fraca, não dialogava constantemente e manifestava insegurança. Ao utilizar a TAA, o objetivo inicial foi a psicomotricidade, linguagem verbal, autoestima e confiança, e os resultados mostraram 81% no desempenho de atividades funcionais e maior segurança, concluindo-se que:

> A TAA é provida de oportunidades, permitindo ao praticante aprender novas tarefas e comportamentos, o que pode levar ao aumento do potencial para a resposta adaptativa necessária na organização das tarefas cotidianas (saúde, lazer e educação). Além da relação de afeto que se desenvolve, do estímulo ao período sensório motor, do toque das mãos, do sentir, do explorar o corpo do animal e observar suas reações, muitos conhecimentos são adquiridos nessa interação homem-animal. É notória a inversão de papéis nessa construção do relacionamento, quando o paciente passa a cuidar do animal, estimulando a autonomia e responsabilidade. Cuidar da limpeza do bicho, da alimentação favorece o desenvolvimento do vínculo afetivo e do lidar com os mais diversos sentimentos, da frustração à alegria... (AMORIM et al., 2004, p. 25, apud CAPOTE, 2009, p. 37-38).

Esse estudo mostra como diversas atividades da TAA podem estimular pessoas com necessidades especiais, como no caso desse paciente com paralisia cerebral. Outra

pesquisa importante na área da saúde foi investigada por Bussotti et al. (2005 apud CAPOTE, 2009) que realizaram um estudo de caso clínico com paciente adolescente portadora de leucemia linfocítica aguda e estava internada há 46 dias, com diversas intercorrências e complicações, que vinham contribuindo para sintomas de depressão, além de ficar no hospital em várias datas comemorativas, como Natal e Ano Novo.

> A paciente solicitou a visita de seu cão (o cão foi presenteado pela família à paciente após a descoberta da doença e início do tratamento). As visitas por animais não faziam parte da rotina do hospital e dos funcionários, mas a equipe de enfermagem decidiu viabilizar a visita, pois argumentam que é de responsabilidade do enfermeiro a qualidade do atendimento e que deve ser utilizado recursos seguros e eficazes que garantam a recuperação do paciente. Perceberam que a visita do cão proporcionou um momento de alegria, descontração para a paciente e ainda contribuiu para uma assistência humanizada e com qualidade por parte dos profissionais envolvidos (CAPOTE, 2009, p. 38).

Uma revisão bibliográfica sobre a gerontologia e sua associação com a TAA demonstrou que questões para uma intervenção de TO (Terapia Ocupacional) assistida por cães agregado aos idosos. O autor mostrou que é possível ampliar e enriquecer as atividades e recursos dos profissionais junto aos idosos, quando se utiliza dessa terapia (MENDONÇA, 2006 apud CAPOTE, 2009). Em outro estudo, foi feito um ensaio a respeito da relação entre a TAA e a educação, argumentando que os animais podem ser considerado um "rico auxílio no trabalho pedagógico tanto com crianças normais como com as crianças especiais, contudo não se pode perder o foco da intervenção pedagógica ou daquilo que se quer e precisa alcançar", afirmaram Godoy e Denzin (2007 apud CAPOTE, 2009, p. 38).

Visando ajudar no tratamento de crianças que sofreram algum tipo de violência física ou psíquica, Porto e Cassol (2007 apud CAPOTE, 2009, p. 39) abordaram questões acerca do emprego da técnica da zooterapia e em trabalho desenvolvido em Porto Alegre, mostrando que:

> A TAA é utilizada por ser menos traumática, pois muitas vezes essas crianças tornam- se introspectivas e agressivas, dificultando o tratamento de recuperação. Interagindo com labradores, poodles e vira-latas, as crianças reforçam os vínculos afetivos, reaprendendo noções de respeito, autoestima e cuidado. Uma das crianças não falava, mas depois de três sessões executando atividades de jogar bola e acariciar, verbalizou as primeiras palavras depois do trauma da agressão.

Na síntese, viu-se que os estudos internacionais somam 42 estudos, enquanto os nacionais chegam a apenas 6 pesquisas, no período pesquisado. Assim, verifica-se a necessidade de o país incentivar o desenvolvimento de mais pesquisas científicas sobre a terapia assistida por animais (TAA). O Quadro 3 apresenta uma comparação entre os proprietários e a intervenção nos estudos internacionais.

Quadro 3 - Comparação das categorias levantadas por Siegel (1993): proprietários e intervenção para os estudos internacionais.

PROPRIETÁRIOS	INTERVENÇÃO
13	29

Fonte: Autor

Ao observar os estudos internacionais, é possível verificar que a investigação de Siegel (1993 apud CAPOTE, 2009, p. 39) não ocorre na atualidade (pesquisas feitas com proprietários de animais), pois

> Constata-se que há um maior rigor metodológico e científico, o que contribui para a compreensão do tema. Verifica-se que estes estudos são considerados uma intervenção, contudo muitos deles tentam investigar os benefícios dos animais para o ser humano sem a participação e direcionamento dos profissionais envolvidos. Muitas vezes, são pesquisas que buscam examinar os comportamentos dos participantes diante de situações que contam com a presença do animal.

Nesse sentido, as pesquisas desenvolvidas podem ser restritas a um rigor, deixando de explorar conteúdos diversos que podem ser relevantes para determinada clientela. Para Capote (2009, p. 40) verifica-se que existe uma carência de "estudos que demonstrem o efeito da relação homem-animal por tempo mais prolongado, atividades desenvolvidas para estimulação de determinado conteúdo, o qual seria, muitas vezes, necessário a presença de um profissional capacitado".

TESES E DISSERTAÇÕES

No que diz respeito às teses e dissertações a respeito da TAA, foram encontradas três relacionadas à área, demonstrando mais uma vez a escassez de pesquisas científicas e sistematizadas. No entanto, pesquisas de Faraco (2003) e Althauzen (2006), permitem um maior aprofundamento dentro da área relacionada à intervenção, além de se basearem

em rigor metodológico nas suas pesquisas. O Quadro 4 mostra a relação de teses e dissertações encontradas:

Quadro 4 - Apresentação da caracterização sobre as teses e dissertações.

Ano	Autor	Título	Tema	Instituição
2006	Althausen	Adolescentes com síndrome de Down e cães: compreensão e	Cão com o recurso	USP
2003	Faraco	Animais em sala de aula: um estudo das repercussões psicossociais da intervenção	Animais e atividades	PUCRS
1988	Fuchs	O animal em casa: um estudo no sentido de desvelar o significado psicológico do	Vínculo homem-animal	USP

Fonte: Autor

Esses trabalhos são relevantes para a TAA, já que analisam aspectos que os estudos internacionais não o fazem, como averiguar a importância do animal, sem descartar a função do profissional envolvido. Para Capote (2009, p. 43) esses estudos trazem "conteúdos que as pesquisas internacionais não enfocam em decorrência dos objetivos que almejam, assim suas metodologias não comportam categorias como: número de sessões, atividades a serem executadas, espécies animais".

A relação homem-animal envolve uma intensa complexidade, em que ao entrar para uma família, "o animal é capaz de provocar alterações no relacionamento de todos os seus membros, adquirindo status de uma pessoa e quando há o seu desaparecimento sua falta é sentida com muita intensidade", afirma Fuchs (1988 apud CAPOTE, 2009, p. 41).

Pesquisa desenvolvida por Faraco (2003 apud CAPOTE, 2009) investigou a como a presença dos animais interferia no clima grupal e no interesse das crianças com relação às atividades escolares, analisando o comportamento de 58 crianças (7 a 12 anos).

> As intervenções tiveram a duração de 8 semanas (T = 21 horas) com a participação de diferentes animais como: tartaruga, jaboti, cágados, pássaros e pombos. As crianças foram solicitadas a expressar o que pensavam ou sentiam sobre a escola e os animais e a explicar as causas desta percepção e sentimento. Sobre os animais, relataram gostar porque se sentiam aceitas (tendência pró-social, entusiasmo, realizar planos do grupo) e as respostas mais frequentes quanto às atividades com animais foram legal e bom. Dessa forma, conclui-se que houve

> uma provável modificação na atmosfera grupal que foi expressa por um maior interesse e produtividade. Foi estímulo à comunicação e o animal pode contribuir para as atividades regulares da escola. Mas coloca vários questionamentos para pesquisas futuras sobre a precariedade de dados empíricos como período mínimo indicado, frequência de encontros, espécies animais, atividades a serem desenvolvidas e instrumentos de avaliação. Por isso, destaca a importância para o processo de construção da pesquisa (CAPOTE, 2009, p. 41).

Esse estudo concluiu que ocorreu uma alteração no que diz respeito à atmosfera do grupo pesquisado, em que as crianças demonstraram mais interesse e produtividade.

Adolescentes com Síndrome de Down foram o objeto de estudo de Althausen (2006 apud CAPOTE, 2009), a partir de uma reflexão teórica sobre o uso do cão como recurso terapêutico. A pesquisa contou com a participação de quatro adolescentes, entre 11 e 18 anos, e sete cães de um canil. Os encontros ocorreram semanalmente (T = 15), com duração de 30 minutos à 1 hora.

> Os encontros revelaram a ocorrência de diversas situações que podem ser usadas com diferentes objetivos, como: aprendizagem de conceitos (cor, sequencia, quantidade, formas e conteúdos) que foi possibilitada na condução dos cães aos obstáculos; uso de palavras através da escovação dos cães permitiu ao profissional iniciar um diálogo a respeito do cotidiano dos participantes e nomear partes do corpo do animal; motricidade que foi possível, pois os adolescentes precisavam ajustar a força necessária para controlar o animal ao conduzi-lo; e expressão emocional que nos vários momentos houve uma comunicação do mundo interno devido à maneira como cada um se colocou na situação. Percebe-se que a maneira de ser dos cães e sua forma de comunicação pode ser um facilitador na emergência de espaços potenciais, ou seja, dar oportunidade de experimentar a criatividade, exploração e a descoberta de si (CAPOTE, 2009, p. 42).

Para a autora, a análise das funções dos cães e do manejo da situação permitiu refletir acerca das possibilidades de intervenção com os participantes a partir dos contatos. Provavelmente, esses dados não devem ser utilizados de forma generalizada, devido ao número de participantes ser bastante reduzido, além de serem também apenas dois estudos. Contudo, podem contribuir para um maior encaminhamento dentro da área.

TERAPIA FACILITADA POR CÃES (TFC)

A respeito da Terapia Facilitada por Cães (TFC), de acordo com Muñoz (2014, p. 21), esses estudos foram iniciados por acaso por Levinson, em 1953, após a realização de consulta com um menino que havia chegado mais cedo para sua terapia, encontrando o

cachorro do autor que estava no escritório naquele dia. O cão ajudou Levinson a "desenvolver um relacionamento com o paciente e facilitou o vínculo entre eles. O terapeuta neste momento reconheceu o poderoso impacto que o cachorro obteve com o paciente e começou suas pesquisas na área".

Dessa maneira, o primeiro registro do uso de animais em um ambiente de terapia teria ocorrido em York, na Inglaterra. Na instituição, frequentemente, eram utilizados animais para o tratamento de pacientes com doença mental, objetivando reduzir o uso de medicações duras e restrições.

O entendimento de que os animais de estimação podem servir a uma função de socialização e/ou função terapêutica para indivíduos com problemas de saúde mental tornou-se popular e, no século XX, a introdução de animais em instituições foi generalizada. Na América do Norte, um dos primeiros usos de animais registrados em um ambiente terapêutico foi no Hospital St. Elizabeth, em Washington, DC, em 1919. Urichuk (1969 apud MUÑOZ, 2014, p. 21) explica que, no Canadá, os cães foram introduzidos como companheiros para os residentes em tratamento psiquiátrico.

Urichuk e Anderson (2003 apud MUÑOZ, 2014) salientam que o contato entre seres humanos e cães é especial desde os tempos pré-históricos. Pinturas rupestres indicam que as primeiras relações humano-animal podem ter ocorrido entre os lobos e homens há cerca de 100 mil anos atrás. "O cão desempenhou um grande papel na caça e transporte de cargas e o lobo/cão foi o primeiro animal a ser domesticado" (MUÑOZ, 2014, p. 20). Porém foi a partir da década de 1960 que terapeutas profissionais começaram a reconhecer e a usar animais como ferramenta de intervenção. Para Udell e Wynne (2008 apud YAMAMOTO et al.,2012, p.569), "Os cães são os animais mais apropriados para o uso em atividades terapêuticas por terem adquirido comportamento semelhante ao do homem ao sofrerem as mesmas pressões seletivas".

Diversos estudos já mostraram que a presença de um animal de estimação reduz a ansiedade, estimula a interação entre humanos e melhora a maneira como as pessoas são percebidas. Estes são efeitos que seriam úteis num ambiente terapêutico. Nessa perspectiva, Muñoz (2014, p. 26) relata um estudo de Schneider e Harley (2006) que investigaram o efeito da presença de um cão na forma de como as pessoas percebem os psicoterapeutas: "Os resultados desta pesquisa apontam que as pessoas respondem mais

positivamente e estariam mais dispostas a revelar informações pessoais aos psicoterapeutas quando acompanhados por um cão".

Pesquisa divulgada pelo site EurekAlert! relatou que Lori Friesen, pesquisadora da Universidade de Aberta, mostrou como os cães podem contribuir com o aprendizado de crianças entre 6 e 7 anos. Ao levar dois cães para acompanhar as aulas, o estudo demonstrou que a companhia canina favoreceu o desempenho escolar dos alunos.

> A cada nova palavra que os alunos desconheciam, a professora explicava seu significado e eles ensinavam a nova palavra ao cachorro. A presença do animal era encarada pela turma como a de mais um amiguinho, dando mais confiança aos alunos e criando um ambiente que favorecia o aprendizado. "Um terço dos alunos começou a ler ou escrever com seus próprios cachorros, em casa", diz a professora. As crianças estavam constantemente aprendendo e se encantando com os textos. Afinal, é assim que a criança deve encarar a literatura (HANLON, 2010).

Essa faixa etária é fundamental para determinar se "a criança será um adulto leitor ou vai fugir dos livros pelo resto da vida", sendo que os cães se tornaram um elemento motivador para as crianças alcançarem esse hábito. No estudo, os cães iam para as aulas de escrita e leitura e ajudavam particularmente as crianças que tinham problemas na hora de ler em voz alta (HANLON, 2010).

TRANSTORNOS E SÍNDROMES ONDE PODE SER UTILIZADO O (TAA)

Para crianças com distúrbios de comportamento, Levinson (1969 apud MUÑOZ, 2014, p. 21) explica que a TAA auxilia na modificação dos padrões de comportamento e ajuda a criança a reorganizar seu estilo de vida. Nesse sentido, a TAA difere de ludoterapia, em que "os materiais utilizados são objetos que parecem não suscitar na criança o mesmo que um cachorro, pois este responde ao contato afetivo da criança proporcionando uma interação psicodinâmica e complexa". Além disso, para Yamamoto et al. (2012, p. 569),

> Muitos trabalhos relatam os benefícios que os cães proporcionam aos pacientes humanos, porém poucos demonstram os efeitos dessa atividade sobre os cães utilizados na TAA (HAUBENHOFER; KIRCHENGAST, 2006). A avaliação do bem-estar ou do estresse excessivo não é fácil e alguns métodos de análise são bastante subjetivos.

Os autores chamam a atenção para o fato da subjetividade ainda presente em muitos estudos, que precisam utilizar mais critérios científicos e rigor metodológico. Yamamoto et al. (2012, p. 569) explicam que a avaliação do bem-estar ou dos fatores de estresse é relativamente difícil e alguns métodos de análise são contém alguma subjetividade, visto que "Dentre as formas de avaliação mais objetivas, encontram-se a dosagem do cortisol e a mensuração de variações significativas de características fisiológicas, especialmente a pressão arterial".

TDAH

O Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), conforme Lobato (2011), não pode ser tido como uma deficiência, mas como um transtorno do comportamento. Assim, a adaptação de um programa de atividades físicas pode aperfeiçoar o quadro sintomático de crianças que apresentam esse transtorno. "A atividade física é um dos fatores que contribuem consideravelmente para amenizar os sintomas do TDAH" (CARVALHO et al., 2012, p. 4).

Nessa perspectiva, observa-se que o TDAH é um transtorno neurobiológico, de "causas genéticas, que aparece na infância e frequentemente acompanha o indivíduo por toda a sua vida. Ele se caracteriza por sintomas de desatenção, inquietude e impulsividade".

Segundo Carvalho et al. (2012, p. 3), em situações escolares, profissionais ou sociais a falta de atenção pode se manifestar. Isso porque as crianças com esse transtorno, reiteradamente apresentam problemas que as impedem de manter a concentração em atividades ou tarefas lúdicas, como explica:

> Ela não consegue manter a atenção em uma só tarefa, especialmente quando ela acha a atividade chata. Também tem dificuldades para atender às solicitações ou instruções e não conseguem complementar o trabalho escolar, tarefas domésticas ou outras atividades. Elas são injustamente acusadas de malcriadas, quando na verdade elas possuem um transtorno que simplesmente as faz agir de maneira impulsiva, desatenta e excessivamente agitadas (CARVALHO et al., 2012, p. 3).

Os autores explicam que essa impulsividade significa agir sem raciocinar, além de fazer o que der vontade, sem analisar as consequências.

TEA

O Transtorno de Espectro Autista (TEA) foi examinado por Martin e Farnum (2012), com relação aos efeitos da interação com cachorros em crianças com transtorno invasivo do desenvolvimento, hoje denominado TEA. As 10 crianças que participaram do estudo tinham entre 3 a 13 anos, com desenvolvimento mental de 3,5 a 6,5 anos. Elas se integraram em três diferentes dinâmicas durante a interação com as terapeutas: um brinquedo não social (bola), um cachorro de pelúcia e um cachorro real. Esse estudo reforçou a relevância de estudos rigorosos e controlados em TAA pois segundo as autoras a maioria das publicações relacionadas a TEA e TAA são qualitativas e anedóticas.

> Todas as crianças foram diagnosticadas com algum tipo de TEA e foram avaliadas com o Perfil Psicoeducacional Revisado – PEP-R. Cada criança participou de 45 sessões na frequência de 3 por semana, totalizando 15 semanas de tratamento com um terapeuta. Cada criança experimentava cada uma das condições (bola, cachorro de pelúcia e cachorro real) todas as semanas. Todas as sessões foram filmadas e foram posteriormente (MUNÕZ, 2014, p. 27).

A adaptação social precisa de competências cognitivas e emocionais específicas. As crianças com autismo de alto funcionamento não conseguem compreender ou participar de eventos sociais, apesar de possuírem capacidades intelectuais preservadas. “Recentemente, tem sido sugerido que a ocitocina, um hormônio conhecido por promover ligações mãe-filho, podem estar implicados no déficit social do autismo” (MUÑOZ, 2013, p. 25).

Estudos de Andari et al. (2010) averiguaram a atuação comportamental de ocitocina em 13 pessoas portadoras de autismo. Na ocasião, foi simulado um jogo, no qual os indivíduos interagiram com parceiros fictícios. Os autores observaram que, após a inalação de ocitocina, os pacientes demonstraram uma interação mais socialmente cooperativa e relataram sentimentos de confiança e preferência.

> Além disso, durante a exibição gratuita de imagens de rostos, a ocitocina seletivamente aumentou o tempo de olhar dos pacientes na região socialmente informativa da face, ou seja, nos olhos. Odendaal e Meintjes (2003) verificaram que indicadores de alterações fisiológicas eram alterados mutualmente na interação positiva entre humanos, cães e gatos. Os resultados deste estudo indicaram que as concentrações de β-endorfina, oxitocina, prolactina, β-feniletilamina, dopamina e aumentaram em ambas as espécies, após interação positiva entre espécies, enquanto que a diminuição de cortisol foi encontrada apenas nos seres humanos (MUÑOZ, 2014, p. 25).

Ainda sobre ocitocina, Nagasawa e colaboradores (2009) relataram que o olhar de um cão provoca um aumento da concentração de ocitocina observável por meio da urina. Esse é um importante hormônio na interação social e nas relações afetivas e esses estudos mostraram indícios de que a presença do cão contribui para estimular a produção de ocitocina em pessoas com TEA, em terapia assistida por animais, e seus efeitos podem vir a beneficiar a interação social desses pacientes.

> São utilizados em Terapia Assistida por Animais todos os tipos de animais que possam entrar em contato com humanos sem oferecer perigo como: gato, coelho, tartaruga, chinchila, hamster, peixe, furão, pássaro e até mesmos animais exóticos como a iguana. O principal animal utilizado é o cão, pois apresenta uma natural afeição pelas pessoas, é facilmente adestrado e capaz de criar respostas positivas ao toque, possuindo grande aceitação por parte das pessoas. A terapia animal obtém resultados mais eficientes com os animais que podem ser tocados (MUÑOZ, 2014, p. 26).

Como já visto anteriormente, a presença de um animal pode aliviar a ansiedade e a escolha dos animais que podem entrar em contato de forma saudável com os humanos é importante para o processo terapêutico.

SÍNDROME DE DOWN (SD)

A síndrome de Down pode ser delimitada como uma alteração na divisão cromossômica que ao invés de formar pares aumenta em três vezes o material genético que se refere ao cromossomo 21, determinando que essa anomalia ainda é uma causa desconhecida (BISSOTO, 2005).

As características encontradas na síndrome de Down podem ser reconhecidas no recém-nascido por meio de uma abertura e a pegada das pálpebras, a língua que se encontra constantemente fora da boca, a falta de tônus muscular e uma prega única na palma das mãos, são as características mais comuns da SD.

Em um indivíduo normal existe um total de 46 cromossomos onde, 23 são herdados do pai e 23 da mãe, a anomalia acontece no par 21 que no momento de sua formação ao invés de um par, forma-se um trio, por conta disso é definido como trissomia 21. Por conta desse cromossomo a mais que surgem, os portadores da SD possuem 47 cromossomos no total. Qualquer pessoa pode gerar um filho com portador da SD, independente de raça, cultura ou classe social. Porém a probabilidade de ocorrência vem

de mulheres que geram seus filhos com 35 anos ou mais, quando já se tem na família indivíduos com a síndrome (CASTELUCI et al., 2002).

As dificuldades por que passa um portador dessa síndrome são diversas e variadas, incluindo fatores como problemas de aprendizado, de coordenação motora e entraves com relação à interação social e sociabilidade. A TAA e a contribuição dos "cães terapeutas" podem reduzir e amenizar essas dificuldades, ampliando a capacidade de desenvolvimento dos portadores e a especialização dos animais.

ATIVIDADE ASSISTIDA POR ANIMAIS (AAA) OU ZOOTERAPIA

Os animais também são utilizados sem finalidade terapêutica, em que voluntários fazem visitas a instituições, como por exemplo hospitais e asilos, levando seus animais. Essa prática é conhecida como Atividade Assistida por Animais (AAA). Nesse caso, os grupos incluem profissionais responsáveis pela avaliação da saúde dos animais, como veterinários, além de adestradores e psicólogos. Segundo Muñoz (2014, p. 24), "Vários animais têm sido usados, mas o principal é o cão. Numa pesquisa de Lefebvre et al. (2006) de 223 hospitais de Ontário, 201 (90%) permitiam acesso de animais".

Muñoz (2014, p. 24) explica que a diferença desse tipo de terapia para a Terapia Assistida por Animais é que esta tem objetivos terapêuticos, sendo sua premissa básica o fato de o animal fornecer alguns benefícios que:

> vão além dos tratamentos terapêuticos tradicionais como: melhoria na comunicação (dar nomes aos filhotes ou chamar os animais pelo nome são excelentes exercícios fonoaudiológicos para pacientes com dificuldade de falar e aqueles que não falam são estimulados a produzir expressões vocais); melhoria no desempenho motor (fazer o paciente acariciar, pentear e jogar bola para o cão é um ótimo exercício de coordenação de movimentos), além de ajudar a controlar o estresse, diminuir a pressão arterial e reduzir os riscos de problemas cardíacos.

Dessa maneira, possuir animais de companhia se associa a efeitos relaxantes, podendo reduzir a pressão sanguínea e aumentar a temperatura do corpo. Além disso, a TAA pode vir a diminuir:

> A percepção da dor, da ansiedade e proporciona melhoria na recuperação de enfermidades - constatou-se que os pacientes que cuidavam de animais gastavam 16% a menos de medicamentos e saíam dois dias antes dos hospitais do que os doentes que não mantinham contato com os bichos. É ainda responsável pela melhoria na resistência

> do organismo - o contato com animais aumenta as células de defesa e deixa o organismo mais tolerante a bactérias e ácaros, diminuindo a probabilidade de as pessoas desenvolverem alergias e problemas respiratórios (MUÑOZ, 2014, p. 24).

Percebe-se que os benefícios são inúmeros para pacientes que participam da TAA. Isso porque o estímulo do animal faz com que aumente o nível de endorfina, contribuindo para diminuir os efeitos depressivos e da solidão, além de reduzir consideravelmente também a inibição dos pacientes, ajudando a melhorar o comportamento social. Para Muñoz (2014, p. 25), a TAA ajuda a dar mais leveza ao clima de um ambiente hospitalar, contribuindo ainda para "aumentar o desejo de lutar pela vida; melhora as relações interpessoais; e finalmente, mas não menos importante, o animal facilita e nutre a comunicação entre o profissional e o paciente".

EQUOTERAPIA (TMC)

Associação Nacional de Equoterapia (ANDE-BRASIL, s/d) criou a palavra equoterapia com o objetivo de tipificar as práticas que utilizam o cavalo com técnicas de equitação e atividades equestres, com o intuito de promover a "reabilitação e/ou educação de pessoas com deficiência ou com necessidades especiais".

Ao adotar o radical *equo* que vem do o latim *equus*, a entidade pretendeu prestar uma homenagem a essa língua. Além disso, também homenageia o grego Hipócrates de Loo (458 a 377 a.C.), considerado o pai da medicina ocidental, que defendia essa prática para "regenerar a saúde, preservar o corpo humano de muitas doenças e no tratamento de insônia e mencionava que a prática equestre, ao ar livre, faz com que os cavaleiros melhorem seu tônus", conforme a ANDE (s/d). Assim, a entidade adotou *terapia* que deriva da palavra grega *therapeia*, que é parte da medicina que se dedica ao campo da reabilitação e reeducação.

Por fim, ao explicar o surgimento dessa palavra, a ANDE (s/d) explica que, como a palavra *quoterapia* não era conhecida até então, quem a utilizasse iria se engajar nos princípios e normas fundamentais que regem a prática da mesma no Brasil, facilitando o reconhecimento do método terapêutico pelos órgãos competentes.

Dessa maneira, a palavra Equoterapia está registrada no Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI), do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio,

com o Certificado de Registro de Marca n.º 819392529, de 26 de julho de 1999. A Associação Nacional de Equoterapia (ANDE-Brasil) define a equoterapia como: "É um método terapêutico e educacional que utiliza o cavalo dentro de uma abordagem interdisciplinar, nas áreas de saúde, educação e equitação, buscando o desenvolvimento biopsicossocial de pessoas com deficiência e/ou com necessidades especiais" (ANDE, 2007, p. 11)

A palavra equoterapia foi criada pela Ande-Brasil, em 1989, órgão responsável pela equoterapia no Brasil, que caracteriza todas as atividades equestres com a finalidade de reabilitação, educação ou reeducação.

O Conselho Federal de Medicina reconheceu a Equoterapia, em 1997, como Método Terapêutico e Educacional. Cada praticante possui suas necessidades específicas fazendo com que ao se organizar um programa de atendimento este deverá ser específico para se obter os resultados esperados e atingir os objetivos do tratamento.

Deutsches Kuratorium (1986 apud FIUZA, 2016, p. 21) foi o primeiro pesquisador "a criar os programas básicos da equoterapia, em que a equipe interdisciplinar de equoterapia deve desenvolver um programa apropriado à necessidade do praticante", além de orientar a realização de um trabalho sempre em conjunto dando ênfase à área profissional que se pretende trabalhar.

Nesse sentido, a equipe interdisciplinar de equoterapia pode ser formada por profissionais das áreas da saúde, educação e da equitação, existindo ainda a necessidade de se ter um médico responsável, visando respaldar a equipe, indicando ou contra indicando o tratamento.

Segundo Kuratorium (1986 apud FIUZA, 2016, p. 21) os programas básicos de equoterapia são:

> Hipoterapia: direcionado à reabilitação de pessoas portadoras de deficiências física e/ou mental.
>
> Educação/Reeducação: pode ser direcionada às áreas da saúde, educação ou equitação.
>
> Pré-esportivo: mais voltado à área da educação e social, podendo também ser reabilitativo ou educativo.

Diversos autores também enumeram os benefícios físicos, psicológicos e sociais trazidos pela equoterapia (JESUS, 2014; FIUZA, 2016), como a melhora do equilíbrio,

coordenação motora, na postura, relaxamento, aumento do tônus muscular, flexibilidade muscular, esquema corporal, circulação, respiração, integração dos sentidos, cognição, fala, digestão, deglutição, controle da salivação, fadiga, melhoria nas atividades cotidianas em geral.

Entre os benefícios psicológicos e sociais pode-se citar: a conquista ou reconquista da autoconfiança e da autoestima, o bem-estar, a estimulação e percepção do mundo ao seu redor, melhoria nas relações do praticante com os outros, com ele mesmo, na relação do praticante com o cavalo, do praticante com o terapeuta e do cavalo com o terapeuta.

Em São Paulo, um tratamento que une técnicas para a recuperação muscular de astronautas, roupas semelhantes às criadas pela Agência Espacial Norte-Americana (NASA) e terapia com cavalos está sendo usado para acelerar a reabilitação de crianças e adultos com problemas motores. Essa técnica ficou conhecida como Therasuit.

Pode-se citar ainda outra experiência desenvolvida em Jaguariúna (SP), onde o Centro de Equoterapia de Jaguariúna começou a oferecer esse tipo de terapia, associada a sessões de equoterapia. Esse tratamento pode desenvolver movimentos em vítimas de paralisia cerebral e acidentes vasculares cerebrais, por exemplo, 12 vezes mais rápido do que terapias convencionais (ANDRIOTTI, 2016).

TERAPIA OCUPACIONAL

A terapia ocupacional é uma área do conhecimento que estuda as atividades humanas. Segundo Muñoz (2014), nessa área, uma das estruturas mais comumente utilizadas para o tratamento do autismo é a teoria de integração sensorial. "Déficits sensoriais vem sendo apontados como características das pessoas com autismo, bem como problemas motores (principalmente voltados ao planejamento) e de processamento de informações complexas" (SAMS; FORTNEY; WILLENBRING, 2006 apud MUÑOZ, 2014, p. 29).

A autora explica que, de acordo com a teoria da integração sensorial, problemas com a percepção sensorial e a integração destas funções poderiam interferir na capacidade de atender e responder adequadamente a estímulos complexos do ambiente fazendo com que a organização do comportamento seja prejudicada.

> A terapia ocupacional poderia se utilizar de animais como uma extensão natural da filosofia da integração sensorial e de elementos motivadores para incentivar as crianças com autismo a se tornarem parceiros ativos nos seus processos terapêuticos e de aprendizagem (SAMS; FORTNEY; WILLENBRING, 2006 apud MUÑOZ, 2014, p. 29).

Sams et al. (2006 apud MUÑOZ, 2014) realizaram pesquisa inserindo Lhamas em terapia ocupacional visando observar a frequência de interação social e linguagem em comparação com a terapia ocupacional tradicional.

> Participaram desta pesquisa 22 crianças com diagnóstico de autismo onde cada paciente recebia uma sessão de terapia ocupacional tradicional e uma sessão com a introdução de um animal uma vez por semana. Os resultados desta pesquisa indicam que nas sessões em que foram utilizados os animais, os pacientes apresentaram um aumento do uso da linguagem e de interação social comparado com as sessões tradicionais de terapia ocupacional (MUÑOZ, 2014, p. 29).

A utilização de animais em práticas da terapia ocupacional realizada por essa pesquisa resultou em uma ampliação significativa com relação a questões como a linguagem e a interação social quando comparadas às sessões com atividades tradicionais desse tipo de terapia.

ATENÇÃO COMPARTILHADA

A atenção compartilhada pode ser definida como uma expressão da capacidade humana, extremamente refinada para coordenar a atenção com um parceiro social, que é fundamental para a nossa aptidão para a aprendizagem, linguagem e competências sociais sofisticadas ao longo da vida.

Segundo Mundy e Newell (2007 apud MUÑOZ, 2014, p. 29), atenção compartilhada é a habilidade de compartilhar um ponto de referência em comum e essa habilidade é fundamental para o início do desenvolvimento da cognição social.

> Para que a atenção compartilhada ocorra é necessário a ativação integrada de uma rede neural distribuída em todo o córtex, incluindo as áreas de atenção anterior e posterior. Entender o processo de desenvolvimento e aquisição da atenção compartilhada e da cognição social é de extrema importância para o entendimento da criança com TEA. Sabe-se que elas apresentam déficits na área da interação social e alterações no desenvolvimento da cognição social (MUÑOZ, 2014, p. 30).

Recentes pesquisas a respeito da comunicação de cães com seres humanos revelaram algumas habilidades sociocognitivas complexas. Uma dessas pesquisas foi realizada por Tomasello (2003 apud MUÑOZ, 2014, p. 29) e seu grupo de pesquisa, que realizaram um experimento com doze cães, sendo oito fêmeas e cinco machos, verificando se os cães eram sensíveis ao estado de atenção dos humanos.

> Neste experimento foram criadas várias situações em que um alimento era escondido em vários locais distintos e, em seguida, era fornecida uma dica para o cão para indicar onde a comida estava escondida, com vários tipos diferentes de procedimentos de controle usados para assegurar que os indivíduos não conseguiriam localizar o alimento sem uma dica (por exemplo, pelo cheiro). Nos três estudos, a maioria dos cães foi capaz de utilizar vários sinais diferentes para localizar o alimento escondido, como apontar para o local do alimento, olhar para o local, orientando-se em sua direção. Em outro momento os cães foram colocados em quatro situações: experimentador com olhos abertos, olhos fechados, distraído e de costas para a comida do cachorro.

Para Muñoz (2014), esses resultados demonstram que os animais percebem que os olhos são um componente importante para determinar o estado atencional dos humanos. Isso porque, ao ficar com os olhos fechados, eles buscavam muito mais o alimento do que quando o experimentador estava de olhos abertos.

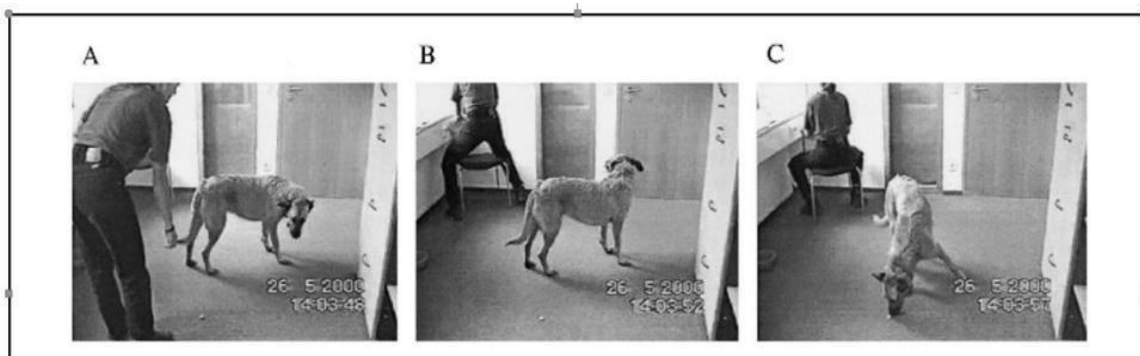
As expressões são identificadas no decorrer de seu desenvolvimento enquanto filhote, quanto mais esse filhote permanece em sua matilha, constrói traços familiar da espécie e da raça, características essas percebidas pelos criadores e selecionada e aprimorada para funções específicas. Os cães apresentam uma necessidade afetiva assim como o homem, mas os traços emocionais podem ser acrescentados por estímulos a situações e reações humanas, a partir do momento que passa a conviver junto às pessoas.

As abordagens diretas e indiretas são bem claras e curiosas, pois traz a capacidade de associação através de estímulos promovidos pelo autor, a habilidade pode ser aprendida, assim como o homem aprende, o cão também, e de uma forma individual e acredite, bem mais complexa. Sua linguagem e de associação de estímulos, uma vez percebida, dependendo da etapa de desenvolvimento do cachorro ele pode reter tais códigos por bastante tempo.

Figura 4 - Duas sequências que mostram uma (B) abordagem direta (A) e uma indireta.

Fonte: Call et al. (2003 apud MUÑOZ, 2014, p. 30).

Ao observar todos esses resultados, verifica-se que as habilidades dos cães na comunicação com os seres humanos podem indicar uma predisposição que surgiu há relativamente pouco tempo e talvez como resultado da domesticação e contato com seres humanos. Uma hipótese relacionada a este experimento é que os "cães não evitam a proximidade com os humanos pelo simples contato visual, mas sim propensos a se envolver em um comportamento censurado quando os humanos desapareciam de vista" (TOMASELLO, 2003 apud MUÑOZ, 2014, p. 31).

Figura 5 - Procedimento para Experimento 2 na condição de costas. O experimentador colocou comida no chão e proibiu o cão para leva-lo (A) e, em seguida, sentou-se numa cadeira de costas para o cão (B), e o cão levou a comida (C).

Fonte: Call et al. (2003 apud MUÑOZ, 2014, p. 31).

A fase de desenvolvimento dos cães é um fator a ser considerado, pois como o ser humano, existe um desenvolvimento neural que influenciará a maturidade psicológica das

ações comportamentais. A diferença entre cão e cachorro é a etapa maturacional, o cão ou cadela são caninos adultos, quanto cachorro e cachorra são caninos filhotes. A influência de matilha e humana é associada de forma simbólica diferente pelos caninos, enquanto filhotes, eles se expõem de forma contínua às situações, em uma busca instintiva nas relações de sobrevivência, quanto a fase adulta tem caráter associativo.

Os cães domésticos são excepcionalmente qualificados na leitura do comportamento social e comunicativo dos seres humanos. Usam dicas gestuais de seus donos para encontrar comida escondida e ainda sabem o que o ser humano pode ou não ver em várias situações. "Estas habilidades incomuns e sociais dos cães parecem ter surgido como resultado do processo de domesticação e representam um caso de evolução convergente com os seres humanos" (HARE; TOMASELLO, 2005 apud MUÑOZ, 2014, p. 31).

CONTRIBUIÇÕES DA ETOLOGIA E NEUROCIÊNCIA

Com relação à Análise Experimental do Comportamento e à Etologia, essas duas áreas se diferenciam quanto aos seus referenciais teóricos e metodológicos. Historicamente, a Análise Experimental do Comportamento dedica-se ao estudo da aprendizagem, buscando leis gerais, fundamentadas em estudos de laboratório realizados em situações controladas com um pequeno número de espécies, geralmente ratos e pombos (MUÑOZ, 2014).

> Os etólogos estão interessados em filogênese e função do comportamento, e a partir dessa perspectiva estudam causas proximais e ontogênese do comportamento de um número diversificado de espécies (de aranhas a primatas não humanos e humanos) em campo e no laboratório, com foco em comportamentos ligados à sobrevivência. Uma interlocução interessante entre as duas abordagens pode ser encontrada no movimento que ficou conhecido como constraints on learning, ou seja, o estudo dos limites biológicos à aprendizagem. O psicólogo behaviorista americano Martin Seligman organizou o livro Biological boundaries on learning, e o etólogo Robert Hinde organizou o livro Constraints on learning. Nas duas obras, encontram-se inúmeros exemplos de aprendizagens preparadas (as que ocorrem com grande rapidez e com a necessidade de poucos pareamentos entre estímulos, respostas e consequências) e contra preparadas (as que ocorrem com muita dificuldade, a despeito dos esforços dos experimentadores) (MUÑOZ, 2014, p. 36).

Para a autora, entre esses dois extremos estão situadas as aprendizagens neutras, como a pressão à barra de ratos em caixas de Skinner e o bicar um disco em caixas correspondentes para pombos. Muñoz (2014) relata que, tanto Martin Seligman quanto Robert Hinde, deram destaque ao trabalho de dois alunos de Skinner, o casal Breland que se dedicou a usar os princípios da Análise Experimental do Comportamento para ganhar dinheiro treinando uma grande diversidade de espécies animais para shows e propagandas de TV. Nessa pesquisa, os pesquisadores chegaram a treinar em torno de seis mil indivíduos de 38 espécies, incluindo cacatuas, galinhas, guaxinins, porcos, gambás e baleias. No entanto, ao deixar a situação controlada e protegida do Laboratório encontraram um grande número de dificuldades, em que:

> Aumentando o nível de privação de alimento, as dificuldades só aumentavam. Com criatividade algumas foram incorporadas (como a "galinha dançarina: a galinha deveria entrar em cena, ligar o rádio, subir num disco e sair de cena para ganhar comida. A galinha dançarina raspava o chão, o que resultava em adiamento do reforço e este comportamento de raspar tornava-se mais intenso ao longo do tempo, com alteração do roteiro original, mas outras porém, inviabilizaram o projeto (como o guaxinim "avarento" que não soltava moedas no "cofrinho"). Teoricamente, chegaram ao conceito de Deriva Instintiva, para designar a tendência de o animal reverter para comportamentos instintivos em detrimento do comportamento aprendido, mesmo que isto retarde ou impeça o reforço. Em outras palavras, chegaram na prática à noção de filogênese e valor adaptativo do comportamento de que falavam os etólogos. Publicaram seu trabalho num texto que intitularam "O mau comportamento dos organismos" como provocação à obra clássica do seu orientador The behavior of organisms (MUÑOZ, 2014, p. 37).

A autora esclarece que se pode chegar à seguinte conclusão e tirar uma lição desses experimentos que foi sintetizada por Schwartz (1974, apud MUÑOZ, 2014, p. 37): "A implicação do ponto de vista de Lorenz é que os fenômenos de aprendizagem per se são apenas a ponta do iceberg."

Esse é um tema que reaparece na literatura especializada, como Daniel Kahneman, que distingue dois sistemas de pensamento: "Sistemas 1" e "Sistemas 2". O Sistemas 1 é rápido, intuitivo, metafórico, automático e não pode ser desligado. O Sistema 2 é lento e deliberado, em que suas operações exigem atenção e esforço, com decisões repetidas abrangendo o Sistema 2 também causa sobrecarga ao indivíduo, ocasionando que a tomada de decisão racional seja substituída pela toma de decisão intuitiva (Sistema 1), o que tem implicações em vários contextos aplicados.

Haidt (2012 apud MUÑOZ, 2014) compara a mente a um elefante controlado por um condutor. O elefante representa as emoções e a intuição. O condutor representa a razão. As emoções e o nosso sistema automático de reação foram moldados pela seleção natural para provocar reação rápida, e envolvem motivações relacionadas à sobrevivência, sentimentos de prazer e dor.

A psicologia tem uma tradição de priorização de fenômenos do domínio cognitivo: solução de problemas, aprendizagem, raciocínio, memória. É essencial, contudo, que o estudo de processos psicológicos básicos se volte também para o domínio motivacionais e afetivos:

> As funções cognitivas e intelectuais são muito importantes, mas o cérebro não é apenas pensante. É também o centro da motivação e da emoção, gerando ânsias, necessidades, desejos, prazer e mais todo um espectro de emoções. Enquanto executa suas funções o cérebro se encarrega não só da tarefa que está sendo executada, usando suas funções cognitivo- intelectuais, mas também se envolvem com o fato da pessoa querer fazer estas tarefas (motivação) e com o modo como se sente enquanto as faz (emoção) (REEVE, 2011, p. 29 apud MUÑOZ, 2014 p. 38).

Baseada em Panksepp (2005), Muñoz (2014, p. 38) apresenta o cenário atual no estudo sobre o "mentecérebro" desenvolvido por este autor:

1) Funções de Consciência ('Awareness') Neocortical e Afetos Terciários
i) Funções Executivas Cognitivas: Pensamentos & Planejamento (córtex frontal)
ii) Ruminações Emocionais & Regulações Emocionais (regiões frontais mediais)
iii) 'Livre Arbítrio' (funções superiores de memória de trabalho — Intenção de Ação)
2) Memórias Afetivas, Processo Secundário - (Aprendizagem via Ganglios da Base)
i) Condicionamento Clássico (ex., MEDO via amigdala basolateral & central)
ii) Condicionamento Operante (BUSCA [SEEKING] via núcleo accumbens)
iii) Hábitos Comportamentais & Emocionais (em larga medida inconscientes — striatum dorsal)
3) Estados Afetivos Básicos-Primordiais, Processo Primário (Sub-Neocortical)
i) Afetos Sensoriais (sentimentos de prazer e desprazer/nojo despertados por estímulos sensoriais
ii) Afetos Homeostáticos (interoceptores cérebro-corpo: fome, sede, etc.)
iii) Afetos Emocionais (sistemas emoção ação — Intenções-em-Ações)

Fonte: Autor

O cérebro superior, o neocórtex, é em larga medida uma tabula rasa, enquanto as regiões subcorticais são a sede do conhecimento instintivo. As funções neocorticais são programadas em tecidos cerebrais equipotenciais, que inicialmente lembram Memória

RAM (Random Access Memory). Mas depois de aprender como regular afeto (ex., desde encontrar comida ao ter fome até controlar a impulsividade ao ter raiva etc.), surgem processos mentais superiores e são gradualmente transformados em Memória PROM (Programmable Read Only Memories). Em vez de a ênfase ser "penso logo existo", o destaque torna-se "sinto, então penso".

Para compreender plenamente a Mente Cérebro, precisamos compreender as estratificações evolutivas no Sistema Nervoso Central (SNC) e reconhecer como funções que emergiram primeiro: i) retém um grau substancial de primazia em comportamentos espontâneos, ii) governam os mecanismos de aprendizagem (ex.: os estímulos e respostas incondicionados que os behavioristas usam para controlar a aprendizagem animal são tipicamente afetivos na natureza) e iii) motivam processos superiores de tomada de decisão. Entre os processos afetivos-regulatórios primários e os processos afetivo-cognitivos há um vasto território de processos automatizados de aprendizagem: habituação, sensibilização, condicionamento clássico, condicionamento operante etc. – processos automáticos que são profundamente inconscientes (MUÑOZ, 2014).

Ainda são necessários estudos a respeito dos processos primários, que são significativos e importantes, pois

> Compreendendo os instrumentos afetivos para a vida e a aprendizagem, que existem nos níveis de processo primário, compreenderemos melhor como operam os processos mentais superiores. A maior parte da pesquisa psicológica humana, das ciências cognitivas e sociais, tipicamente focaliza os níveis superiores, com pouco reconhecimento dos níveis inferiores. O behaviorismo focaliza os processos secundários, também negligenciando os processos primários. Só a etologia/psicologia comparativa/ neurociência afetiva reconhecem explicitamente emoções primárias em outros animais, com interesse na compreensão dos substratos subcorticais envolvidos. Nessa visão, todos os mamíferos, incluindo os humanos, partilham experiências afetivas primárias – instrumentos anoéticos para a vida – que norteiam a vida (MUÑOZ, 2014 p. 39).

É possível observar um amplo interesse no papel das emoções primordiais na origem evolutiva da consciência, pois.

> As emoções básicas são o elemento subjetivo dos instintos, que são comportamentos geneticamente programados que promovem a homeostase, incluindo sede, fome por ar, fome por alimento, fome por minerais específicos, dor, etc. Há dois componentes de uma emoção básica - uma sensação específica que pode ser imperiosa e a intenção poderosa de gratificação através de uma ação consumatória, que podem

> dominar o fluxo da consciência e ter uma grande influência sobre o comportamento (DENTON et al., 2009 apud MUÑOZ, 2014 p. 39).

Estudo realizado por Shewmon et al. (1999) e citado por Muñoz (2014, p. 40) questiona a teoria neurofisiológica tradicional de que a consciência exige funcionamento neocortical. Conforme essa teoria, crianças que nascem sem hemisférios cerebrais necessariamente permanecerão indefinidamente em um estado vegetativo de desenvolvimento. Assim, os pesquisadores

> Acompanharam quatro crianças entre 5 e 17 anos, diagnosticadas com malformações cerebrais congênitas que envolviam ausência total ou quase total do córtex cerebral. Mesmo com esta malformação significativa, apresentavam evidências surpreendentes de consciência discriminativa: por exemplo, distinguiam familiares de pessoas e ambientes desconhecidos, apresentavam interação social, visão funcional, orientação, preferências musicais, respostas afetivas apropriadas e aprendizagem associativa. Essas habilidades podem refletir plasticidade vertical do tronco cerebral e de estruturas diencefálicas (MUÑOZ, 2014 p. 40).

A raridade relativa de consciência manifesta em crianças com malformação congênita do córtex, pode ocorrer devido a uma tendência para rotulá-las como estando em "estado vegetativo de desenvolvimento". Essa rotulação pode transformar-se numa profecia auto realizadora.

A principal distinção do homem com relação aos demais seres vivos ocorre pelo seu modo de vida cultural altamente especializado onde ocorre a transmissão de informações de geração em geração pela experiência, pelo uso da linguagem e por outras representações simbólicas. Muñoz (2014) afirma, então, que pode-se dizer que o homem é biologicamente cultural. A aprendizagem, que se dá através da transmissão cultural e da experiência de cada um, é uma aprendizagem preparada. O contexto propício para que ela ocorra é um contexto de relações sociais significativas. Pessoas com autismo têm dificuldade nas relações sociais, na compreensão de pistas sociais e na teoria da mente o que se reflete diretamente em um prejuízo na absorção dessa transmissão cultural. Com isso, o ser humano pode aprender por exposição a modelos, e não por tentativa e erro a cada geração.

Segundo Gosso et al. (2005 apud MUÑOZ, 2014), a brincadeira de faz de conta ampara uma contribuição evolucionária do desenvolvimento psicológico humano e fatores culturais podem regular a intensidade e a expressão da forma em que a brincadeira simbólica ocorre, pois

> Se a brincadeira simbólica tem um papel de transmissão de cultura e nas pessoas com TEA este tipo de brincadeira é prejudicada, provavelmente as crianças com TEA também teriam um atraso na compreensão das estruturas sociais devido a não conseguirem desempenhar, como as crianças de desenvolvimento típico, estes treinos sociais (MUÑOZ, 2014 p. 42).

Nessa perspectiva, percebe-se que as brincadeiras são elementos fundamentais no processo de transmissão da cultura, sendo que nas crianças portadoras de TEA a compreensão das estruturas sociais ficaria prejudicada.

TRABALHOS ATUAIS NO BRASIL NA ÁREA DA TERAPIA COM CÃES NO CAMPO DA EDUCAÇÃO, MEDICINA E NA FONOAUDIOLOGIA

No Brasil, existe um quantitativo ainda muito baixo de pesquisas e trabalhos voltados ao uso de cães e outros animais, como coterapeutas no atendimento na área da educação e saúde. A acadêmicos da PUC-SP desenvolve pesquisas de cunho científico com abordagens voltadas à o efeito da atividade assistida por animais na sensação de dor nas crianças e adolescentes hospitalizados (Ichitani, 2015), com (Faccin, 2018) efeitos da intervenção assistida por animais na expressão verbal e não verbal em conteúdos psíquicos em crianças hospitalizadas, a fonoaudiologia com (Ichitani et al, 2020), (Almeida, 2014) traz uma revisão de trabalhos realizado no Brasil na área da educação, já (Santos et al, 2016) identificou 29 projetos no estado de São Paulo/SP, os quais a maioria atendem pessoas de todas faixas etárias, apresentando ou não necessidades especiais. Esses trabalhos, concentrados em São Paulo, retratam que pode ser considerado o berço da terapia assistida por animais no Brasil.

O pesquisador Almeida (2014), apresenta um dos seus resultados da obra denominada, educação, atividade e terapia assistida por animais. Este estudo trata de uma revisão integrativa de produções científicas brasileiras voltadas ao TAA. Os resultados obtidos nesta pesquisa foram que, “A Psicologia foi a área do conhecimento que teve o maior número de publicações, com 42% do valor total de estudos sobre intervenções assistidas por animais, tendo aproximadamente o dobro de produções que o segundo colocado, Fisioterapia, com 22% e educação 2%”. Ainda é considerado pouco no que concerne à área da educação.

A pesquisadora Ichitani (2015), com sua pesquisa “Efeito da Atividade Assistida por Animais na sensação de dor em crianças e adolescentes hospitalizados”, Ichitani também nos traz os resultados “Foi observado também que possivelmente há elaboração simbólica do sujeito sobre sua dor, já que o cão pode representar acolhimento e afeto para um momento de grande sofrimento emocional”.

É ressaltado o efeito da afetividade no processo terapia em sua pesquisa, fato este, reforça a abordagem citadas inúmeras vezes nesta pesquisa pelo autor, sendo imprescindível a atenção às reações emocionais da pessoa e no que se refere a ela, pois são gatilhos que podem ser associados a o uso da terapia com cães, e com muitas chances de êxito.

Já Santos (2016), nos traz o resultado que, “Por meio desta pesquisa observamos a necessidade e a importância da terapia assistida por animais ser mais dinamizada para que os seus benefícios alcancem e auxiliem os pacientes que sofrem em decorrência de sua condição física e/ou psíquica”.

A reafirmação da presença e seus efeitos sobre o psicológico, nos reforça a relação emocional de cunho afetivo, muito presente neste estudo.

A pesquisadora Faccin (2018), em seu estudo direcionado a fonoaudiologia, sob o título, Efeitos da Intervenção Assistida por Animais na expressão verbal e não verbal de conteúdos psíquicos em crianças hospitalizadas. Faccin nos traz o resultado que “sugerem que, nos sujeitos estudados, a IAA em ambiente hospitalar proporcionou a possibilidade de estancar a condição patológica em favor de uma experiência de reintegração do Eu, ou seja, uma reapropriação da identidade subjetiva, parcialmente tolhida pelo processo de adoecimento e hospitalização. Ou seja, a IAA promoveu maior contato com a afetividade e decorrente enfrentamento/elaboração de conteúdos psíquicos, em diferentes graus”.

Nesta obra apresenta uma relação com a reintegração do paciente, utilizando um termo IAA, para atuação na área da saúde.

Neste estudo, a pesquisadora Ichitani (2020), traz um estudo de caso de um sujeito com gagueira, onde passa por tratamento fonoaudiológico, sob o título, Efeitos da presença do cão na expressão de conteúdos psíquicos de um sujeito que gagueja. Este estudo de caso trazido por Ichitani, apresentou os seguintes resultados: “Este estudo de

caso clínico indica que o enquadre da presença e interação do cão favoreceu a redução do sintoma da gagueira, promovendo ambiente acolhedor possibilitando a integração psique-soma do sujeito".

Mais obra que ressalta a relação próxima de efeitos positivos envolvendo o psicológico dos pacientes, fato este que também reforça a relação emocional e afetiva do sujeito com as terapias com os animais.

METODOLOGIA

Neste capítulo, explicamos como aconteceu o trabalho, onde a pesquisa foi realizada, escola de educação básica, sua natureza, quanti-qualitativa e o seu tipo, exploratório. A metodologia empregada ocorreu por meio de um processo de formulação a longo prazo seguido de cronograma extenso e minucioso, que deu o diferencial na organização metodológica.

De acordo com Minayo (1992), os métodos quantitativos objetivam apresentar dados, indicadores e tendências observáveis, ou produzir modelos teóricos abstratos com elevada aplicabilidade prática. Suas investigações evidenciam a regularidade dos fenômenos. Já nos métodos qualitativos é possível reconhecer a complexidade do fenômeno pesquisado, usar técnicas de coleta de dados adequadas e analisar todo o material de forma específica e contextualizada. Para a autora, deve-se utilizar a objetividade e afastar a incursão de juízos de valor na pesquisa: são os métodos e técnicas adequados que permitem a produção de conhecimento aceitável e reconhecido.

PERCURSO METODOLÓGICO

Onde foi desenvolvida?

Nessa perspectiva, a pesquisa foi desenvolvida na Escola Gênesis no Município de Parnamirim/RN. Definido o local para a realização da pesquisa, entramos em contato com a coordenadora pedagógica da instituição Gênesis colégio e curso, localizada em Parnamirim/RN para apresentar o projeto de pesquisa. Na ocasião, foram informados quais os procedimentos referentes à pesquisa, explicando-se ainda os cuidados que o

pesquisador iria tomar visando preservar o ambiente físico, já que seriam utilizados os cães terapeutas.

Autorização da pesquisa?

A diretora da escola mostrou-se solícita autorizando a pesquisa, e afirmou ser possível o encaminhamento dos alunos, de acordo com os critérios de inclusão para a pesquisa, com o objetivo de participarem do processo psicodiagnóstico com o enfoque da Terapia Assistida por Animais.

Qual foi o público?

Foi definida a participação de sete crianças, sendo escolhidas crianças de idades diferentes, em que três foram meninas e quatro meninos, com idade entre 8 meses a 11 anos, do ensino infantil ao fundamental. A seleção das crianças exigiu que as crianças preenchessem alguns critérios de inclusão, como gostar de animais, ou até mesmo ter aversão, timidez, imperatividade, autismo, cadeirantes, entre outros, ou seja aberto a todos de forma inclusiva. Desse modo, as crianças selecionadas foram convidadas e autorizadas pelo seu responsável e pela instituição.

A escolha e a preparação do instrumento metodológico aplicado?

Visando atender aos objetivos desta pesquisa e aprofundar a compreensão a respeito do uso da Terapia Assistida com Animais (TAA) e da Terapia Facilitada por Cães (TFC) com crianças neurotípicas e em condições especiais (TEA e TDAH).

Foi feita uma seleção também das raças que iriam trabalhar como instrumento mediador nesse processo educativo. Várias raças foram utilizadas, em busca de apenas uma raça para ser usada na pesquisa.

A partir da raça escolhida através dos resultados, se iniciou um trabalho de seleção da raça para obter mais exemplares e investigar a diferença entre machos e fêmeas, qual seria o sexo, mas indicado.

A raça definida foi a Golden Retriever que apresentou os melhores resultados de relacionamento, afetividade e menor risco de acidentes. Os cães passaram por uma preparação específica para atuarem com as crianças do projeto.

O início do atendimento à pesquisa?

As crianças participantes tiveram uma preparação também antes de entrarem em contato com os coterapeutas e orientadores de como poderiam manuseá-los e exercer brincadeiras. Os colaboradores e o pesquisador estiveram presentes todo o tempo, realizando as anotações pertinentes ao projeto e organizando a proposta citada na dissertação. Os resultados foram organizados na análise de dados, presente nesta pesquisa.

Dada a resposta positiva dos estudantes, foram explicadas as finalidades da pesquisa, observando-se especialmente a participação do cão coterapeuta, para saber se haveria alguma restrição por parte do responsável e da criança. Nesse primeiro momento, também foram introduzidas as primeiras informações acerca do sigilo e confidencialidade das identidades e informações dos participantes.

Por meio de contato telefônico, foram agendados o horário e local para a realização da anamnese, em que o responsável da criança participante compareceu sem a presença do filho. No geral, os responsáveis e seus filhos se mostraram muito disponíveis, cordiais e empolgados com a pesquisa desde o primeiro contato. Não oferecendo resistência para a marcação do primeiro encontro e nos demais atendimentos também foram pontuais.

Tempo de duração das atividades práticas?

Foram quatro semanas de desenvolvimento da parte prática da pesquisa, compreendendo entrevista de anamnese, entrevistas lúdicas com a criança e entrevista devolutiva para os responsáveis. Foram programados e realizados oito encontros ao longo do período da pesquisa.

É importante ressaltar que no primeiro encontro com os responsáveis das crianças participantes, foi entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (em anexo). Ele foi lido conjuntamente, sendo assegurado o compromisso de sigilo de sua identidade e de todo o processo que estava sendo realizado para dar o máximo de segurança para seus filhos, desde os estudos de referenciais até a seleção criteriosa dos animais, principalmente, no que diz respeito à saúde e ao comportamento dos exemplares selecionados, que seriam os coterapeutas dos alunos participantes.

Qual a relevância deste projeto?

A relevância deste projeto ocorre pela importância da temática e dos recursos empregados como: financeiro, humano e físico e apoio técnico especializado.

Testes utilizados para a seleção dos cães para o atendimento como coterapeuta?

Esse processo de seleção se deu através de testes de temperamento de Volhard, Campbell. Ambos os testes não foram suficientes para identificar a confiabilidade do uso dos cães. Nesse sentido, foi elaborado, usando como referência os testes citados, com mais detalhes voltados a identificar os riscos e margem de segurança da utilização desses exemplares, que iriam atender os escolares da pesquisa.

No que diz respeito aos animais escolhidos para esta pesquisa, foram cães, fêmeas, da raça Golden Retriever, que preencheram os critérios descritos por Dotti (2005), com relação à saúde e ao comportamento do animal, destacando-se:

> • Perfil do animal: consideraram-se os aspectos emocionais e comportamentais do animal, como temperamento (previsível, controlável, digno de confiança), socialização (levando em conta a espontaneidade do animal frente a diversas situações) e não demonstração de irritabilidade ao ser insistentemente afagado e manipulado na cabeça, corpo e cauda.
>
> • Saúde perfeita: observação se o animal estava em dia com todas as vacinações e exames exigidos pelo médico veterinário responsável pelo animal. Durante todo o período da pesquisa, foram realizadas duas consultas com este profissional, visando estabelecer um monitoramento do estado de saúde dos animais, garantindo que os cães estivessem livres de zoonoses, que poderiam comprometer sua saúde e dos humanos envolvidos. Essas consultas aconteceram antes do período inicial da pesquisa e no término da mesma.

Além das considerações metodológicas inclusa por Dotti (2005), resolvemos criar um protocolo específico para a pesquisa, como a criação do teste (TWE), que facilitou a seleção de uma forma mais segura, levando em conta as orientações de Dotti e testes já utilizados a muitos anos por criadores e pesquisadores, como Volhard e Campbel.

Depois de selecionados, foi realizado um treinamento com os animais, utilizando a prática que iriam participar, uma reprodução das ações que estes cães iriam passar, pois entendemos que somente diante de situações reais seria possível identificar se os animais estariam prontos. Ao final desse treinamento, verificou-se que realmente os cães possuíam as condições necessárias esperadas dos cotepeutas.

A partir desse momento, foram iniciados os atendimentos com os cães selecionados e observados os melhores resultados de cada exemplar. Depois de muitos atendimentos, resolvemos cruzá-los, e, a partir desses acasalamentos, selecionamos mais alguns cães, filhos dos que foram selecionados e aprovados.

Cada vez mais os atendimentos foram mais seguros e produtivos com as crianças na escola, a relação afetiva e a interatividade das crianças com eles promoveram excelentes resultados.

As crianças participantes tinham como pré-requisito desejar participar, de livre e espontânea vontade. Após essa etapa, foram encaminhados os TCLE aos pais. Antes de terem contato com cães, os estudantes preencheram um formulário e foram orientados como iriam se relacionar. Em seguida, conheceram todos os procedimentos sobre o treinamento e objetos que iriam utilizar com os cães.

A apresentação dos cães às crianças foi feita com a presença do pesquisador e sua equipe, momento em que foram explicadas como seriam as brincadeiras e suas regras, além do que podiam ou não podiam fazer.

A parte observacional serviu como feedback para as adaptações e ajustes necessários. A higienização foi planejada e orientada aos escolares. A anamnese realizada com os responsáveis pelos alunos deu uma margem de segurança, pois conhecemos as restrições alérgicas e prováveis fobias, que durante a utilização dos cães coterapeutas, tivemos um cuidado a mais.

Foram realizadas várias sessões com o mesmo grupo, o que permitiu a diminuição das faltas consideravelmente.

RECOMENDAÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DE UM PROJETO UTILIZANDO A TERAPIA FACILITADA POR CÃES

Organização por etapas:

- ✓ Escolha o público que irá ser atendido, pois será necessário perceber através deste público qual o perfil a ser analisado, como por exemplo:
  - **Grupos Menos Ativo - GMA (Idosos – TGD – TEA – SD – Grávidas – Deficientes),** são mais carentes e frágeis ao contato brusco, onde o coterapeuta que irá interagir com estes deve ter um perfil terapêutico alto, além de passar por testes ser mais acentuado o temperamento calmo e de porte de pequeno para médio e de pelagem curta.
  - **Grupo Ativo de Retorno – GAR (Crianças com TDAH – TOD – Pessoas Depressivas),** esse grupo precisa de coterapeutas mais ativos e que procuram incessantemente a pessoa, interagindo independente de sua busca por afeto, deve ter perfil terapêutico alto, além de passar por testes, deve ser mais acentuado o temperamento ativo e de porte de médio para grande e de pelagem curta, semi-longa ou longa, sendo o ideal a longa, pois além da interação terá a trato como terapia ocupacional, e a sensação do toque gera mais prazer.
  - **Grupo Super Ativo – GSA (Atletas e Pessoas Super Ativas que moram sozinha),** esse grupo precisa de coterapeutas mais super ativos e que procuram incessantemente a pessoa provocando brincadeiras, interagindo independente de sua busca por afeto, deve ter perfil terapêutico altíssimo, além de passar por testes, deve ser mais acentuado o temperamento super ativo e de porte pequeno, médio, grande ou gigante, de pelagem curta ou semi-longa, sendo o ideal a curta. Esse coterapeuta, pode ser alugado para pessoas atletas que necessitam de companhia para ter maior estímulo para seus treinos e atividades de trabalho que requeira atividade intensa.
- ✓ Escolha o cão a ser utilizado como coterapeuta, o sucesso do projeto depende dessa escolha. Além de ter cães com perfil para coterapeuta, deve-se ter no mínimo dois cães com perfis diferentes para atendimento, como os grupos GMA e GAR. Pois mesmo dentro de um dos grupo, pode se ter perfis diferentes dos dois grupos. A procura desses exemplares que atuaram, ainda é pouco trabalhada, mas

a origem pode ser de criadores e estudiosos que selecionam para a função ou o próprio interessado iniciar sua seleção até atingir os cães ideais, sempre utilizando protocolos e testes para identificar os cães com perfil de coterapeuta.

- ✓ Espaço que acontecerá o projeto, é fundamental, pois seu público como seu coterapeuta necessitaram se abrigar da chuva e do sol, risco de fuga ou evasão tanto do cão ou cachorro como do grupo atendido, ambiente salubre e de recursos para hidratação e higiene acessível, sonoridade baixa devido a comunicação e sensibilidade de ambos, já que a maioria das vezes também os sujeitos participantes têm essa condição.
- ✓ Planeje o início, o meio e o recesso do projeto, pois os coterapeutas têm o período de descanso junto a sua matilha. E quanto aos participantes o momento de avaliar todo o processo e resultados sejam estes positivos e negativos, e adaptar, corrigir e replanejar, para uma nova etapa se inicia novamente.

Hoje, existe muitas possibilidades para o coterapeuta canino atuar, como por exemplo:

- **Criação** voltada a selecionar cães para essa função, um excelente negócio como forma de investimento;
- **Empréstimo,** de coterapeutas para pesquisas, cães utilizados por tempo determinado em pesquisas, por pessoas com pouco a ser investido e sem infraestrutura para treinar e alojar os cães;
- **Aluguel** de coterapeutas, para pessoas sem espaço e pouco tempo no dia a dia, mas que desejam interagir aos feriados e finais de semana ou quando for oportuno, sem o compromisso de ter um cão sobre sua tutela permanente;
- **Participação** em eventos, contratar pessoas proprietárias de cães coterapeutas para festas e eventos cobrando por isso;
- **Coparticipação,** onde você obtém seu coterapeuta e deixa em um espaço para visitação dentro de suas condições de tempo e horário.

ANÁLISE DOS DADOS

PARTICIPANTES DA PESQUISA

Foi criada uma classificação para as crianças, como por exemplo: das sete crianças que participaram deste estudo, foram classificadas da seguinte forma: meninas F1 - F2 - F3 e meninos M1- M2 - M3 - M4. Essa classificação preserva a identidade das crianças e facilita a classificação para maior entendimento descritivo do texto.

Tabela 1 - Crianças participantes do sexo Masculino.

Parnamirim/RN	Classificação	Idade	s	ano	condição
Parnamirim	M1	10 meses	M	Creche	normal
Parnamirim	M2	04 anos	M	Pré escola	normal
Parnamirim	M3	10 anos	M	4º ano	normal
Parnamirim	M4	11 anos	M	6º ano	normal

Fonte: Autor

Tabela 2 - Crianças participantes do sexo Feminino.

Parnamirim/RN	Classificação	Idade	sexo	ano	condição
Parnamirim	F1	02 anos	M	Creche	Normal
Parnamirim	F2	06 anos	M	1º ano	Normal
Parnamirim	F3	09 anos	M	4º ano	Normal

Fonte: Autor

Os meninos foram denominados por letra e número, descriminando também idade, sexo, escolaridade e condição física e intelectual. Essa descrição tem como objetivo identificar os participantes.

As crianças que participaram da pesquisa, criaram um vínculo afetivo muito forte, que a pedidos, gostaria de continuar as atividades por mais tempo. E até pensam em adquirir exemplares treinados para essa finalidade.

DESCRIÇÃO DAS RAÇAS UTILIZADAS

Os cães para serem selecionados, passaram por processo de seleção rigoroso, seguindo todo um protocolo desde a investigação do cão em si, como de outras raças, já que o TFC é uma terapia voltada para a utilização de cães. Dessa forma, participaram da

seleção inicial dois SRD, popularmente chamados de viralatas, uma Poodle Toy, uma Dobermann, uma Fila brasileira, uma Labrador e uma Golden Retriever. Essa mistura atendeu várias situações, pois tínhamos SRD, cães de guarda, cão de companhia e cães de caça refinados, ou seja, cães mestiços e puros de origem.

Todos os cães passaram pelos testes descritos abaixo, no qual podemos ver a condição real de cada um deles na prática, considerando que alguns já eram adultos e com hábitos e costumes adquiridos, outros mais novos, de grande, médio e pequeno porte.

> Tal atividade baseia-se no uso de animais chamados coterapeutas, os quais devem apresentar boa saúde física e mental visando ao bem-estar do animal e à segurança do paciente assistido quanto a riscos de zoonoses e comportamentos inadequados (OLIVA, 2007 apud YAMAMOTO et al., 2012, p. 569).

Dessa maneira, o uso de cães como coterapeutas devem apresentar boa saúde física e mental, pois isso traz segurança para os pesquisadores e para os pacientes envolvidos na pesquisa. Abaixo, a Tabela 3 traz a relação dos cães selecionados para esta pesquisa.

Tabela 3 - 1º Seleção de cães para a pesquisa

Cão 1	Mel	SRD	5 anos
Cão 2	Niquita	SRD	6 anos
Cão 3	Nina	Poodle Toy	3 anos
Cão 4	Melody MLK	Dobermann	8 meses
Cão 5	Britney M L K	Retriever labrador	4 anos
Cão 6	Rose MLK	Golden Retriever	3 anos
Cão 7	Hanna MLK	Fila Brasileiro	9 anos

Fonte: Autor

Durante essa seleção foram utilizadas raças diferentes, considerando a adestrabilidade, carisma do exemplar e principalmente a atração visual (simpatia). Considerando as possibilidades de que todo cão independente da raça possa se tornar um cão coterapeuta, na qual a condição comportamental deve fazer parte de um padrão, onde esse cão deva se enquadrar, como por exemplo.

Temperamento adequado, essa manifestação é biológica, ou seja, inata, só pode ser adaptada, melhorada, mas não mudada, pode se dizer que é de risco, por isso o cuidado

deve ser diferenciado em seu controle. Esses cães devem ser selecionados, considerando sua origem, procedência, linhagem, raça, condição temperamental e tipicidade.

Origem: a preocupação de que criação foi adquirido o exemplar, e se esse passou por uma seleção minuciosa, se é filosofia desse criador preocupar se em selecionar reprodutores e matrizes usando protocolos que identifique os exemplares mais adequados para a função da cinoterapia.

Procedência: de onde vem? Esse questionamento é fundamental para o sucesso do uso dos caninos mais adequados para a prática. Garantias parciais do comportamento adequado para a atividade se dá através de um trabalho especializado, onde profissionais da área cinotécnica, instituições, Ongs e centros de treinamento voltados para essa atividade, podem garantir de forma mais segura a procedência de cães específicos para tal finalidade.

Linhagens: a seleção de linhas de sangue onde seja comprovado históricos de resultados positivos de atendimentos no TFC, TAA ou AAA, por parte de seus parentescos.

Raça: se entende que o cão em si, tem uma influência terapêutica comprovada, mas devemos considerar que é um ser vivo sujeito à condição biológica e social, ou seja, pode apresentar alterações comportamentais, de forma hereditária ou adquirida como homem. Os cães sem raça definida (SRD) e cães de raça pura de origem (PO) de segmentos funcionais diferentes dos de companhia, tem a mesma influência terapêutica, mas nem sempre a mesma condição de ser utilizado no TAA, TFC, AAA. Visto que as raças, em sua formação inicial, passaram por um processo rigoroso para se consolidar em sua genética tipo físico e comportamental, e assim se definirem como raça, em média esse processo dura muitas décadas, para serem aceitas pelas federações que regulam a criação internacional como a Federação Internacional de Kennel Club (FCI) e no Brasil a Confederação Brasileira de Kennel Club (CBKC).

Entende-se que as chances de cão de raça pura apresentar um desvio comportamental são bem menores do que SRD, já o que concerne a funcionalidade das raças também tem grande influência, como por exemplo: o cão em sua formação foi desenvolvido para acompanhar o seu dono na labuta específica, esse tinha que apresentar características direcionadas para a função, os cães de caça, ave? Javali? Leão? Roedores?

Qual? , assim se direcionava a formação das raças e a seleção dos exemplares que iriam formar estas. É claro que também tinha que se considerar os fatores físicos, não bastava ter uma funcionalidade ideal se o cão não se adaptava com o meio físico das intempéries do tempo, dessa forma, os caninos eram selecionados considerando vários fatores adaptativos.

Assim, considerando a influência dos cães como ferramenta de estímulo terapêutico, utilizamos cães de funcionalidades diferentes na primeira seleção, como: 2 SRD conhecido com mestiço ou viralata, 1 Dobermann (guarda territorial), 1 Fila (boiadeiro), 1 Labrador (caça de aves), 1 Poodle Toy (cão de companhia) e um 1 Golden Retriever (caça de faisão). Foram observados os seguintes resultados na tabela abaixo, onde as cores definirão a condição específica:

Tabela 4 - Caracterização da reação através das cores.

FRACA “risco”	BAIXO “atenção”	ALTO “excelente”

Fonte: Autor

Tabela 5 - Tabela de resultados da condição comportamental.

Raça	Nome	a	b	C	d	e	F	g	h	i	j
SRD	Mel										
SRD	Niquita										
Dobermann	Melody										
Fila Brasileiro	Hanna										
Labrador	Britney										
Poodley Toy	Nina										
Golden Retriever	Rose										

Fonte: Autor

Essa tabela mostra, através de cores, o nível de risco para o atendimento de pessoas, em que a cor vermelha mostra um maior risco, amarelo uma atenção que indica uma investigação maior e verde, uma margem de segurança para o atendimento de pessoas.

Tabela 6 - 1º Teste de Washington para Estranhos (TWE)

SIGNIFICADO			
a	Atração por/ pessoas estranhas	**f**	Vontade de fazer algo pelo estranho
b	Seguir a liderança de estranhos	**g**	Resistência à dor provocada por estranho
c	Controle sob domínio físico de estranhos	**h**	Tolerância a sons fortes por estranho
d	Facilidade de controle pelo carinho por estranho	**i**	Reação a algo que se move
e	Facilidade de controle situação de risco p/ estranho	**j**	Alto controle a situação inesperada provocado p/ estranho

Fonte: Autor

A tabela acima, identifica os critérios que foram estimulados através do teste desenvolvido, Teste de Washington para Estranhos (TWE), no qual a partir desses resultados foram selecionados os cães que iriam participar do projeto como coterapeutas.

Segundo resultados da tabela acima, os cães: Mel SRD, apresentou 60%, baixa condição de uso para TFC e 40% de risco com restrições vermelhas em 4 quesitos, e Niquita SRD, apresentou 10%, nenhuma condição de uso para as terapias e 90% de risco de acidentes com estranhos, apresentou vermelho em nove quesitos. Vale salientar que esses resultados são apenas para efeito da utilização da cinoterapia com estranhos, já a utilização desse teste feito por familiares apresentou resultados diferentes, mais favoráveis.

Tabela 7 - 2º Teste de Washington para Familiares (TWF)

SIGNIFICADO			
a	Atração por/ pessoas da família	**f**	Vontade de fazer algo pelo dono
b	Seguir a liderança do dono	**g**	Resistência à dor provocada pelo dono
c	Controle sob domínio físico do dono	**h**	Tolerância a sons fortes pelo dono
d	Facilidade de controle pelo carinho do dono	**i**	Reação a algo que se move
e	Facilidade de controle situação de risco pelo dono	**j**	Alto controle a situação inesperada provocado pelo dono

Fonte: Autor

Vale ressaltar, que essa tabela foi desenvolvida com o objetivo de selecionar exclusivamente os cães voltados para o uso do TAA, TFC e AAA. Foi usado como referência para a sua construção, os testes: Teste de Volhard e Teste de Campbell , segundo Fiori e Penachi (2018).

Volhard é um teste utilizado para avaliar o temperamento do filhote e garantir a melhor escolha por parte do novo dono ou do criador que quer indicar o melhor cachorro para cada tipo de dono. É aplicado no filhote aos 49 dias de vida, pois é quando ele está neurologicamente completo e com cérebro adulto e num lugar desconhecido pelo animal. Durante a aplicação o filhote não deve ser intimidado. É um teste simples que avalia 10 itens básicos de comportamento canino. Esse teste serve para determinar a tendência geral inata do caráter de um cachorro.

O Teste de Campbell propõe analisar o comportamento dos cachorros em vários aspectos. É amplamente utilizado, inclusive, por entidades de adestramento de cães-guia de cegos e cães de terapia. Além de ajudar os novos proprietários, esse teste pode ser útil para os criadores que queiram selecionar o exemplar mais adequado para cada cliente e para adestradores que desejam sentir as potencialidades dos cachorros com vista ao adestramento e finalidades do mesmo teste que foi denominado de Teste de Washington (TW), dividido em dois: Teste de Washington para Estranhos (TWE) e o outro Teste e Washington para Familiares (TWF), ambos vêm com a proposta de facilitar em qualquer idade a condição de investigar provável utilização do cão para uma prática mais segura do TFC, TAA e AAA, tanto com relação à família como a estranhos.

Os dois testes criados para esse projeto foram necessários, uma vez que a reação dos resultados com pessoas da família deu diferente do que com estranhos, durante várias investigações a diversos sites de artigos acadêmicos, não pode identificar nada a respeito dessa dicotomia, pois a maioria dos testes estão voltados a filhotes até 49 dias, sendo justificado que após essa idade o resultado pode ser comprometido devido à influência do meio, visto que, o cão também está passivo ao meio.

Tabela 8 - Modelo do teste TWE

Classificação				**TESTE DE WASHINGTON PARA ESTRANHOS (TWE)**	
Tentativas				**Método**	**Situação desejada**
a.	3	2	1	Bata palmas, e falando de forma afetuosa, estimule-o a vir;	Vir ao ser chamado
b.	3	2	1	Levante e se afaste devagar, bata palmas e chame-o,	Vir ao ser chamado
c	3	2	1	Com as duas mãos pressione o focinho por 20 segundos;	Manter se calmo
d.	3	2	1	Suspenda o por 30 seg. em seguida tente acalmá-lo até acalmá-lo;	Aceitar sem se debater
e.	3	2	1	Mantenha o em decúbito ventral, imobilizando o por 20 segundos;	Aceitar sem se debater

f.	3	2	1	Bata palma, em seguida lance uma bola de papel ou	Busque
g.	3	2	1	Abrace o bem forte por 30 segundos provocando o incômodo;	Aceita e lambe o rosto
h.	3	2	1	Bater forte a colher na panela, ambas de metal, algumas vezes;	Se mantém próximo
i.	3	2	1	Amarre na ponta de uma vassoura um pedaço de tecido e arraste.	Seguir imediatamente
j.	3	2	1	Abra e feche um guarda-chuva três vezes e observe sua reação;	Ir até o objeto investigar

Apenas vermelho, desqualificado; Não qualificado, mas pode ser feito novamente por outra pessoa;

Apenas amarelo, pode ser usado, sendo necessário um treinamento e refazer o teste por outra pessoa;

Amarelo e verde, pode ser usado, sendo necessário um treinamento e refazer o teste por outra pessoa;

Apenas verde, deve ser usado sendo necessário um tempo menor de treinamento.

O TWE – Esse teste observa a reação do cão em possíveis situações que ocorrem durante um atendimento, seja do TFC, TAA e AAA. Cada cor é referente ao número de tentativas, ou seja, se o cão executar a situação desejada na primeira tentativa o avaliador marcará verde, se for na segunda amarelo, mas caso seja três ou mais, será o vermelho. Ao final, o avaliador verá o número de tentativas, para ser apto a iniciar a preparação, seguido os seguintes critérios acima

Fonte: Autor

Tabela 9 - Modelo do Teste TWF

Classificação				**TESTE DE WASHINGTON PARA A FAMÍLIA (TWF)**	
Tentativas				**Método**	**Situação desejada**
a.	3	2	1	Bata palmas, e falando de forma afetuosa, estimule-o a vir;	Vir ao ser chamado
b.	3	2	1	Levante e se afaste devagar, bata palmas e chame-o,	Vir ao ser chamado
c.	3	2	1	Com as duas mãos pressione o focinho por 20 segundos;	Manter se calmo
d.	3	2	1	Suspenda o por 30 seg. em seguida tente acalmá-lo até acalmá-lo;	Aceitar sem se debater
e	3	2	1	Mantenha o em decúbito ventral, imobilizando o por 20 segundos;	Aceitar sem se debater
f.	3	2	1	Bata palma, em seguida lance uma bola de papel ou de pano;	Busque
g.	3	2	1	Abrace o bem forte por 30 segundos provocando o incômodo;	Aceita e lambe o rosto
h.	3	2	1	Bater forte a colher na panela, ambas de metal, algumas vezes;	Se mantém próximo
i.	3	2	1	Amarre na ponta de uma vassoura um pedaço de tecido e arraste.	Seguir imediatamente
j.	3	2	1	Abra e feche um guarda-chuva três vezes e observe sua reação;	Ir até o objeto investigar

O TWF – Esse teste observa ao contrário do TWE, a avaliação através das reações do cão em possíveis situações que ocorrem durante o dia a dia, que devem ser corrigidas através de adestramento por um profissional ou até mesmo pelo próprio dono sob a supervisão de um treinador. Cada cor é referente ao número de tentativas, ou seja, se o cão executar a situação desejada na primeira tentativa, o dono marcará verde, se for na segunda marcará o amarelo, mas caso seja três ou mais, será vermelho. Ao final, o dono verá o número de tentativas, para se ter uma posição comportamental de seu exemplar:

Apenas vermelho, precisa de treinamento de um profissional; os quesitos vermelhos, procure a orientação de um profissional;

O teste deve ser refeito por outra pessoa da família, se persistir o mesmo resultado, procure orientação na correção dos itens vermelhos.

Bom; Muito bom; Excelente

Fonte: Autor

Baseado nessas informações e, ao mesmo tempo, à necessidade de avaliar os exemplares que iriam ser utilizados, pois não seria interessante trabalhar com uma margem de risco de acidentes como, pulos, fugas, arranhões, mordidas, entre outros, já que trabalhamos com crianças, e que estas também passam por processo de desenvolvimento emocional, em que qualquer reação negativa do cão pode gerar na criança um processo de trauma psicológico, abaixo estão os modelos dos testes Volhard e William Campbell, retirados da revista cães-e-cia, os resultados se dão por pontos. Esses testes foram usados como referência para a formulação dos testes citados acima, como o TWE e o TWF, que foram desenvolvidos especificamente para a pesquisa voltada à terapia facilitada por cães.

A necessidade de adaptar um novo teste para uma função específica foi necessário, pois essa etapa foi uma das mais complexas, pois envolvia a segurança.

TESTE DE VOLHARD

Abaixo, descrevemos os passos do teste de Volhard descritos por Silva (2010).

1º - Chamar (Atração por pessoas)

Indica: sociabilidade, treinabilidade.

Como fazer: o criador traz o filhote e sai. Fique a cerca de 1,20 metro do cão, agachado. Bata palmas e, falando de forma afetuosa, estimule-o a vir.

Pontuação: o cão vem logo, animado, e: a) salta e morde a mão do examinador = 1 ponto; b) bate com a pata no examinador, lambe a mão = 2; c) não encosta no

examinador = 3. O cão: a) vem logo, sem mostrar ânimo = 4; b) vem hesitante = 5; c) não vem = 6 (visando aos próximos testes, deixe o cão cheirar sua mão, acaricie-o e converse com ele de forma encorajadora para despertar-lhe a confiança).

2º - Acompanhar (Seguir a liderança humana)

Indica: independência, interação com humanos, treinabilidade.

Como fazer: aplique após o teste anterior sem interrupção. Levante e se afaste devagar. Fale com o cão, bata palmas e chame-o. Só depois marque os pontos de ambos os testes. Enquanto isso, procure interagir com o filhote.

Pontuação: o cão segue logo, animado, e: a) coloca-se entre os pés do examinador e o morde, atrapalhando a caminhada = 1 ponto; b) coloca-se entre os pés do examinador = 2; c) não se coloca entre os pés do examinador nem encosta nele = 3. O cão: a) segue logo, mostrando submissão = 4; b) segue hesitante = 5; c) não segue ou se afasta = 6.

3º - Restrição (Facilidade de controle sob domínio físico)

Indica: submissão, treinabilidade.

Como fazer: agachado, vire com muita delicadeza o filhote de costas e segure-o com uma mão no peito, sem muita pressão, por até 30 segundos, olhando- o com expressão gentil e tentando estabelecer contato visual, porém sem falar. Observe a reação.

Pontuação: a) o cão se debate muito e morde = 1 ponto; b) debate-se muito = 2; c) debate-se e aceita, sem evitar contato visual com o examinador = 3; d) debate-se pouco e aceita = 4; e) não se debate = 5; f) não se debate e se esforça para evitar contato visual = 6.

4º - Acariciar (Facilidade de controle pelo carinho)

Indica: independência, dominância, aceitação de proximidade de pessoas, treinabilidade.

Como fazer: aplique em seguida ao teste anterior, marque os pontos de ambos depois. Deixe o filhote ficar em pé ou sentar, agache-se ao lado dele e acaricie-o da cabeça à cauda com uma mão. Observe a reação.

Pontuação: a) pula, bate com as patas, morde, rosna = 1 ponto; b) pula, bate com as patas = 2; c) receptivo, roça no examinador e tenta lamber seu rosto = 3; d) muito receptivo, lambe a mão do examinador = 4; e) rola no chão e lambe a mão = 5; f) afasta-se = 6.

5º - Elevação (Facilidade de controle em situação de risco)

Indica: dominância, medo.

Como fazer: mantendo a posição agachada, pegue o filhote com as mãos sob o peito e levante-o cerca de 30 cm, por até 30 segundos.

Pontuação: o cão se debate e: a) morde = 1 ponto; b) não morde = 2; c) aceita, debate-se, aceita, seguidamente = 3. O cão não se debate e fica: a) relaxado

= 4; b) tenso = 5; c) paralisado = 6.

6º - Buscar (Vontade de fazer algo pelo dono)

Indica: treinabilidade, interação com humanos, obediência.

Como fazer: ainda agachado, acene com um papel amassado (bolinha) e lance-o cerca de um metro à frente do cão, em local visível, encorajando-o a buscar.

Pontuação: a) o cão pega o papel e se afasta = 1 ponto; b) pega, não traz e não se afasta = 2; c) pega e traz = 3; d) vai até o papel e volta sem ele = 4; e) começa a ir ao papel mas perde o interesse = 5; f) não vai ao papel = 6.

7º - Pressão na pata (Resistência à dor)

Indica: sensibilidade à dor.

Como fazer: continue agachado e aperte de leve, com o polegar e o indicador, os dedos de uma pata dianteira do cão. Aumente aos poucos a pressão e conte mentalmente

de um até dez ou pare antes se o cão reagir. Se ele não deixar tocar a pata, pressione a orelha.

Pontuação: total contado a) de 8 a 10 = 1 ponto; b) 6 a 8 = 2 pontos; c) 5 ou

6 = 3 pontos; d) 3 a 5 = 4 pontos, e) 2 a 3 = 5 pontos; f) 1 ou 2 = 6 pontos.

8º - Barulho forte (Reação a sons)

Indica: sensibilidade a ruído, medo.

Como fazer: coloque o filhote no centro da área e fique ao lado dele. O observador, de frente para o filhote e não muito próximo, bate forte uma colher numa panela, ambas de metal, uma única vez.

Pontuação: o cão localiza o som e: a) vai excitado até a origem = 1 ponto; b) vai até a origem, sem excitação = 2; c) não vai, mas mostra curiosidade = 3; d) não vai e não mostra curiosidade = 4; e) encolhe-se, afasta-se e esconde-se = 5. O cão ignora o som = 6.

9º - Perseguir (Reação a algo que se move)

Indica: potencial para perseguir pessoas, animais e objetos em movimento, bem como sensibilidade visual.

Como fazer: ponha o filhote no centro da área. Amarre uma toalhinha na ponta de uma guia e, ficando ao lado dele, lance-a rente ao chão. Puxe-a de volta aos poucos três vezes e observe a reação que prevalece.

Pontuação: a) o cão ataca e morde = 1 ponto; b) pega a toalha sem atacar

= 2; c) investiga com interesse = 3; d) olha curioso, mas não investiga = 4; e) foge ou se esconde = 5. f) ignora = 6.

10º - Pegar de surpresa (Reação a situação inesperada)

Indica: estabilidade, equilíbrio.

Como fazer: a um metro e meio do cão, abra um guarda-chuva e coloque- o no chão para ele investigar.

Pontuação: a) avança e morde = 1 ponto; b) aproxima-se e abocanha sem morder = 2; c) aproxima-se, investiga e não abocanha = 3; d) fica parado e olha = 4; e) afasta- se e esconde-se = 5; f) ignora = 6.

O que significa a pontuação

- Em geral, o cão obterá pontuações diferentes no decorrer do teste, com variação pequena e prevalecendo uma delas. Se a variação for grande e o cão não tiver problema de saúde, é possível que ele seja muito instável. Veja o que a prevalência de cada pontuação indica:
- Prevalece 1 ponto**:** cão muito dominante, de difícil controle. Com forte desejo de liderança, não hesita em lutar por ela, agredir e morder pessoas e outros cães. Só deve ir a um lar muito experiente, e receber treino rotineiro. Não deve conviver com crianças, idosos e outros animais.
- Prevalecem 2 pontos: cão dominante, aspira a liderança. De eventual difícil controle, pode morder. Autoconfiante demais e com excesso de energia para crianças, idosos e outros animais. Requer exercício e treino, além de horários rígidos. Donos experientes podem obter ótimo convívio com ele.
- Prevalecem 3 pontos: convive bem com pessoas e outros animais. Pode ter muita energia e precisar de muito exercício. Boa opção para um dono que já teve outro cão. Precisa de treino e aprende depressa.
- Prevalecem 4 pontos**:** é o tipo de cão adequado para a companhia e a melhor opção para donos de primeira viagem. Não é o guarda ideal por ser submisso demais. Raramente se esforçará para obter uma "promoção" na família. Fácil de treinar e bastante tranquilo. Bom para idosos e crianças pequenas, das quais pode até precisar ser protegido.
- Prevalecem 5 pontos: muito submisso, medroso e tímido, requer manejo cuidadoso. Tende a se assustar com pessoas, lugares e barulhos estranhos. Até um piso diferente pode incomodá-lo. Quando recebe carinho, na chegada do dono, pode urinar em sinal de submissão. Se encurralado, tenta fugir. não

conseguindo, pode morder. Precisa de um lar especial, sem crianças e onde o ambiente não mude muito. Melhor para um casal tranquilo.

- Prevalecem 6 pontos**:** tão independente que não se apega ao dono. Apesar de o utilizarem como guarda, não é recomendado pois costuma provocar acidentes.
- Pontuação muito irregular**:** indica temperamento instável, não recomendável em um cão para uma família (SILVA, 2010).

TESTE DE WILLIAM CAMPBELL

Já o teste de Campbell está voltado a questões objetivas sequenciais, William Campbell, um psicólogo especializado em etologia (ciência que estuda o comportamento animal), criou uma série de testes para descobrir e selecionar os comportamentos individuais. O teste de Campbell objetiva determinar a tendência do caráter de um filhote, bem como definir as grandes linhas da personalidade do mesmo.

Os cinco testes realizam-se em poucos minutos para cada cachorro e devem ser feitos com o animal sozinho. Os resultados devem ser anotados, isso permitirá classificar os cachorros em diferentes categorias, que correspondem a diferentes tipos de comportamento.

1º. Vir até nós, coloque o filhote no chão em local desconhecido. Afaste-se aos poucos e agache-se. Chame-o com um tom de voz alegre, batendo palmas ou os pés no chão. Marque a resposta apropriada. O filhote:

veio prontamente, pulou em você e, talvez, pôs a boca na sua mão ou mordeu.

veio prontamente, cauda levantada e subiu no seu colo.

veio prontamente, cauda nivelada ou ligeiramente caída.

veio, mas hesitante, talvez rastejando.

não veio.

2º. Seguir pessoas

Fique em pé e afaste-se do filhote, sem encorajá-lo. Observe sua reação. O filhote:

seguiu você bem de perto, cauda levantada, sacolejando e perseguindo seus pés.

seguiu-o bem de perto, cauda levantada e parou bem perto.

seguiu-o hesitante.

seguiu-o devagar, talvez rastejando.

não o seguiu.

3º. Buscar objetos

Mostre um papel amassado ao filhote. Quando você perceber que ele o viu, arremesse-o na frente dele, a uma curta distância. O filhote:

perseguiu o papel rapidamente, trouxe-o de volta, mas ficou brincando sem devolvê-lo.

perseguiu o papel, trouxe-o de volta e permitiu que você o pegasse.

c)foi atrás hesitante, mas trouxe-o de volta até, pelo menos, parte do caminho.

não foi atrás.

foi atrás do papel, mas desistiu, mudando de direção.

4º. Adestramento

Fique em pé, com o filhote olhando para você. Com as mãos sobre a cabeça dele, amasse um pedaço de papel produzindo um barulho bem perceptível. Continue com o barulho e conduza as mãos devagar em direção à cauda, dizendo "senta". Quando ele obedecer, elogie-o e permita que brinque rapidamente com o papel. Repita 4 ou 5 vezes. O Filhote:

pula em você, tentando pegar o papel.

pula em você na primeira vez, mas depois, na segunda ou terceira tentativa, senta rapidamente com a cauda balançando.

c) senta na segunda ou terceira vez.

senta e, depois, deita.

vai embora

5º. Ser acariciado

Acaricie o filhote afagando a cabeça, pescoço, ombros e costas. Passe a mão nas orelhas, focinho, patas e por todo o corpo. O filhote:

pula em você, rosna ou morde suas mãos.

põe as patas nas suas mãos, fica excitado movendo o corpo e tenta subir em você.

fica excitado, movendo o corpo e lambe sua mão.

rola no chão e fica de barriga para cima.

debate-se e afasta-se.

6º. Dominância

Role o filhote no chão, de lado e de costas, e segure-o de forma que fique imóvel, até se acalmar. O filhote:

resiste com todas as suas forças, tenta morder, rosna e resmunga.

resiste vigorosamente e talvez resmunga.

resiste, mas depois se acalma.

não resiste, lambe suas mãos.

não resiste e, talvez, urina.

PONTUAÇÃO

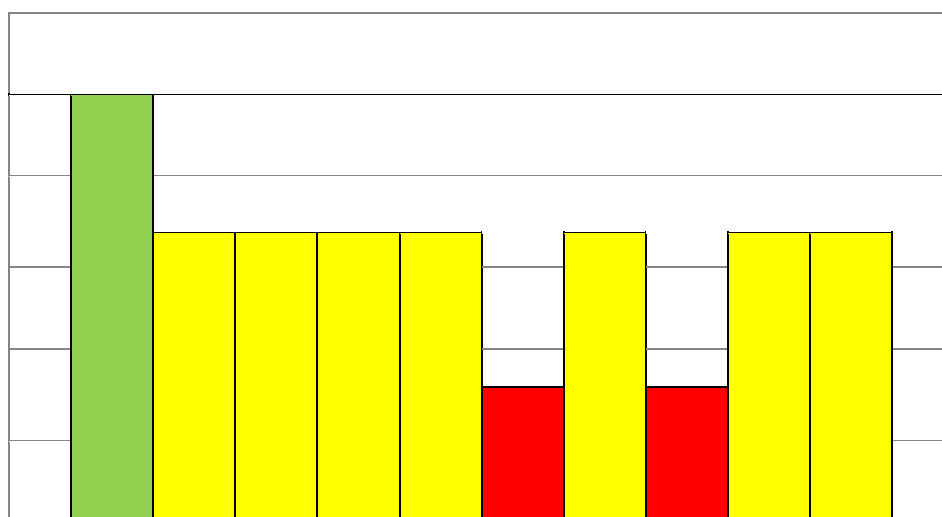
- **Três ou mais "A's":** o filhote é dominante e mostra tendência agressiva. Pode morder. Não é indicado como primeiro cão para uma família com crianças pequenas e nem para uma pessoa muito tranquila e dócil. Seu dono deverá ser adulta, experiente e educá-lo com firmeza, mas sem agressividade para não o deixar ainda mais agressivo. O cãozinho poderá tornar-se um bom companheiro e prestar bons serviços, mas há também a possibilidade de que venha a ser difícil de controlar

- **Três ou mais "B's" ou uma combinação de "A's" e "B's":** o filhote tende a ser extrovertido e dominante. Não é indicado como primeiro cão nem para uma família com crianças pequenas, embora sirva para crianças mais velhas. Será um bom cão de trabalho para um dono experiente.
- **Três ou mais "C's"**: este cão serve para a maioria das pessoas. É adequado para uma família com crianças, para pessoas idosas e para quem pretende ter um cão pela primeira vez. Aceitará bem o treinamento.
- **Três ou mais "D's"**: é um cão submisso que precisa ser tratado com delicadeza, um companheiro adequado para pessoas idosas ou para adultos tranquilos. Seu dono não precisa ser experiente, mas um treinamento positivo e sociabilização cuidadosa ajudará o cão a se integrar melhor não deve ser tratado com violência.
- **Três ou mais "E's" ou combinação de "D's" com "E's":** este cão pode ser excessivamente tímido. Se tiver um "a" na pontuação pode morder em situações de estresse, não sendo indicado para crianças ou donos inexperientes[1].

Tabela 10 - Resultado do Exemplar da 1º Seleção de Teste (TWE)

Raça	Nome	a	b	C	d	E	f	g	h	i	J
SRD	Mel										

Fonte: Autor

Gráfico 1 - Gráfico do resultado da Tabela 10.

Resultado – Não qualificada para atender crianças pelo TAA, TFC e AAA.

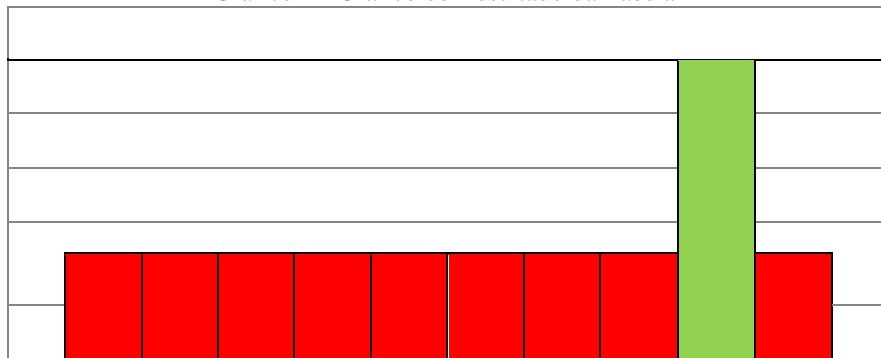
[1] Fonte: Revista Cães e Cia, Coleção Nossos Amigos, os Cães.

A Tabela 10 e o Gráfico 1 indicam a prevalência das cores amarelo e vermelho que indicam instabilidade nos resultados de temperamento para o uso de coterapeuta.

Tabela 11 - Resultado SRD Niquita

Raça	Nome	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
SRD	Niquita										

Fonte: Autor

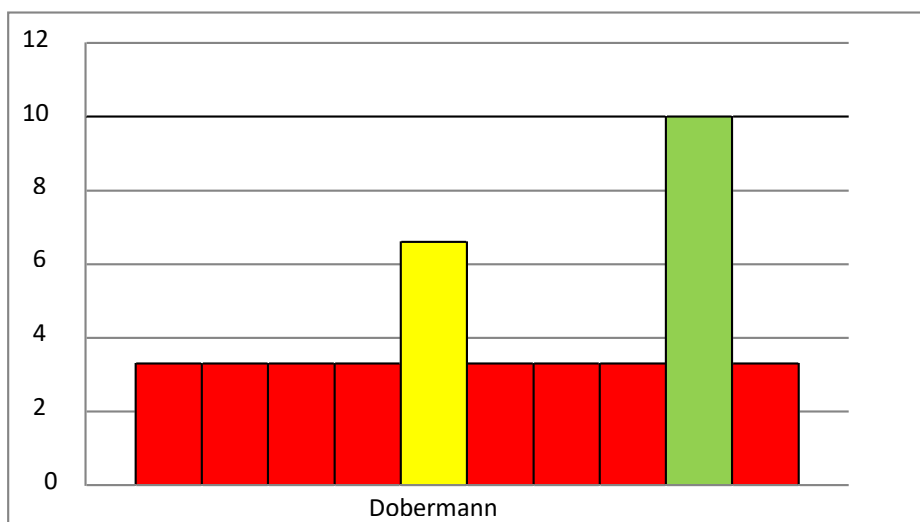
Gráfico 2 - Gráfico do Resultado da Tabela 11

Resultado – Não qualificada para atender crianças pelo TAA, TFC e AAA.

A Tabela 11 e o Gráfico 2 indicam a prevalência das cores amarelo e vermelho que indicam instabilidade nos resultados de temperamento para o uso do coterapeuta.

Tabela 12 – Resultado Dobermann Melody

Raça	Nome	a	b	c	d	E	f	g	h	i	J
Dobermann	Melody										

Fonte: Autor

Gráfico 3 - Gráfico do Resultado da Tabela 12

Resultado – Não qualificada para atender crianças pelo TAA, TFC e AAA.

A exemplar da raça Dobermann, apresentou um temperamento forte, bem peculiar dos cães de guarda, por esse motivo fica inviável utilizá-la como coterapeuta, já que teria que se relacionar com situações inesperadas e pessoas estranhas.

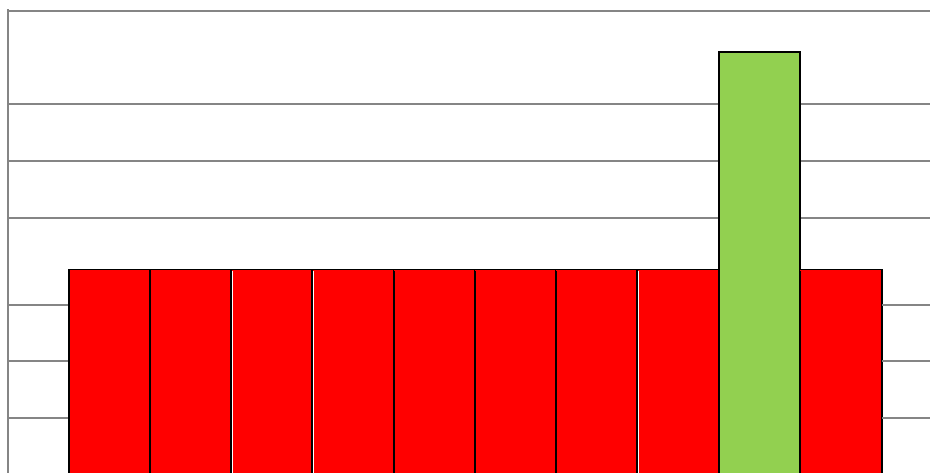
Essa raça, por ser uma de guarda, foi utilizada com o propósito de identificar que mesmo de temperamento típico de guarda, seria possível o seu uso na terapia com escolares de forma segura.

Confirmada a sua utilização para apenas os seus proprietário interagirem, ou seja, seus.

Tabela 13 - Resultado da Fila Brasileiro

Raça	Nome	a	b	c	d	E	f	g	h	i	J
Fila Brasileiro	Hanna										

Fonte: Autor

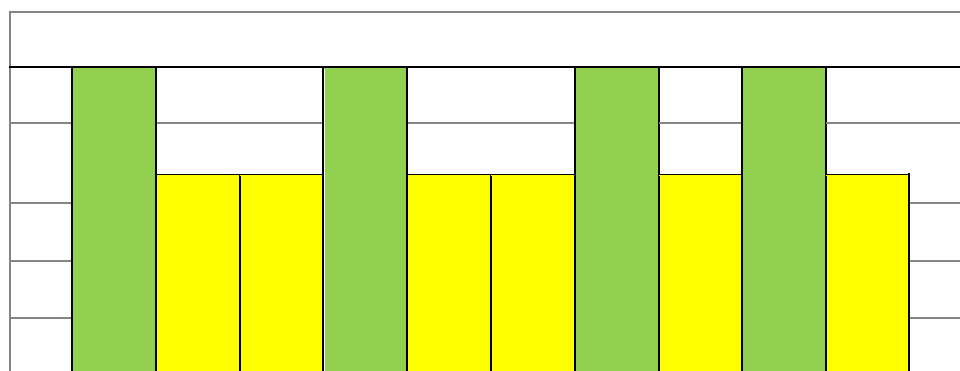
Gráfico 4 - Gráfico do Resultado da Tabela 13

Resultado – Não qualificada para atender crianças pelo TAA, TFC e AAA.

O resultado do exemplar Hanna, da raça Fila brasileiro, apresentou uma estabilidade no que diz respeito ao temperamento forte, ou seja, de guarda, se tornando inviável para uso de coterapeuta, já que constantemente teria que lidar com estranhos.

Tabela 14 - Resultado da Labrador

Raça	Nome	a	b	c	d	e	f	g	h	i	J
Labrador	Britney										

Fonte: Autor

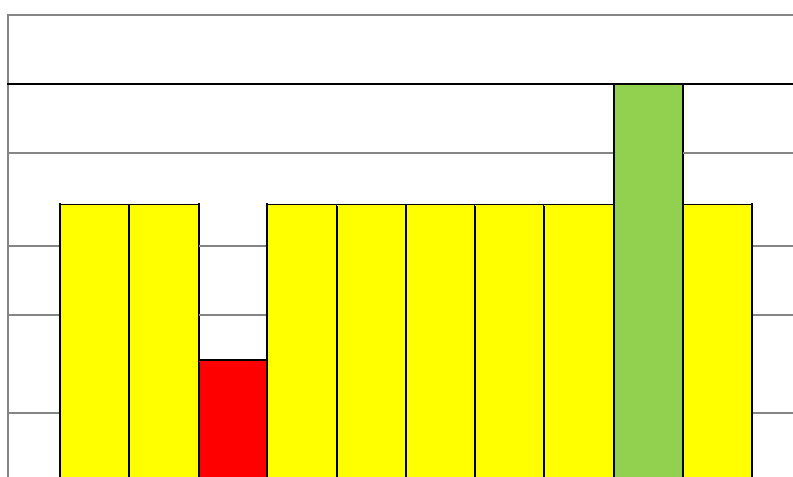
Gráfico 5 - Gráfico do Resultado da Tabela 14

Resultado – Qualificada para atender crianças pelo TAA, TFC e AAA.

O resultado do exemplar Britney da raça Labrador, não apresentou margem vermelha de risco, mas predominância amarela, ou seja, um nível de atenção considerável, deixando a possibilidade de ser treinada e em seguida ser refeito o teste para uma possível possibilidade de usá-la como coterapeuta.

Tabela 15 - Resultado da Poodle Toy

Raça	Nome	a	b	c	d	e	f	g	h	i	J
Poodley Toy	Nina										

Fonte: Autor

Gráfico 6 - Gráfico do Resultado da Tabela 15

Resultado – Não qualificada para atender crianças pelo TAA, TFC e AAA.

A exemplar Nina, da raça Poodle Toy, apresentou um nível de docilidade muito bom, mas pouco tolerante a possíveis situações de desconforto na região de seu focinho. Se torna um risco, já que a região do corpo mais tocada é o focinho.

Tabela 16 - Resultado da Golden Retriever

Raça	Nome	a	b	c	d	e	f	g	h	i	J
Golden Retriever	Rose										

Fonte: Autor

Gráfico 7 - Gráfico do Resultado da Tabela 16

Resultado – Qualificada para atender crianças pelo TAA, TFC e AAA.

O resultado do exemplar da raça Golden Retriever de nome Rose, foi entre todos os exemplares a que apresentou o melhor resultado para atuar como coterapeuta. Já esperávamos esse resultado, pois ela foi selecionada através de uma pesquisa para a raça ideal, mesmo acreditando no potencial terapêutico desta, resolvemos investigar outras raças, já que existia um entendimento que todo cão tem uma ação terapêutica, mas surgiu uma dúvida de que, "será que todo cão poderia atuar como coterapeuta"?. Esta pergunta, foi o que nos levou a utilizar durante a investigação outras raças. Chegamos à conclusão que nem todo cão tem condições de atuar como coterapeuta.

Tabela 17 - 2ª Seleção de cães machos da raça Golden Retriever para a pesquisa

Cão	Nome	Raça	RG	Idade
Cão 8	Laion M L K	Golden Retriev.	**RNA/15/00490**	1 ano
Cão 9	Thor MLK	Golden Retriev.	**RNA/15/00489**	1 ano
Cão 10	Bonny MLK	Golden Retriev.	**RNA/15/00488**	1 ano

Fonte: Autor

Já escolhida a raça, utilizamos, três machos da raça Golden Retriever, para avaliar qual seria o melhor sexo para trabalhar como coterapeuta.

Tabela 18 - Resultado do Golden Retriever

Raça	Nome	a	b	c	d	e	f	g	h	i	J
Golden Retriever	Laion										

Fonte: Autor (Resultado – Qualificada para atender crianças pelo TAA, TFC e AAA)

Tabela 19- Resultado do Golden Retriever.

Raça	Nome	a	b	c	d	e	f	g	h	i	J
Golden Retriever	Thor										

Fonte: Autor (Resultado – Qualificada para atender crianças pelo TAA, TFC e AAA)

Tabela 20 - Resultado do Golden Retriever

Raça	Nome	a	b	c	d	e	f	g	h	i	J
Golden Retriever	Bonny										

Fonte: Autor (Resultado – Qualificada para atender crianças pelo TAA, TFC e AAA)

Os três exemplares do sexo macho, da raça Golden Retriever, apresentaram um excelente temperamento para a utilização de cães coterapeutas.

Restou apenas uma dúvida, no que diz respeito a qual sexo utilizaríamos, durante a pesquisa.

Durante os atendimentos, tivemos um resultado excelente. Os resultados voltados para o manejo, tiveram pontos muito negativos no que diz respeito ao manejo, o hábito de urinar em obstáculos, os órgãos genitais, a amostra constantemente úmida por secreções na região do pênis, entre outros. Dificultou o andamento do uso dos machos.

Resolvemos, usar a fêmea Rose da raça Golden Retriever, selecionada para acasalar com o cão 8 Laion, da raça Golden Retriever, para deste cruzamento selecionarmos fêmeas para serem utilizadas após teste de temperamento.

Daí, surgiram do trabalho de seleção, mais duas fêmeas selecionadas através de testes de temperamento (TWE), para serem treinadas para atuarem como coterapeuta, registradas de nome Anne e Malu.

Tabela 21 - 3º Seleção de cães para a pesquisa

Cão	Nome	Raça	RG	Idade
Cão 11	Anne M L K	Golden Retriev.	**RNA/13/00417**	1 ano
Cão 6	Rose MLK	Golden Retriev.	**RNA/12/00144**	3 anos
Cão 12	Malu MLK	Golden Retriev.	**RNA/15/00492**	1 ano

Fonte: Autor

Percebe-se neste trabalho a rigorosidade do trabalho de seleção dos cães que iram atender as crianças. Não basta ser dócil e calmo o cão, ele tem que ter características que gere uma confiabilidade no professor e nas próprias crianças, e essa relação só acontece quando um planejamento com o instrumento de pesquisa que você acredita que vai realmente atender à necessidade deficitária que você deseja atingir.

Até mesmo entre os cães das raças mais indicadas, e que apresentaram excelentes resultados nesta pesquisa, foi identificado características não tão adequadas como o desejado. Então, a transformação e o sucesso dependem de exemplares de raças selecionadas para tal função que procurem atingir estes, de forma que, o objetivo principal seja alcançado com segurança.

Tabela 22 - Resultado do Golden Retriever – Aprovada para o atendimento.

Raça	Nome	a	b	c	d	e	f	g	h	i	J
Golden Retriever	Cão -11 Anne										

Fonte: Autor

Gráfico 8 - Gráfico do Resultado da Tabela 22

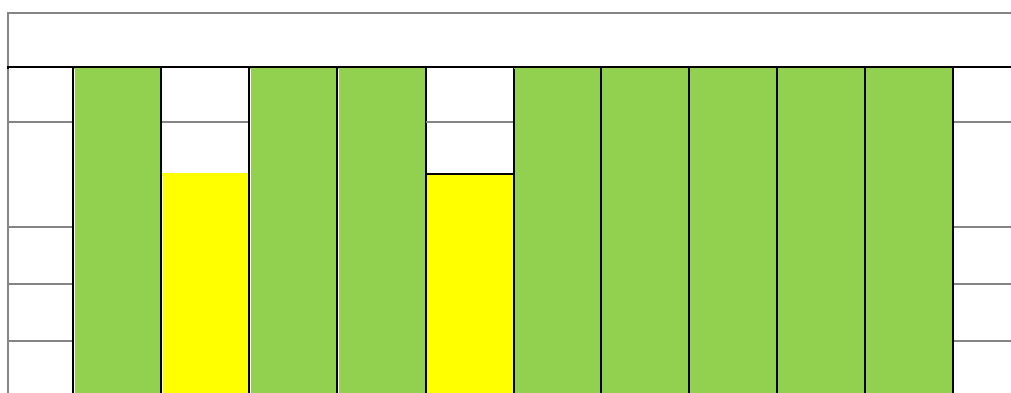
Resultado – Qualificada para atender crianças pelo TAA, TFC e AAA.

O resultado do teste (TWE) da fêmea ANNE foi muito bom, a predominância da cor verde ressalta um nível de segurança, uma tranquilidade para quem vai se relacionar com essa cadela.

Tabela 23 - Resultado do Golden Retriever Rose – Aprovada para o atendimento.

Raça	Nome	a	b	c	d	e	f	g	h	i	J
Golden Retriever	Cão-6 Rose										

Fonte: Autor

Gráfico 9 - Gráfico do Resultado da Tabela 23

Resultado – Qualificada para atender crianças pelo TAA, TFC e AAA.

O resultado do teste (TWE), da fêmea Rose, foi muito bom, a predominância da cor verde ressalta um nível de segurança, uma tranquilidade para quem vai se relacionar com essa cadela.

Tabela 24 - Resultado do Golden Retriever – Aprovada para o atendimento.

Raça	Nome	a	b	c	d	e	f	g	h	i	J
Golden Retriever	Cão12 Malu										

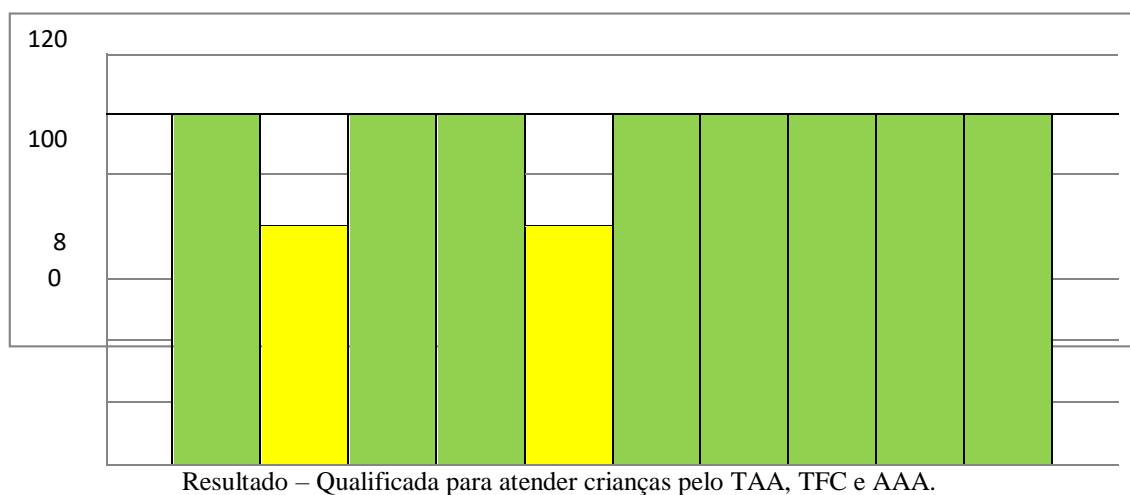
Fonte: Autor

Gráfico 10- Gráfico do Resultado da Tabela 24

120

100

8
0

Resultado – Qualificada para atender crianças pelo TAA, TFC e AAA.

O resultado do teste (TWE), da fêmea MALU, foi muito bom, a predominância da cor verde ressalta um nível de segurança, uma tranquilidade para quem vai se relacionar com essa cadela.

Os cães que participaram da primeira seleção, apresentaram risco para a atividade de terapia com cães com a presença de estranhos, os seguintes exemplares, SRD Niquita, SRD Mel, Fila brasileiro Hanna, Dobermann Melody, já a Labrador mostrou baixo risco e a raça golden retriever apresentou resultados bem expressivos, se mostrou mais indicada, segundo o teste criado durante o projeto denominado (TWE).

Baseado nesse resultado, escolhemos a raça golden retriever para a pesquisa. Havia dúvidas a respeito do sexo: macho ou fêmea seria o mais ideal? Selecionamos cães jovens que passaram por uma seleção de testes, até encontrarmos os machos e as fêmeas.

Durante a escolha do sexo percebemos que as fêmeas apresentavam melhor relação afetiva e mais fáceis de serem manejadas, assim, decidimos pelo sexo fêmea.

Escolhido o sexo e a raça, partimos para a seleção das fêmeas, e iniciamos as atividades com elas, e até momento são formidáveis e estão fazendo atendimentos rotineiramente. A raça Golden Retriever, além de ser muito afetuosa, dócil é tolerante aos maus tratos, mesmo sofrendo um incidente involuntário por terceiros ou até mesmo uma agressão, se mantêm calmos e tolerantes por mais tempo, comparado às outras raças. Ressaltando que cães da raça golden retriever, apesar de indicados mais em caso de terapia, devem ser investigados através de protocolos ou testes sua condição para a finalidade.

O GOLDEN RETRIEVER

Goldens parecem Labradores de pelo longo, mas tem o temperamento mais calmo e se adaptam a lugares diversificados, sua classificação:

Família: cão de caça, cão de busca

Grupo do AKC: Esportistas

Área de origem: Inglaterra

Função Original: cão de busca

Tamanho médio do macho: Alt: 58-60 cm, Peso: 29-34 kg

Tamanho médio da fêmea: Alt: 54-57 cm, Peso: 25-30 kg

Outros nomes: Retriever Amarelo

Posição no ranking de inteligência: 4ª posição

Vivendo ao norte da fronteira da Escócia, na região do Rio Tweed, Lord Tweedmouth foi o responsável pela raça. A partir do crescimento do interesse por cães de busca, por volta de 1850, passou a ser necessário um cachorro que conseguisse avançar em uma vegetação densa, enfrentar águas frias, nadar e fazer o resgate com cuidado. Dessa maneira, naquela época, o Lord Tweedmouth cruzou um Retriever de pelo

ondulado e amarelado, chamado Nous, com uma Tweed Water Spaniel, que é uma retriever de cor amarelo-escuro com pelo muito crespo, chamada Belle. Desse cruzamento, foram gerados quatro filhotes, que prenunciavam ser excelentes cães para buscar aves em regiões altas.

Em outro momento, foram feitos outros cruzamentos cuidadosos com retrievers pretos, Tweed Spaniels, setters e até um Bloodhound. No começo consideraram a raça como sendo uma variedade em tom amarelo (dourado) dos retrievers de pelo liso, mas depois a raça foi reconhecida como Golden Retriever em 1912. Alguns desses cães chegaram à América com os filhos de Lord Tweedmouth em 1900, mas o AKC só os registrou como raças separadas em 1927. A raça foi valorizada por suas habilidades de caça, produzidas pela cuidadosa mistura de seu material original. Só mais tarde se tornou popular com animal de estimação, cão de exposição e um competidor em obediência. Após essa transição, o crescimento da raça foi meteórico, e ela continua sendo uma das mais populares da América.

TEMPERAMENTO DO GOLDEN RETRIEVER

Segundo Muñoz (2014), essa raça é fácil de ser treinada e é extremamente inteligente, sendo muito procurada para a terapia assistida por animais, acompanhante terapêutico e serviço como cão-guia. É um cão muito afetuoso e amigável, se adaptando facilmente tanto com crianças como com outros animais.

Figura 6 - Goldens filhotes.

Fonte: Canil Maria Lúcia.

Filhotes Selecionados para o projeto de pesquisa em desenvolvimento, filhos dos cães coterapeutas Anne e Lion, Malu ao lado direito da foto filha de Anne, neta de Rose (golden escolhida da segunda seleção para a utilização de fêmeas).

A raça Golden Retriever é conhecida por ter uma natureza devotada e protetora como companheiro da família, fazendo suas buscas esportivas também em apartamento, mas anseia e necessita de passeios no campo. Não se pode ignorar sua natureza ativa e sua estrutura física poderosa, pois isso pode levar a problemas de comportamento. Essa raça precisa de exercícios físicos e mentais todos os dias. Ele tende a ser excessivamente exuberante e agitado, e seu entusiasmo pelas coisas o distrai facilmente durante o treino. Porém, ele é louco para agradar e adora aprender. Os feitos de que Golden é capaz em obediência competitiva são impressionantes. Ele gosta especialmente de brincadeiras que envolvam buscas e adora trazer as coisas na boca.

COMO CUIDAR DE UM GOLDEN RETRIEVER

O Golden Retriever precisa de exercícios todos os dias e de interação humana, pois

> Ele é um cachorro tão social que o melhor é deixá-lo compartilhar a vida familiar. O pelo não costuma embaraçar, mas precisa ser escovado duas vezes por semana. "Os filhotes de Golden podem ser bem agitados e é preciso gastar a energia deles para que não se tornem destruidores" (MEDINA, 2015).

Alguns exemplos de exercício são lições de obediência que o desafiam, simulações de caça ou de busca, são ótimas formas de exercitar a mente e o corpo do Golden.

SAÚDE DO GOLDEN RETRIEVER

Segundo Medina (2015), essa raça exige algumas preocupações, com relação a problemas como: displasia de quadril, displasia do cotovelo e catarata. Além dessas, há relatos ainda a respeito de doenças como entrópio, distichiasis, triquíase, dermatite piotraumática, estenose aórtica subvalvar, OCD, alergias e cardiomiopatia. Ocasionalmente também são percebidas torções gástricas, epilepsia, catrofia progressiva da retina e osteossarcoma. A literatura especializada sugere a realização de exames como:

quadril, cotovelos, olhos, cardíacos (sangue). Sobre a expectativa de vida de cães dessa raça, pode chegar a 10-13 anos (MEDINA, 2015).

DESCRIÇÃO DO PERFIL DOS CÃES PARTICIPANTE

Cão 1, da primeira seleção, dobermann fêmea de nome Melody, cedida pelo canil Maria Lúcia para a pesquisa.

Figura 7 - Cadela Dobermann, Melody

Foto: Canil Maria Lúcia.

Essa cadela da raça Dobermann pura de origem, portadora de Pedigree de criação Brasileira, apresentou segundo teste, sem condições para trabalhar como terapeuta canina, com estranhos

Cão 2, da primeira seleção – Cadela da raça Fila Brasileira, de propriedade do canil Maria Lúcia, cedido para a pesquisa. Raça que na sua formação genética foi selecionada para ser utilizada no manejo do gado, cão desenvolvido em fazenda, com característica forte de afetividade familiar, mas com extrema aversão a pessoas fora desse laço da família, o antigo padrão caracterizava o, com ojeriza a estranho. Mesmo assim, foi utilizado e apresentou características não indicadas para ser coterapeuta com pessoas fora do seu espaço familiar (pessoas estranhas).

Figura 8 - Cadela Fila Brasileiro, Hanna

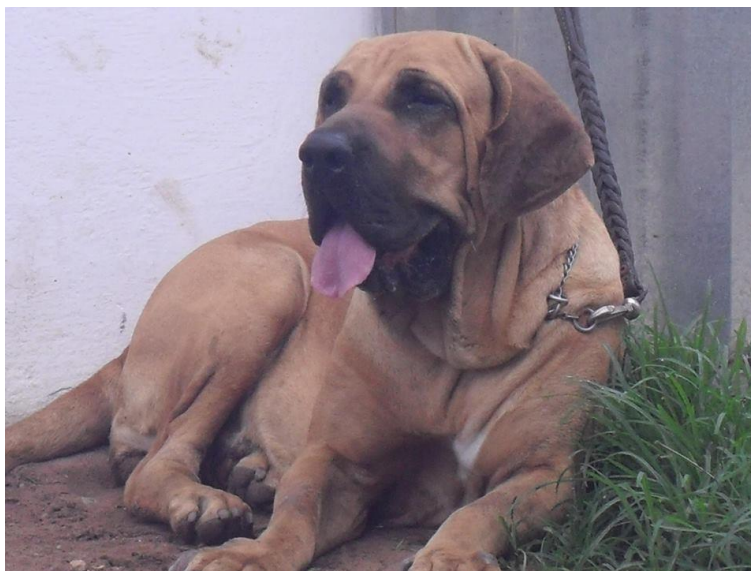



Foto: Canil Maria Lúcia.

Essa cadela da raça Fila Brasileira pura de origem, portadora de Pedigree de criação Brasileira, apresentou segundo teste, sem condições para trabalhar como terapeuta canina, com estranhos.

Cão 3, da primeira seleção – cadela de nome Britney, da raça Retriever do Labrador, de propriedade de Antônio W. de Oliveira.

Figura 9 - Cadela Labrador, Britney

Fonte: Antônio W. de Oliveira.

Essa cadela da raça Labrador pura de origem, portadora de Pedigree de criação Brasileira, apresentou segundo teste, condições para trabalhar como terapeuta canina, com a ressalva que deve ser treinada, pois apresentou baixo risco para realizar terapia com estranhos.

Cão 4, - da primeira seleção – Cadela de nome Mel SRD, sem raça definida.

Figura 10 - SRD sem raça definida, Mel

Fonte: Antônio W. de Oliveira.

A cadela SRD, apresentou, segundo o teste, nenhuma condição para trabalhar como coterapeuta canina com estranhos, pois apresentou baixo risco para realizar terapia com estranhos, mas um alto risco de acidente envolvendo estranhos. Devido à sua miscigenação de raças indefinidas, apresentava oscilação e ausência de estabilidade típica de um cão para ser coterapeuta. É necessário nos atendimentos, que o cão tenha uma referência, uma identidade comportamental estável, só assim pode-se planejar que criança e qual atividade ele poderá desenvolver, esses são critérios fundamentais para o sucesso e segurança da terapia com cães.

Os cuidados que deve ter, para a escolha do coterapeuta canino, é extremamente técnico, nessa terapia qualquer negligência a respeito dos procedimentos metodológicos, desde a seleção rigorosa até a aplicação do TFC, são de suma importância que se tenha essa responsabilidade. São crianças em formação e em condições afetivas e comportamentais em aspectos singulares, que não sabemos muito até o momento que

manifestam um sorriso ou um trauma decorrente de uma mordida, arranhão, susto, queda por um contato mais forte, entre outras causas.

Cão 5, - da primeira seleção – Cadela de nome Rose, Golden Retriever, de propriedade do Canil Maria Lúcia.

Figura 11 - Golden Retriever, Rose

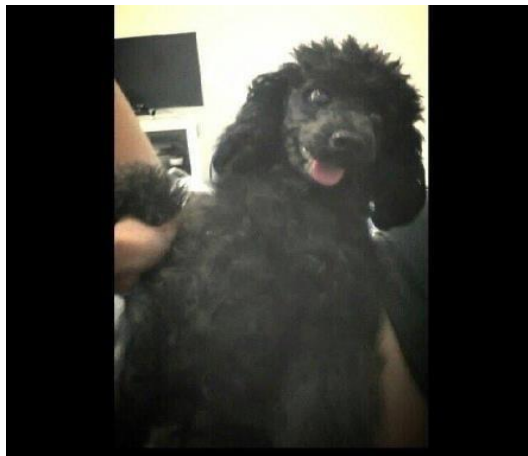
Fonte: Canil Maria Lúcia.

Essa cadela da raça Golden Retriever pura de origem, portadora de Pedigree de criação Brasileira, apresentou segundo teste, condições para trabalhar como coterapeuta canina, com a ressalva que deve ser treinada, pois apresentou baixo risco para realizar terapia com estranhos, mas muito ativa.

Figura 12 - SRD sem raça definida, Niquita

Fonte: Canil Maria Lúcia.

A cadela SRD, apresentou no TWE, restrições nos itens a, b, c, d, e, f, g, h, j, vermelhos, segundo o teste, nenhuma condição para trabalhar como coterapeuta canina com estranhos, pois apresentou alto risco para realizar terapia com estranhos, e também alto risco de acidente envolvendo estranhos.

Figura 13 - Poodle Toy

Fonte: Canil Maria Lúcia.

Essa cadela da raça Poodle Toy pura de origem, portadora de Pedigree de criação Brasileira, apresentou no TWE, restrições no item C vermelho (Controle sob domínio físico de estranhos) para trabalhar como coterapeuta canina, com a ressalva que deve ser treinada, pois apresentou baixo risco para realizar terapia com estranhos, mas muito ativa e impulsiva.

DESCRIÇÃO DO AMBIENTE

O espaço utilizado foi à quadra de esporte da instituição e sala de aula, uma despensa que utilizamos para a organização do material a ser usado, ao redor da quadra ambiente é totalmente telado possibilitando os cães ficarem soltos sem risco de fuga, dois banheiros que foram utilizados para a higienização dos escolares e da assepsia do ambiente.

Foi separado um ambiente que servia de descanso para os cães, com ar condicionado e luminosidade adequada, onde eles podiam beber água, dormir e se reenergizar para um novo atendimento com as crianças.

Figura 14 - Espaço onde foi realizado as práticas Instituição de Ensino Gênesis. prática com a coterapeuta Anne MLK

Fonte: dados da pesquisa.

DESCRIÇÃO DO PROFESSOR MEDIADOR

Quadro 5 - Professor mediador

Cargo	Função	Formação	Experiência	Especialidade	Vivência com o TAA
Professor	Educador Físico	Graduado em Ed. Física e Pedagogia	15 anos	Psicomotricista Clínico e Relacional	9 anos

Figura 15 - Atendimento usando o TFC durante práticas de Ed. Física

Fonte: Oliveira Júnior, 2016

PROCEDIMENTOS

O início do contato se deu de preferência no espaço usado para recreação no caso o ginásio de esporte, as crianças manusearam os cães com guias para adaptá-las e depois sem guias e, em seguida, passaram a brincar de cabra cega com olhos vendados, também foram utilizados, brinquedos e iscas (guloseimas para adestramento), o uso de bolinhas para brincadeira pega e larga (lança a bola e o cão vai buscar e traz onde a recompensa e o carinho), houve muitas brincadeiras onde o prêmio foi o carinho. As estratégias de ensino e aprendizagem foram bem divertidas, nas quais a base de pesquisa são os teóricos e a criatividade do estudo.

PROCEDIMENTO 1

Apresentação dos alunos aos cães e dos cães aos alunos. Nessa oportunidade foram abordadas particularidades de cada um dos cães, história da raça em outras questões de curiosidade por parte dos escolares, apesar de estarem presente 30 crianças, mas só sete estavam a efeito de pesquisa, autorizados por seus responsáveis. O início do contato com os cães se deu após uma breve conversa sobre a raça, em especial o Golden Retriever como: origem, função, trato, comportamento, curiosidades e a história de cada um deles (nome, apelido, brincadeiras que mais gostavam, particularidade de cada um deles).

Figura 16 - Imagem do Procedimento 3

Fonte: Oliveira Júnior (2016).

PROCEDIMENTO 2

Iniciamos a familiarização dos coterapeutas com as crianças.

Figura 17 - Imagem do Procedimento 2

Fonte: Oliveira Júnior (2016).

PROCEDIMENTO 3

Brincando de pega-pega, os cães perseguem quem está com a bola de tênis escondida por baixo da roupa.

Figura 18 - Imagem do Procedimento 3

Fonte: Oliveira Júnior (2016).

PROCEDIMENTO 4

O participante, com os olhos fechados, é guiado pelo cão até um determinado ponto, sob o auxílio de outra pessoa, dando as direções, esquerda, direita, frente, traz, perto, longe, curva à direita, curva à esquerda e parar.

Figura 19 - Imagem do Procedimento 4

Fonte: Oliveira Júnior (2016).

PROCEDIMENTO 5

Momento de reavaliar todos os procedimentos realizados. A partir de uma roda, como a realizada no primeiro momento, que visa a avaliação diagnóstica, já nesse quinto momento a avaliação tem um caráter somativo, em que tudo o que foi aplicado vem como feedback, onde este se inicia um novo diagnóstico para as possíveis intervenções futuras no que diz respeito às reações propostas na tabela avaliativa.

Optamos por utilizar o procedimento de operantes-livres em nossas sessões de TAA e acreditamos que esse foi um procedimento correto por nos permitir observar a espontaneidade da interação entre os participantes, porém seria interessante para futuras pesquisas a combinação de propostas mais estruturadas dentro da sessão para permitir maior operacionalização de indicadores. Apesar de alguns momentos ter intervindo até mesmo por uma questão de segurança de ambos.

Conforme Velasco et al. (2010, p. 150), procedimentos operante-livres são "aqueles que permitem que o sujeito se comporte a qualquer momento durante a sessão experimental, sem sofrer restrições do equipamento ou do experimentador". Isso significa que o sujeito tem acesso contínuo ao manipulando, podendo responder livremente a qualquer momento.

> Exemplos de manipulandos comumente usados em pesquisas comportamentais são alavancas para ratos, discos iluminados para pombos, botões e teclas para humanos. Quando Skinner fundou seu programa de pesquisa, na terceira década do século passado, procedimentos operante-livres se diferenciaram dos procedimentos de tentativas discretas que, então, vigoravam na Psicologia (PERONE, 1991; SKINNER, 1938 apud Velasco et al., 2010, p. 150).

Portanto, além do caráter descritivo, fez-se necessário a realização de uma pesquisa bibliográfica para podermos fundamentar de forma consistente nosso trabalho, sobre o tema, e assim formar um posicionamento qualitativo formal.

Os instrumentos para coleta de dados foram: observação não-participante, entrevista semiestruturada, filmagem e fotos dos eventos. Nesse sentido, utilizaremos uma filmadora de um celular da marca Samsung, em que as sessões foram gravadas. A pesquisa com imagem ainda é um método desconhecido para alguns, entretanto se constitui como um método de aplicação que pode orientar a análise de muitas representações sociais.

Todo processo de análise de materiais audiovisuais, envolve transladar (mudar de um lugar para o outro). Ou seja, implica em decisões e escolhas em relação à importância do que está presente na pesquisa, pois ao mesmo tempo que você está de um lado o sujeito se encontra do outro. Dessa forma, entende-se que, mesmo diante da realidade fílmica, pode não haver uma verdade única. Por exemplo, ao transcrever um determinado material visual, devemos tomar certas decisões, se vamos ou não incluir som e falas. Lembrando que, quanto mais variáveis existirem, maior serão as escolhas a serem selecionadas e transcritas.

Um outro recurso que utilizamos é o diário de campo. Sua finalidade se mostra não apenas no registro das atividades na condução do processo de pesquisa, mas também se constitui em um modo de compreender o objeto de estudo em suas múltiplas dimensões e inter-relações. Para Minayo (2010 apud ARAÚJO et al., 2013, p. 54),

O diário de campo é empregado nas pesquisas em saúde e educação, como caderno de notas em que o pesquisador registra as conversas informais, observações do comportamento durante as falas, manifestações dos interlocutores quanto aos vários pontos investigados e ainda suas impressões pessoais, que podem modificar-se com o decorrer do tempo.

Para análise dos dados da filmagem, relatório e observação, realizamos uma categorização dos comportamentos observados nas sessões. As categorias a serem observadas foram as seguintes:

- Reação Motivacional (**RM**), através do comportamento ativo dos cães, atitudes espontâneas estimula a condição cenestésica dos movimentos;
- Maior Atenção (**MA**), amplia a percepção visual e auditiva;
- Reações Afetivas (**RA**), melhora a condição relacional;
- Interação com o Cão (**IS**), melhora a sociabilização.

Gráfico 11 - Gráfico da Forma Avaliativa

Classificação	**RM Reação Motivacional**				**MA Maior atenção**				**RA Reação Afetiva**				**IS Interação Social**			
OBJETO	**N**	**P**	**R**	**M**	**N**	**P**	**R**	**N**	**N**	**P**	**R**	**M**	**N**	**P**	**R**	**M**
M1	%				%				%				%			
M2																
M3Autista																
M4																
F1																
F2																
F3																

Fonte: Autor

A forma avaliativa ocorreu através das observações das reações desses, com quatro perguntas discriminadas em siglas para meninos e meninas, descrito no gráfico acima, em seguida, siglas referentes às atitudes manifestadas, considerando quatro para cada controle, sendo criado um valor para cada atitude que varia de 25 - 100 pontos, para efeitos de medidas (dimensão).

Quanto maior for a pontuação, maior serão as possibilidades de ter atingido resultados positivos em alguns ou em todos, o desequilíbrio das pontuações pode dar início a novas investigações a serem consideradas, como também o equilíbrio entre elas.

Cada letra apresenta uma pontuação, referente à reação do participante, que são as seguintes, seguindo alguns critérios:

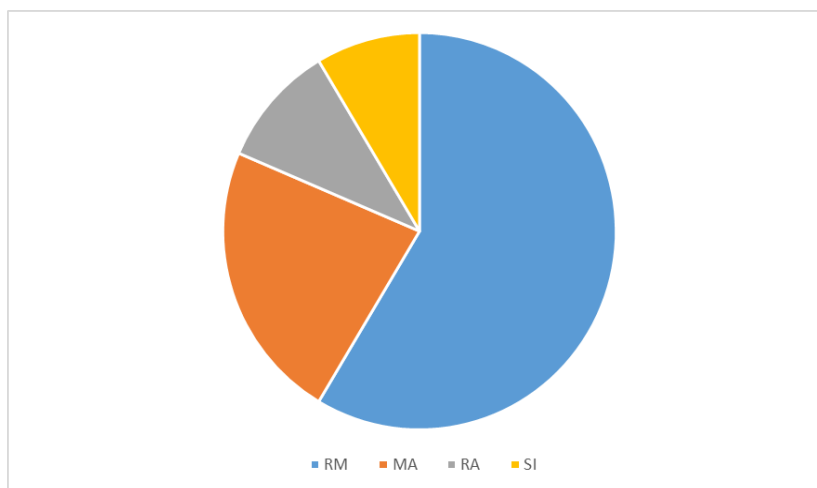
- **N** (25 **pontos**) indivíduo não apresenta **Nenhuma** reação participativa espontânea das práticas;
- **P** (50 **pontos**) indivíduo apresenta **Pouca** reação participativa espontânea das práticas;
- **R** (75 **pontos**) indivíduo apresenta uma reação **Razoável** na participação espontânea das práticas;
- **M** (100 **pontos**) indivíduo apresenta uma reação **Muito** participativa de forma espontânea nas práticas.

Tabela 25 - Controle das Reações Durante as Práticas

Classificação		**RM Reação Motivacional**				**MA Maior atenção**				**RA Reação Afetiva**				**IC Interação Social**			
Cl	**Pt**	**N**	**P**	**R**	**M**	**N**	**P**	**R**	**N**	**N**	**P**	**R**	**M**	**N**	**P**	**R**	**M**
M1		25	50	75	100	25	50	75	100	25	50	75	100	25	50	75	100
M2		25	50	75	100	25	50	75	100	25	50	75	100	25	50	75	100
M3		25	50	75	100	25	50	75	100	25	50	75	100	25	50	75	100
M4		25	50	75	100	25	50	75	100	25	50	75	100	25	50	75	100
F1		25	50	75	100	25	50	75	100	25	50	75	100	25	50	75	100
F2		25	50	75	100	25	50	75	100	25	50	75	100	25	50	75	100
F3		25	50	75	100	25	50	75	100	25	50	75	100	25	50	75	100

Fonte: Autor

Gráfico 12 - Modelo do Gráfico das Reações

RM MA RA SI

Essas categorias serão observadas, avaliando a frequência dos comportamentos descritos acima por cada uma das crianças incluídas na pesquisa.

Para analisar os dados obtidos nas entrevistas, foram feitos uso da análise e interpretação dos conteúdos, visando a descrição do conteúdo das mensagens, permitindo a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção das mensagens.

A presente pesquisa não representa qualquer dano físico aos participantes e aos animais. Em relação aos benefícios, acreditamos que o conhecimento proveniente desta pesquisa, pode contribuir na aquisição de novos conhecimentos acerca da relação entre pessoas e animais, especialmente no que diz respeito aos benefícios à saúde e bem-estar dos seres humanos.

Com relação aos aspectos éticos da pesquisa, este estudo foi realizado considerando-se os aspectos éticos pertinentes a pesquisas envolvendo seres humanos, de acordo com a Resolução nº 466/12 - Sobre Pesquisa Envolvendo Seres Humanos que será submetida à apreciação do Comitê de Ética e Pesquisa da Plataforma Brasil.

Em relação aos princípios éticos na experimentação animal, atendemos as determinações do Colégio Brasileiro de Experimentação Animal (COBE).

DESCRIÇÃO DAS AULAS

As aulas aconteceram na maioria das vezes em quadra, salas e campos de futebol, seguindo sempre a condição diagnóstica demonstrada através das dificuldades percebidas pelos relatos pessoais, questionários para os que preferiam assim, e por meio da observação para os que não apresentavam interesse ou condição ainda de responder, pois alguns tinham 8 meses, 2 anos e 4 anos. As aulas seguiam uma sequência, dividida em momentos:

1º momento – Diagnóstica, verificava se havia alguma restrição de saúde, cinofobia, desinteresse, entre outras informações de relevância para a prática a ser realizada;

2º, 3º e 4º momento – Formativa, procurar atender as necessidades relacionais, físicas diagnosticadas no primeiro momento, através de um planejamento considerando

os sujeitos de forma coletiva, com muita alegria e dinâmicas criativas. Uma das preocupações era não repetir e nem demorar por mais de 5 minutos cada brincadeira;

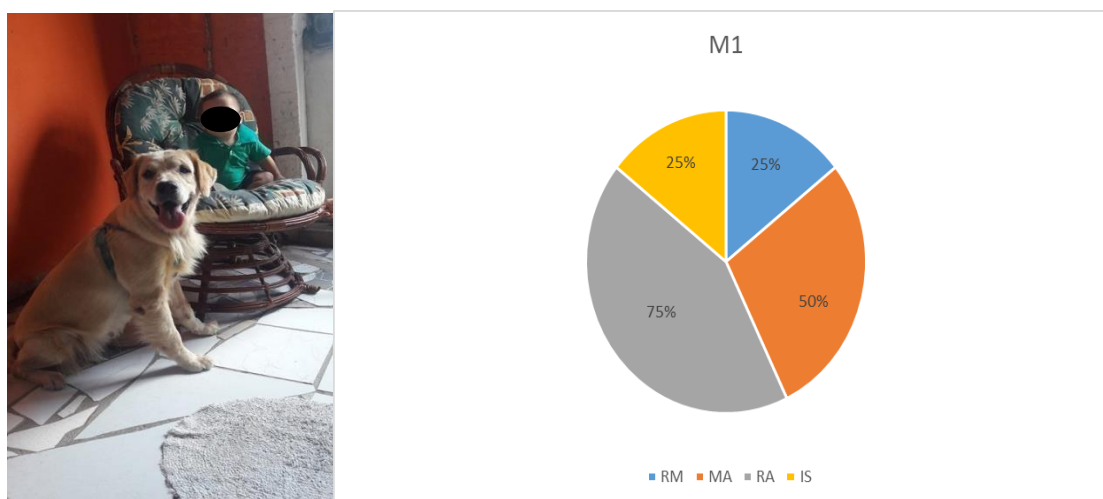
5º momento – Somativo, avaliar todos os procedimentos realizados, usando a opinião dos sujeitos, os que foram ativos e os passivos também. A observação dos resultados pontuados, se fechavam após esse momento final, junto ao feedback.

RESULTADOS

Tabela 26 - Resultado **M1**

Classificação		RM Reação Motivacional				MA Maior atenção				RA Reação Afetiva				IC Interação Social			
Cl	**Pt**	**N**	**P**	**R**	**M**	**N**	**P**	**R**	**N**	**N**	**P**	**R**	**M**	**N**	**P**	**R**	**M**
M1	**175**	25	50	75	100	25	50	75	100	25	50	75	100	25	50	75	100

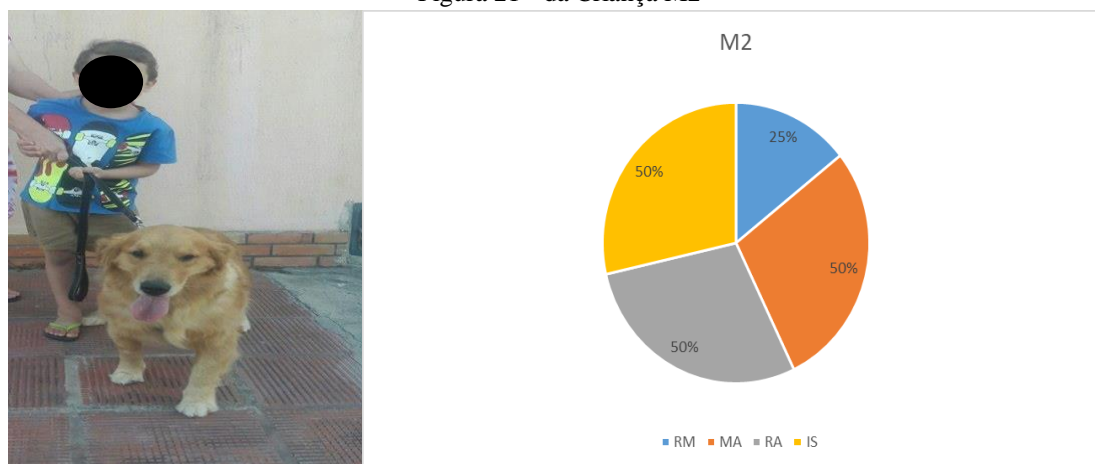
Fonte: Autor

Figura 20 - da Criança M1

Fonte: dados da pesquisa.

O participante **M1**, durante as práticas com a coterapeuta Rose, demonstrou pouca reação motivacional que o levasse a gestos e atitudes diferentes do cotidiano, exceto o interesse de tocá-la com as mãos. Consideramos o fato da idade e do pouco estímulo por não conviver com cães rotineiramente.

Tabela 27 - Resultado **M2**

Classificação		RM Reação Motivacional				MA Maior atenção				RA Reação Afetiva				IC Interação Social			
Cl	**Pt**	**N**	**P**	**R**	**M**	**N**	**P**	**R**	**N**	**N**	**P**	**R**	**M**	**N**	**P**	**R**	**M**
M2	**175**	25	50	75	100	25	50	75	100	25	50	75	100	25	50	75	100

Figura 21 - da Criança M2

Fonte: dados da pesquisa.

O participante **M2**, durante as práticas com a coterapeuta Anne, demonstrou pouca reação motivacional que o levasse a gestos e atitudes diferentes do cotidiano, mas durante a terapia, a cadela busca incessantemente o contato com o M2, e gradativamente, aconteceu o esperado exceto, M2 acariciou e até quis guiá-la e daí em diante o comportamento de M2 mostrou mais confiança e atitude na inter-relação. Consideramos o fato da idade, e do pouco estímulo, por não conviver com cães rotineiramente, mas a busca afetiva por parte da coterapeuta foi responsável pelo sucesso da sessão.

Tabela 28 – Resultado M3

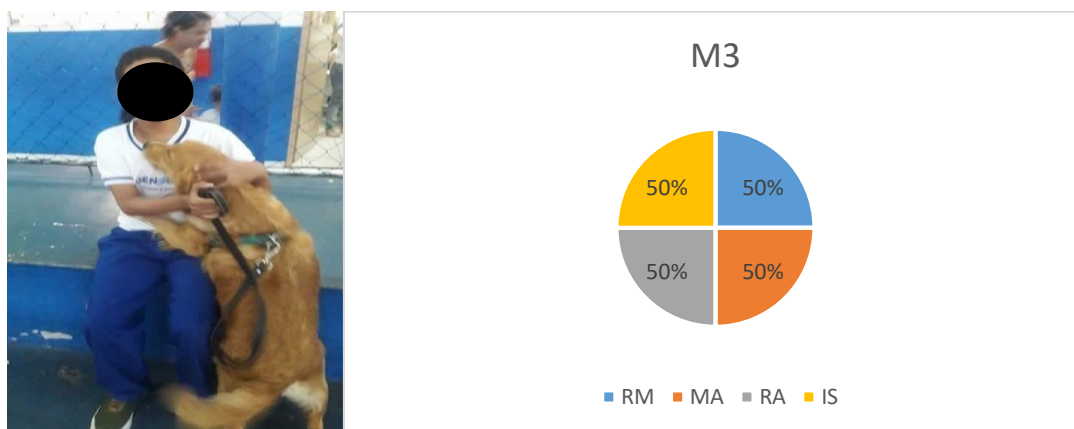
Classificação		RM Reação Motivacional				MA Maior atenção				RA Reação Afetiva				IC Interação Social			
Cl	**Pt**	**N**	**P**	**R**	**M**	**N**	**P**	**R**	**N**	**N**	**P**	**R**	**M**	**N**	**P**	**R**	**M**
M3	**200**	25	50	75	100	25	50	75	100	25	50	75	100	25	50	75	100

Fonte: Autor

Figura 22 - da Criança M3

M3

50% 50% 50% 50%

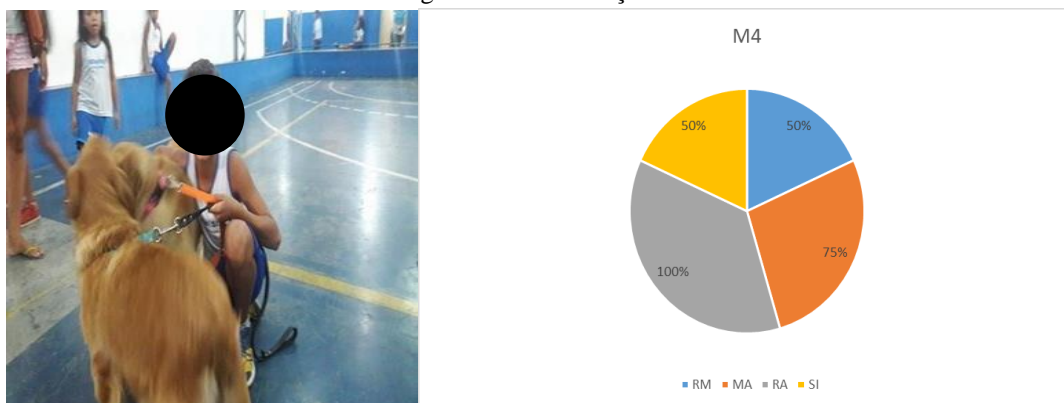
RM MA RA IS

Fonte: dados da pesquisa

O participante **M3**, durante as práticas com a coterapeuta Anne, o mesmo demonstrou pouca reação motivacional que o levasse a gestos e atitudes diferentes do cotidiano, mas durante a terapia, a cadela busca incessantemente o contato com o M3**,** e gradativamente, M3 acariciou e até quis abraçá-la e daí em diante o comportamento de M3 mostrou mais confiança e atitude na inter-relação, manifestando pouco **(P)** mas uma regularidade distante do que se esperava, que era (N). Consideramos o fato da idade e do pouco estímulo, por não conviver com cães rotineiramente, mas a busca afetiva por parte da coterapeuta foi responsável pelo sucesso da sessão. M3 demonstrou uma constância nas atitudes.

Tabela 29 - Resultado M4

Classificação		**RM Reação Motivacional**				**MA Maior atenção**				**RA Reação Afetiva**				**IC Interação Social**			
Cl	**Pt**	**N**	**P**	**R**	**M**	**N**	**P**	**R**	**N**	**N**	**P**	**R**	**M**	**N**	**P**	**R**	**M**
M4	**275**	25	50	75	100	25	50	75	100	25	50	75	100	25	50	75	100

Fonte: Autor

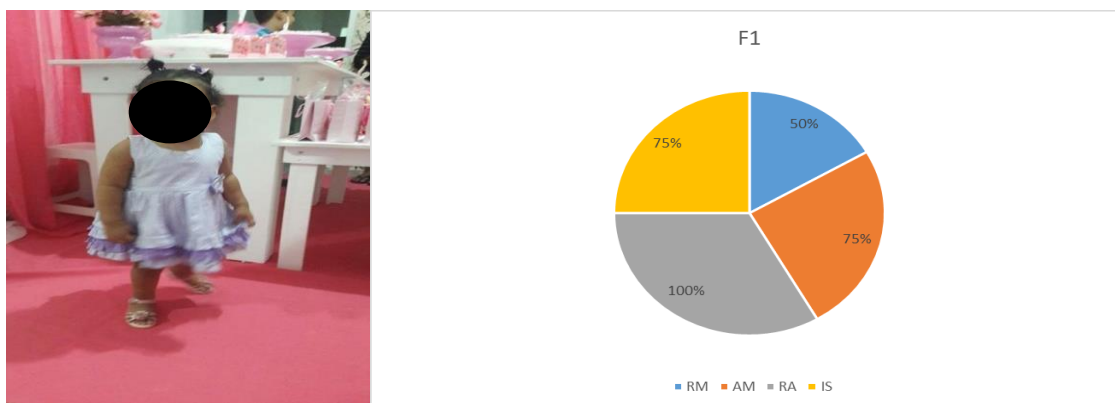
Figura 23 - da Criança M4

Fonte: dados da pesquisa.

O participante **M4**, durante as práticas com a coterapeuta Anne e Malu, demonstrou boa reação motivacional que o levasse a gestos e atitudes diferentes do cotidiano, mas durante a terapia, as cadelas buscaram incessantemente o contato com o M4. Ele acariciou e até quis guiá-la e abraçá-las aplicou as brincadeiras, daí em diante o comportamento de M4 mostrou um diferencial dos outros, apesar de sua timidez. Consideramos o fato da idade e do pouco estímulo por não conviver com cães rotineiramente, mas a busca afetiva por parte da coterapeuta foi responsável pelo sucesso da sessão.

Tabela 30 - Resultado F1

Classificação		RM Reação Motivacional				MA Maior atenção				RA Reação Afetiva				IC Interação Social			
Cl	**Pt**	**N**	**P**	**R**	**M**	**N**	**P**	**R**	**N**	**N**	**P**	**R**	**M**	**N**	**P**	**R**	**M**
F1	**300**	25	50	75	100	25	50	75	100	25	50	75	100	25	50	75	100

Fonte: Autor

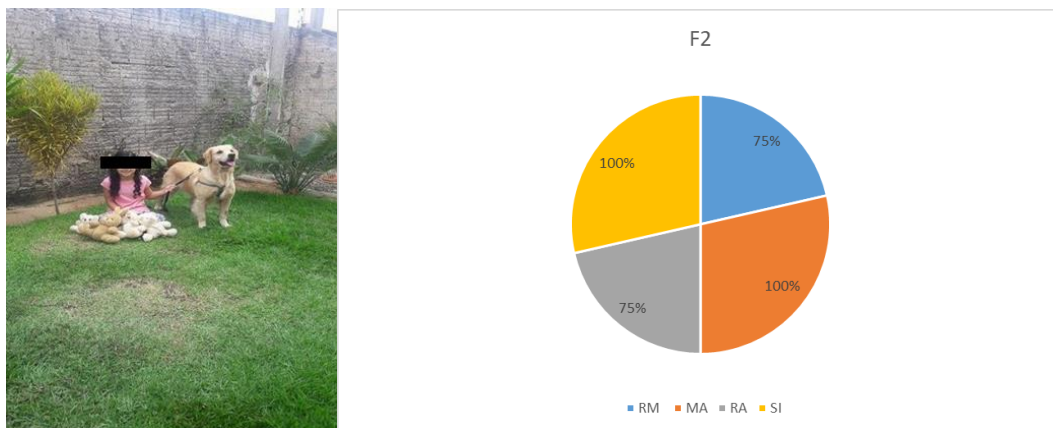
Figura 24 - da Criança F1

Fonte: dados da pesquisa.

O participante **F1**, durante as práticas com a coterapeuta Malu, demonstrou pouca reação motivacional que o levasse a gestos e atitudes diferentes do cotidiano, mas durante a terapia, a cadela busca incessantemente o contato com o F1, F1 acariciou e brincou usando brinquedos como pega-pega, usando a bola de tênis, brinquedos de látex, demonstrou confiança e atitude na inter-relação. Consideramos o fato da idade e do pouco estímulo por não conviver com cães rotineiramente, mas a busca afetiva por parte da coterapeuta foi responsável pelo sucesso da sessão. F1, apesar da contribuição da cadela Malu, estimulando reações afetivas em F1, foi percebido, características diferenciadas no que diz respeito a atenção, afetividade e interação.

Tabela 31 - Resultado F2

Classificação		**RM Reação Motivacional**				**MA Maior atenção**				**RA Reação Afetiva**				**IC Interação Social**			
Cl	**Pt**	**N**	**P**	**R**	**M**	**N**	**P**	**R**	**N**	**N**	**P**	**R**	**M**	**N**	**P**	**R**	**M**
F2	**350**	25	50	75	100	25	50	75	100	25	50	75	100	25	50	75	100

Fonte: Autor

Figura 25 - da Criança F2

Fonte: dados da pesquisa.

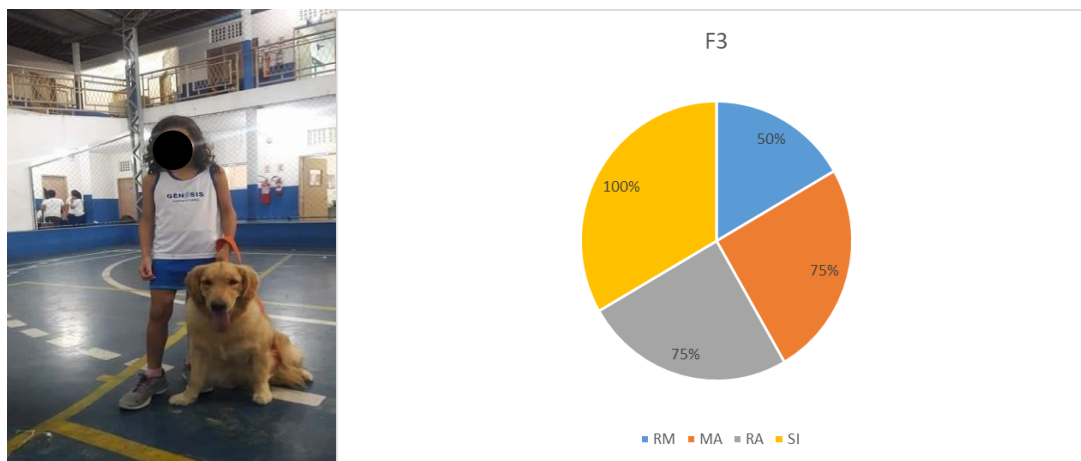
O participante **F2**, durante o início das práticas com a coterapeuta Rose, F2 demonstrou pouca reação motivacional que o levasse a gestos e atitudes diferentes do cotidiano, mas durante a terapia, a cadela busca incessantemente o contato com o F2, F2 acariciou e brincou usando brinquedos e brincadeira como pega-pega, usando a bola de tênis, brinquedos de látex, demonstrou confiança e atitude na inter- relação. Consideramos o fato da idade e do pouco estímulo por não conviver com cães rotineiramente, mas a busca afetiva por parte da coterapeuta foi responsável pelo sucesso da sessão. F2, apesar da contribuição da cadela Malu, estimulando reações afetivas em

F2, foram percebidas características diferenciadas no que diz respeito à atenção, afetividade e interação.

Tabela 32 - Resultado F3

Classificação		RM Reação Motivacional				MA Maior atenção				RA Reação Afetiva				IC Interação Social			
Cl	**Pt**	**N**	**P**	**R**	**M**	**N**	**P**	**R**	**N**	**N**	**P**	**R**	**M**	**N**	**P**	**R**	**M**
F3	**300**	25	50	75	100	25	50	75	100	25	50	75	100	25	50	75	100

Fonte: Autor

Figura 26 - da Criança F3

Fonte: dados da pesquisa

O participante **F3**, durante as práticas com a coterapeuta Malu, F3 demonstrou pouca reação motivacional que o levasse a gestos e atitudes diferentes do cotidiano, mas durante a terapia, a cadela busca incessantemente o contato com o F3, F3 acariciou e brincou usando brinquedos como pega-pega, usando a bola de tênis, brinquedos de látex, demonstrou confiança e atitude na inter-relação. No decorrer das práticas F3 foi a que demonstrou maior atenção, afetividade e interação, durante a terapia. Consideramos o fato da idade e do pouco estímulo por não conviver com cães rotineiramente, mas a busca afetiva por parte da coterapeuta foi responsável pelo sucesso da sessão. F3, apesar da contribuição da cadela Malu, estimular reações afetivas em F3, foram percebidas características diferenciadas no que diz respeito à atenção, afetividade e interação, valores que que foram observados, pois nas práticas de educação física, nem sempre, vimos tal interesse, mesmo com recursos materiais e metodológico. O TAA, mostrou-se uma excelente ferramenta de inclusão.

DISCUSSÃO

Tabela 33 – Resultado Geral

Classificação		RM Reação Motivacional				MA Maior Atenção				RA Reação Afetiva				IC Interação Social			
Cl	**Pt**	**N**	**P**	**R**	**M**	**N**	**P**	**R**	**N**	**N**	**P**	**R**	**M**	**N**	**P**	**R**	**M**
M1	**175**	**25**	50	75	100	25	**50**	75	100	25	50	**75**	100	**25**	50	75	100
M2	**175**	**25**	50	75	100	25	**50**	75	100	25	**50**	75	100	25	**50**	75	100
M3	**200**	25	**50**	75	100	25	**50**	75	100	25	**50**	75	100	25	**50**	75	100
M4	**275**	25	**50**	75	100	25	50	**75**	100	25	50	75	**100**	25	**50**	75	100
F1	**300**	25	**50**	75	100	25	50	**75**	100	25	50	75	**100**	25	50	**75**	100
F2	**350**	25	50	**75**	100	25	50	75	**100**	25	50	**75**	100	25	50	75	**100**
F3	**300**	25	**50**	75	100	25	50	**75**	100	25	50	**75**	100	25	50	75	**100**

Fonte: Autor

Os resultados apresentados na tabela pelos Classificados (Cl) dos seus pontos (Pt), representam informações observadas e registradas, com o objetivo de entender as possíveis reações. As manifestações comportamentais das crianças participantes apresentaram resultados influenciadores que corroboraram no entendimento da pesquisa.

A Reação Motivacional (RM), foi observada que entre a maioria dos participantes apresentaram pouca reação de caráter individual ou intrínseco. As reações que concerne a Maior Atenção (MA), teve um destaque por parte dos meninos (F1, **F2**, F3), considerando que as meninas manifestam também em uma tensão menor. Quanto a Reação Afetiva (RA), nessa etapa da tabela que foi registrado as reações afetivas, foi a que apresentou maior pontuação por parte de todos os participantes. Já a Interação Social (IS), também apresentou destaque significativo, sendo o quesito na tabela onde todos manifestaram maior pontuação, ou seja, esta reação envolve a capacidade que contribui assim como a afetiva, de forma fundamental nas práticas educativas.

Gráfico 13 - Modelo do Gráfico de Pontuação Geral

Este gráfico traduz a veracidade dos resultados obtidos, também percebemos que **M4,** preservando sua identidade e informações pessoais, sendo liberado apenas acrescentar voltado apenas os resultados obtidos, onde foi identificado que apesar de ser o mais maduro cronologicamente e fazer parte do sexo masculino, gênero este que mais pontuaram, mas apresentou resultado menor do que **F2,** que é do sexo feminino e de menor idade cronológica do que **M4.**

A TAA é a modalidade TFC que é mais um recurso à disposição dos profissionais. Todo programa de intervenção deve basear-se num sólido conhecimento das fragilidades e potencialidades da criança e do método a ser empregado, para que a intervenção possa oferecer estratégias compensatórias efetivas para as suas fragilidades, como bem colocado pelo neuropediatra Mauro Muszkat, ao discutir a dificuldade de crianças com Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) que devem sair da sala de aula para depois voltar, quando se cansam, já que elas não conseguem lidar com a fadiga, ficam mais agitadas aumentando a sua hiperatividade motora. A compreensão do transtorno ajuda o professor/terapeuta a proporcionar estratégias cooperativas para o desenvolvimento da criança, contribuindo inclusive com sua autoestima (OLIVA, 2010).

O pesquisador da área Capote (2009), traz alguns resultados observados em sua pesquisa com grupos experimentais e de controle, que manifestaram similaridades entre as pesquisas.

> Houve mudanças significativas em todos do grupo experimental comparados com os do grupo controle, antes da inserção dos cães para este grupo. E houve mudanças significativas em todos os participantes

> dos dois grupos depois da inserção dos cães para o grupo controle. Psicologicamente, todos os participantes mostraram mudanças substanciais em autoestima, controle interno e bem-estar psicológico em seis meses após receberem o serviço de cães. Socialmente, todos os participantes mostraram mudanças similares na integração com a comunidade. Demograficamente, todos os participantes mostraram aumento da frequência na escola e/ou no emprego por meio período. Economicamente, todos os participantes mostraram grande diminuição no número de horas de assistência paga ou não. Não houve mudança significativa na variável de estado civil. Os autores concluem que o serviço de cães pode ser altamente benéfico e potencialmente efetivo para a independência de pessoas com deficiências físicas (CAPOTE, 2009, p. 21).

Os cães foram predominantemente aproximadores durante as aulas práticas onde as crianças mostraram-se bastante acessíveis ao contato com os cães, aceitando com facilidade o contato, desenvolvendo brincadeiras com eles e as pessoas envolvidas nas atividades.

A TAA é um outro enfoque que contribui com a criação de janelas de oportunidade de comunicação com as crianças, utilizando um componente lúdico e estimulante. Discute-se para crianças com desenvolvimento típico a importância de interromper a programação de aprendizagem formal com intervalos e oportunidades de interação lúdica. Esses intervalos favorecem a aprendizagem. Os autores que tiveram grande contribuição neste trabalho foram (DOTTI, 2005; OLIVA, 2010 apud YAMAMOTO et al, 2012, MUÑOZ, 2014).

Para crianças com TDAH, TEA e SD, também se discute a necessidade de interrupções de um Programa Formal e inserir novas formas de promoção relacional, voltadas para as valências cognitivas, afetivas e motoras.

A conexão entre sujeitos e cães vem desde a pré-história até os dias de hoje, acreditamos que o TAA vem contribuir como mais uma forma de intervenção nas práticas pedagógicas, que sirva como ferramenta de inclusão nas práticas de terapia assistida por cães. Entende-se que como toda ação voltada à integralidade do sujeito passa por crivos, que nem sempre são vistos como devem ser, as exceções negativas dos resultados variam em cada grupo e nem sempre há exceções, dependendo do contexto, assim, como toda proposta, o (TFC), pode ser uma forma de ampliar novas formas de ajudar a ampliar o processo de ensino e aprendizagem.

CONCLUSÃO

As contribuições obtidas pela terapia facilitada por cães, podem promover as práticas corporais durante as aulas de educação física, na educação infantil e nos anos iniciais, o estímulo da capacidade afetiva facilitando a pessoa a sua formação integral.

O desenvolvimento da integração entre os cães e as crianças, onde foi utilizando o TFC e a ludicidade com meio de atividades recreativas nas aulas em sessões estruturadas aumentou os valores e reações afetivas entre as pessoas participantes da pesquisa.

Foi promovida com êxito a relação entre o cão e a criança utilizando o TFC, foi observado as manifestações que venham a contribuir no processo de ensino-aprendizagem dos escolares, foram feitas análises dos resultados, foi contabilizado os resultados significativos para o enriquecimento da pesquisa e da temática, e foi divulgada o trabalho em banca avaliadora com peso de tese.

Onde esta tese de Doutorado, mostrou que a Terapia Facilitada por Cães (TFC) pode ser usada como mais uma proposta para ser trabalhada nas práticas recreativas e lúdicas nas práticas em educação física. Consideramos nossos resultados uma pista para o sucesso da inserção do TFC e a Terapia Assistida por Animais (TAA).

Não encontramos um padrão consistente de resultados para todas as crianças através da medida das aulas com os cães. Algumas crianças aumentaram suas ações atitudinais, outras apresentaram aumento participativos nas práticas e interações sociais e afetivas, mas para uma comprovação mais sólida deste entendimento necessita de um maior quantitativo de sujeitos e diversidade de pessoas em condições intelectuais, físicas e culturais diferentes.

O processo ético, clareza, esforço e informação deste estudo, pode ser uma complementação, um ponto de partida ou até mesmo um encontro, com possíveis trabalhos sobre a temática TAA e TFC, que é tão carente de estudos nacionais e internacionais. As conquistas tidas até o momento refletem o quanto o cão pode contribuir com as pessoas em diversos aspectos afetivos e sociais.

Entende-se que, apesar da dificuldade da inserção das práticas de educação física utilizando TFC, seja uma proposta complexa, visto que o uso dos cães requeira um

investimento alto, e nem sempre há onde alugar os cães, ou até mesmo, convidar um projeto voltado à prática do TFC, mas foi vista a sua aplicabilidade na educação.

REFERÊNCIAS

ALTHAUSEN, S. **Adolescentes com síndrome de Down e Cães**: compreensão e possibilidades de intervenção. Dissertação de mestrado Instituto de psicologia, Universidade de São Paulo, SP, 2006.

AMORIM, L.J. et al. Valorizando a vida e cidadania através da terapia facilitada por cães. **Anais** III Seminário Internacional sociedade inclusiva- ações inclusivas de sucesso, Belo Horizonte, p.1-13, 2004.

ANDARI, E.; DUHAMEL, J. R.; ZALLA, T.; HERBRECHT, E.; LEBOYER, M.; SIRIGU, A. Promoting social behavior with oxytocin in high-functioning autism spectrum disorders. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, v. 107, n. 9, 4389-4394, 2010.

ANDE Brasil. **Equoterapia**: o que é?. 1999 Disponível em: http://www.equoterapia.com.br/o_que_e-definicao.php>. Acesso em: 20 mar. 2008.

ANDE Brasil. **A palavra equoterapia**. [s/d]. Disponível em: <http://equoterapia.org.br/articles/index/article_detail/141/2023>. Acesso em 10 maio 2018.

ANDE Brasil. **Curso básico de equoterapia**. Brasília: Coordenação de Ensino, Pesquisa e Extensão – COEPE, 2007.

ANDRIOTTI, 2016**. Técnica une cavalos e terapia de astronautas para reabilitar crianças.** Disponível em : http://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2016/09/tecnica-une-cavalos-e-terapia-de-astronautas-para-reabilitar-criancas.html

ARAÚJO, L. F. S. Diário de pesquisa e suas potencialidades na pesquisa qualitativa em saúde. **Rev. Bras. Pesq. Saúde**, Vitória, v. 15, n. 3, p. 53-61, jul-set, 2013.

CAPRILLI, S.; MESSERI, A. **Animal-Assisted Activity at A. Meyer Children Hospital: A Pilot Study.** eCAM, v. 3, n. 3, p. 379-83, 2006.

BRAUN, C. et al. **Animal-assisted therapy as a pain relief intervention for children.** Complementary Therapies in Clinical Practice, v. 15, p. 105-109, 2009.

BARROS, Claudia de T. **Possibilidades de utilização da terapia assistida por animais (TAA) na Terapia Ocupacional.** 2008. 57 f. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais – Fundação Educacional Lucas Machado – FELUMA Terapia Ocupacional, Belo Horizonte, 2008.

BERGMAN, C. Opposing speciesism the bond: Newsletter of the SF/SPCA. **Animal Assisted Therapy Program**. San Francisco, v. 2, n. 1, p. 1-2, 2000.

BISSOTO, M.L. O desenvolvimento cognitivo e o processo de aprendizagem do portador de Síndrome de Down: revendo concepções e perspectivas educacionais. **Ciências e Cognição**, v. 4, n. 2, 2005.

CAPOTE, P. S. O. **Terapia assistida por animais (TAA) e deficiência mental**: análise do desenvolvimento psicomotor. 2009. 238 f. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2009.

CALCATERRA, V. et al. Post-operative benefits of animal-assisted therapy in pediatric surgery: a randomized study. **Plos-One**, v. 10, n. 6, e0125813, 2015. CAPRILLI, S.; MESSERI, A. Animal-Assisted Activity at A. Meyer Children Hospital: A Pilot Study. **eCAM**, v. 3, n. 3, p. 379-83, 2006.

CASTELUCI, P; SOUZA R.R.; ANGELIS, R.C.; FURNESS,J.B.; LIBERTIE.A. Effectsnof Pré -and Postnatal Proyein deprivation and Posnatal Refeeding on myenteringn nmeurons of the Rat large Intestine: a quaqntitative morphologicalStudy. **Cell andTissue Rewsearch**. v 310 n.1. p1-7, 2002.

COSTA, E.C. **Animais de estimação**: uma abordagem psicosociológica da concepção dos idosos. 2006. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Saúde Pública) Universidade Estadual do Ceará, Centro de Ciências da Saúde.195p.

De PAUW, K. Therapeutic horseback riding in Europe and America. In: ANDERSON R.K. **The pet connection**: its influence on our health and daily life. hart la. Minneapolis: Center to Study Human-Animal Relationships and Environments, 1984. p.141-153.

DOTTI, J. **Terapia e Animais**. São Paulo: Editora Noética, 2005. 294 p.

FARACO, C. B. **Animais em sala de aula**: um estudo das repercussões psicossociais da intervenção mediada por animais. Dissertação de Mestrado, PUCRS, 2003.

FIORI, S. PENACHI, M, Disponível em <http://www.caes-e-cia.com.br/materias/ler-materia/192/teste-de-temperamento-de- filhote-de-cao-volhardCampbell>. Acesso em 20 jan. 2018.

FIUZA, Jaquelini. **Equoterapia como recurso pedagógico**: dificuldades de aprendizagem. 96 f. 2016. Dissertação (Mestrado em Práticas socioculturais e Desenvolvimento Social) – Universidade de Cruz Alta, Cruz Alta, 2016.

HANLON, J. Classroom canines stimulate children's love of literacy. **Eurekalert**, 30 de setembro de 2010. Disponível em: <www.eurekalert.org/pub_releases/2010-09/uoa-ccs_1093010.php>. Acesso em: 6 nov. 2016.

HAUBENHOFER, D.K.; KIRCHENGAST, S. Physiological arousal for companion dogs working with their owners in animal-assisted activities and animal-assisted therapy. **J. Appl. Anim. Welf. Sci**., v. 9, p. 165-172, 2006.

IAHAIO WHITE PAPER. The IAHAIO Definitions for Animal Assisted Intervention and Guidelines for Wellness of Animals Involved, p.05-06, 2014.

JESUS, Ida Maria Sozzi de. **A equoterapia como recurso na terapia psicomotora para a aquisição/desenvolvimento do equilíbrio corporal**. 19 f. 2014. Monografia (Especialização em Psicomotricidade) – Centro Universitário Assunção, São Paulo, 2014.

LANTZMAN, M. **O Cão e Sua Família**: temas de amor e agressividade. Tese para obtenção do título de Doutorado. São Paulo: Pontifícia Universidade de São Paulo, 2004.

LEVINSON, B. M. Human/companion animal therapy. **Journal of Contemporary Psychotherapy**, v. 14, n. 2, p. 131-144, 1984.

MACHADO, J. A. C. et al. Terapia Assistida por Animais (TAA). **Revista Científica Eletônica De Medicina Veterinária** n. 10, Janeiro de 2008

MARTIN, F.; FARNUM, F. J. Animal-assisted therapy for children with pervasive developmental disorders. **Western Journal of Nursing Research**, v.24, n.6, p-657-670, 2002.

MARTIN, F.; FARNUM, J. Animal-Assisted Therapy for Children With Pervasive Developmental Disorders. **Western Journal of Nursing Research**, v. 24, n. 6, p. 657-670, 2002.

MEDINA, H. **Tudo sobre o golden retriever**. 02 de novembro de 2015. Disponível em: Tudo sobre cachorro: <http://tudosobrecachorros.com.br/2012/09/golden-retriever.htm>. Acesso em: 06 nov. 2016.

MENDONÇA, T.A. **Terapia Ocupacional assistida por animais por cães em gerontologia**: uma nova proposta de intervenção. Monografia - UNICEUMA. São Luis, 2006.

MINAYO, M.C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo-Rio de Janeiro, HUCITEC-ABRASCO, 1992

MUÑOZ, P.O.L. **Terapia assistida por animais** - interação entre cães e crianças autistas. 2014. 85 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Experimental) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

NAGASAWA, M.; KIKUSUI, T.; ONAKA, T.; OHTA, M. **Dog's gaze at its owner increases owner's urinary oxytocin during social interaction**. Hormones and Behavior, v. 55, n. 3, p. 434-441, 2009.

NIMER, J.; LUNDAHL, B. **Animal-assisted therapy: A meta-analysis**. Anthrozoos: A Multidisciplinary Journal of The Interactions of People e Animals, v. 20, n. 3, p. 225-238, 2007.

OLIVA, E. Entrevista com Mauro Muszkat. **Revista Direcional Educador**, n. 71, dezembro/2010.

OLIVA, V.N.L.S.; JUNIOR, A.B.S.; CARVALHO, E.A.G. et al. **Experiências clínicas do projeto cão-cidadão-unesp no hospital neurológico Ritinha Prates – Araçatuba – SP**. In: Congresso de Extensão Universitária da UNESP, 4., 2007, Águas de Lindóia. **Anais**...São Paulo: [s/n], 2007.

PENNISI, E. **Biologists chase down pooches' genetic and social past: A Shaggy Dog History**. Science, v. 298, p. 1540-1542, 2002.

REED R., FERRES L., VILLEGAS N. **Curadores naturais: uma revisão da terapia e atividades assistidas por animais como tratamento complementar de doenças crônicas.** Rev. Latino-Am. Enfermagem, 2012

SILVA, M.R. **Curso de capacitação à distância em Atividade, Educação e Terapia Assistidas por Animais**. 2010. Disponível em http://www.cursoszooterapia.com.br Acesso em abril e maio de 2010.

VAGNOLI, L. et al. **Can presence of a dog reduce pain and distress in children during venipuncture?** Pain Management Nursing, v. 16, n. 2, p. 89-95, 2015.

VELASCO, S. M. et al. **Fundamentos Metodológicos da Pesquisa em Análise Experimental do Comportamento**. Psicol. pesq. Juiz de Fora, v. 4, n. 2, dez., 2010.

VIEIRA, Mauro L. Contribuições da Etologia para a compreensão do comportamento Humano. In: **Anais do XVIII Encontro Anual de Etologia**. Florianópolis, 2000.

YAMAMOTO, K. C.M. et al. **Avaliação fisiológica e comportamental de cães utilizados em terapia assistida por animais (TAA).** Arq. Bras. Med. Vet. Zootec**.**, Belo Horizonte, v. 64, n.3, jun., 2012.

CAPÍTULO IV

AUTISMO GRAU III: AS INTERVENÇÕES PEDAGÓGICAS E A UTILIZAÇÃO DO INSTRUMENTO AVALIATIVO TABELA DE ACOMPANHAMENTO

Lucélia dos Santos Bezerra
Secretaria de Educação do Estado do RN.
https://orcid.org/0009-0006-9728-7432
http://lattes.cnpq.br/7048644001076924
E-mail: Lucelia792@gmail.com

DOI-Individual: 10.47538/AC-2023.18-04

RESUMO: Este trabalho traz o produto de uma pesquisa empírica realizada por meio de observações e intervenções no processo escolar, de uma criança autista desde os doze anos de idade até os catorze anos, matriculada no nono ano do ensino fundamental anos finais, em uma escola da rede pública estadual de ensino, no município de Parnamirim Rio Grande do Norte. Sua identidade foi preservada então o identificamos por C.F. Enfocaremos o trabalho de intervenção pedagógica feito por professora acompanhante especialista em Educação Especial dando ênfase aos avanços percebidos no desenvolvimento da criança no decorrer dos dias em que foram feitas observações pormenorizadas. Alguns destes dias foram vivenciados no ambiente escolar e outros, durante o período de isolamento social, aconteceram durante atendimentos domiciliares; estão presentes ainda relatos e observações ocorridos após a retomada das aulas presenciais quando da reinserção do ensino escolar. Apresentamos os resultados das intervenções realizadas, e enfocamos a importância do profissional da Educação Especial no apoio e no favorecimento de melhor aprendizagem e desenvolvimento das crianças com o Transtorno do Espectro Autista - TEA. Destacamos ainda, a fomentação de um instrumento de trabalho que possibilitou maior visibilidade do processo de aprendizagem ocorrido pela criança pelos professores de disciplinas diversas, se trata da tabela de avaliação criada pela professora da educação especial e que pode funcionar enquanto elemento chave para favorecer a avaliação do aluno de modo mais fidedigno. Acreditamos que esta tabela também poderá ser útil no trabalho avaliativo contínuo de outras crianças com o Autismo em grau mais elevado, especialmente quando na ausência da aquisição da fala.

PALAVRA-CHAVE: Autismo grau lll. Professor de Educação Especial. Inclusão.

AUTISM GRADE III: PEDAGOGICAL INTERVENTIONS AND THE USE OF THE EVALUATION INSTRUMENT MONITORING TABLE

ABSTRACT: This work brings the product of empirical research carried out through observations and interventions in the school process, of an autistic child from twelve years of age to fourteen years, enrolled in the ninth year of elementary school in the final years, in a school from the state public education network, in the municipality of Parnamirim Rio Grande do Norte. His identity was preserved so we identified him as C.F. We will

focus on the pedagogical intervention work carried out by an accompanying teacher specializing in Special Education, emphasizing the advances noticed in the child's development over the days in which detailed observations were made. Some of these days were experienced in the school environment and others, during the period of social isolation, took place during home care; There are also reports and observations that occurred after the resumption of face-to-face classes when school education was reinstated. We present the results of the interventions carried out, and focus on the importance of the Special Education professional in supporting and promoting better learning and development of children with Autism Spectrum Disorder - ASD. We also highlight the promotion of a working instrument that allowed greater visibility of the learning process carried out by the child by teachers of different subjects, this is the evaluation table created by the special education teacher and which can function as a key element to favor evaluation of the student in a more reliable way. We believe that this table may also be useful in the ongoing evaluation work of other children with higher-level Autism, especially when speech acquisition is absent.

KEYWORD: Grade lll autism. Special Education Teacher. Inclusion.

INTRODUÇÃO

Nesta presente introdução destacamos ser uma pesquisa básica de natureza qualitativa trazendo uma amostra com estudo de caso. Apresentamos a face do material, o que foi feito no corpo e como está distribuído no correr das páginas, apresentamos os sujeitos da pesquisa CF, tendo como objeto o seu desenvolvimento escolar face às ações e intervenções pedagógicas realizadas durante um recorte de sua vida com acompanhamento na escola.

Também trazemos nesta parte inicial a problemática de pesquisa, a justificativa, as hipóteses e os objetivos.

O presente trabalho tem por objetivo, relatar questões acerca da aprendizagem de uma criança com transtorno do espectro autista a qual resguardamos o nome e tratamos nesta pesquisa por CF; cujo laudo médico está fechado para Autismo com grau lll; tendo ainda o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade e Deficiência Intelectual associados, o trabalho vem também elucidar sobre o papel que o mediador escolar tem ao intervir no auxílio de questões pedagógicas, como: afetividade, socialização, autonomia, coordenação motora global, comunicação alternativa e rotina escolar.

A questão problema gira em torno do fato de os professores terem grande dificuldades durante o processo de avaliação de desenvolvimento escolar quando se trata de um aluno com ausência de linguagem verbal, e, no estudo de caso em pauta; o sujeito

da pesquisa não consegue se comunicar utilizando nenhuma forma de comunicação alternativa.

O que vem justificar a pesquisa é a grande necessidade existente da criação e utilização de formas diferenciadas e de ferramentas de trabalho avaliativas que possam trazer melhor averiguação dos avanços das pessoas com autismo não verbalizadas. Vem oferecer uma possibilidade instrumental para o fazer educativo.

Enquanto hipóteses tínhamos a investigar se os instrumentos utilizados com o aluno surtiram efeitos perceptíveis e possíveis de serem utilizados por outros. Observar validando as intervenções e suas formas de serem realizadas a fim de verificar avanços.

PROBLEMA DA PESQUISA

Existem dificuldades para os professores em realizar a avaliação das crianças com autismo elevado, especialmente, quando estas crianças não detém o domínio da linguagem oral?

OBJETIVOS

Geral:

Facilitar a realização das avaliações das crianças com autismo elevado, especialmente, quando estas crianças não detém o domínio da linguagem oral. Mostrar as dificuldades e avanços do aluno objeto da pesquisa para seus professores.

Específicos:

- Mapear por meio de construção de tabela os aspectos pertinentes observados diariamente na aprendizagem comportamental da criança;
- Analisar os resultados coletados a partir da utilização de Tabela de Acompanhamento e da visualização de gráficos;
- Identificar e trazer reflexão, através dos dados colhidos, sobre os pontos que requerem intervenções;

- Desenvolver instrumentos de trabalho voltadas ao desenvolvimento do aluno;
- Divulgar os resultados obtidos para o meio científico da área da educação especial;

Deixamos enquanto elemento para reflexão a possibilidade do uso de tabela de acompanhamento, onde os aspectos e condições interacionais e emocionais podem ser mapeadas dia a dia, facilitando o trabalho de avaliação por parte dos professores das disciplinas diversas, os quais atuam junto a estas crianças, mas não o tempo suficiente para conseguir perceber nuances ocorridas durante o dia, que podem representar avanços na aquisição de conhecimentos.

EDUCAÇÃO ESPECIAL NO BRASIL E O AUTISMO E SUAS CARACTERÍSTICAS

O quadro atual de estudos que temos é o da educação especial que busca verdadeiramente a inclusão por via de um esforço curricular para que as individualidades de cada sujeito sejam consideradas. No entanto, no fazer pedagógico ainda há muito a ser executado em termos de ações e intervenções inclusivas.

Não existe modelo que possa ser utilizado por todas as pessoas e nem fórmulas para agir conforme o laudo médico de transtorno que cada um detém. Desse modo, cada criança precisa de um currículo. Mas alguns pontos em comum podem ser tidos como norte para o trabalho eficaz e inclusivo.

> As definições do público-alvo devem ser contextualizadas e não se esgotam na mera categorização e especificações atribuídas a um quadro de deficiência, transtornos, distúrbios e aptidões. Considera- se que as pessoas se modificam continuamente transformando o contexto no qual se inserem. Esse dinamismo exige uma atuação pedagógica voltada para alterar a situação de exclusão, enfatizando a importância de ambientes heterogêneos 10 que promovam a aprendizagem de todos os alunos (BRASIL, 2008).

Cumpre destacar que em nosso país o período que compreendeu a década de noventa trouxe significativo avanços na política que trata da educação inclusiva, o que trouxe novo olhar e novas possibilidades para a educação e inclusão escolar (BATTISTI; HECK, 2015).

O que é o Autismo? É um jeito, uma característica, uma forma de externalizar diferenciada, uma peculiaridade comportamental oriunda de um transtorno causado por ausências de sinapses neurais, decorrente da poda neuronal intensa emergente nos primeiros dois anos de vida.

Muitos estudos na área da neurologia falam sobre a poda neuronal é uma remodelação cerebral por volta dos dois anos de vida. Nas crianças com Autismo TEA a poda ocorre de modo desordenado de tal maneira que o cérebro fica pesado, permanece mais denso não passando pela remodelagem necessária para que fiquem apenas os neurônios necessários à vida neurotípica.

Todas as crianças passam por este processo desde os primeiros meses de vida para que o fortalecimento aconteça, processo natural no ser humano, o que ocorre no TEA é que a sinapse é muito importante para a socialização, para o entendimento melhor da teoria da mente entre outros.

Ocorre no TEA uma poda irregular que tornou a organização dos neurônios de forma atípica o que vai fazer com que os sintomas emergem por volta dos dois anos de idade, os sintomas de TEA após a poda se tornam evidentes. Após a poda é preciso ser estimulada novas ligações entre os neurônios, o que é possível com terapias comportamentais e estratégias naturalistas.

A poda neuronal intensa ocorre apenas por volta dos dois anos, é o momento de especialização dos comportamentos. No entanto, a poda em escala menos intensa continua acontecendo, como em todas as pessoas, por toda a vida.

> 1908 O pioneiro foi Eugen Bleuler que inventou a palavra “autismo” em 1908, que eram confundidos com pacientes esquizofrênicos, por serem retraídos.
>
> 1943 O Leão americano Kanner, o psiquiatra da criança estudou 11 crianças. Os resultados indicam que houve dificuldades em interações sociais, problemas com mudança de rotinas, dificuldade na adaptação às mudanças nas rotinas, mas com bom potencial intelectual.
>
> 1944 Hans Asperger estudou um grupo de crianças. Suas crianças igualmente assemelharam-se às descrições de Kanner, mencionando características como dificuldade de organização, diferentes das demais. A autora propôs a existência de uma “tríade de transtornos da interação social” (Goldberg, 2005, p.3) Et all; Lara (2012), Ferreira (2018), Goldberg (2005) e Póvoas (2022)

Conforme podemos ver no levantamento supracitado, o autismo nos anos de 1908 era considerado enquanto doença do trato mental, especificamente tido como sendo Esquizofrenia. Somente a partir do ano de 1943 passou-se a compreender o autismo como sendo uma dificuldade das interações nas questões de sociabilidade e assimilação de regras de convívio.

Já em meados do ano de 1964 Rimland, que era pai de uma criança autista, conseguiu olhar de modo diferenciado para as peculiaridades deste Espectro e classificou questões nos quesitos emocionais, ressignificando a culpabilidade inerente aos familiares destas crianças.

Durante a década de 70 ainda existe grande dificuldade por parte das famílias destas crianças no que concerne à compreensão do autismo, muito sendo remetido às concepções tidas em 1908, voltados a demência, loucura, entre outros equívocos.

Somente em 1988 a especificação e conceituação de autismo foi tratada em sociedade enquanto sendo um montante de sintomas a serem observados e investigados. Para a ciência o Autismo é algo novo e que se encontra em construção nas diferentes áreas de estudos, inclusive, tendo enquanto ponta de maior número de trabalhos e pesquisas realizadas a área da Educação.

> Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno invasivo do desenvolvimento que de acordo com o manual de diagnóstico estatístico de transtornos mentais, da Associação Americana de Psiquiatria, pode acometer o indivíduo em várias áreas do funcionamento, como habilidades de interação social recíproca, comunicação e atividades estereotipadas (ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA, 2002).

Em 2013, o Manual de Classificação de Doenças Mentais substituiu o termo autismo pela denominação Transtorno do Espectro Autista. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), o autismo afeta uma a cada 160 crianças no mundo. Diante de tão imenso número de crianças dentro do Espectro Autista a escola necessita cada vez mais de preparação e de profissionais dispostos a abraçar a perspectiva inclusiva.

No quadro atual a educação especial se constitui enquanto um montante de estratégias com o intuito de aperfeiçoar os lócus de atendimento de ensino dando suporte aos alunos com algum tipo de necessidade educacional para que estes possam se desenvolver da melhor maneira possível; sempre considerando suas potencialidades e

habilidades bem como partindo de suas evidenciadas limitações; (ALBUQUERQUE; MARTINEZ, 2012). Fernandes (2016) vez dizendo que as resoluções que tratam da educação inclusiva têm tido avanços e dá ênfase ao valor do ensino de qualidade para a permanência dos alunos nas escolas regulares.

> O desafio que confronta a escola inclusiva diz respeito ao desenvolvimento de uma pedagogia centrada na criança que é capaz de educar com sucesso, incluindo aquelas que possuam desvantagens severas (DAZZANI, 2010, p.365).

Cunha (2013), diz que o mundo do indivíduo com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), tem por natureza uma dificuldade na área de comunicação e na linguagem, desvinculando a necessidade de se expressar socialmente por meio da fala, mas podendo procurar outros meios de expressão para que haja um contato e envolvimento afetivo.

> No Brasil, em 18 de julho de 2019, foi sancionada a lei 13.861/19 (BRASIL, 2019). Inclui no censo do IBGE levantamento estatístico sobre o autismo, com essa lei será possível identificar o número de pessoas com autismo. A estimativa da OMS é que existam 70 milhões de pessoas no mundo com autismo, sendo que se encontram 2 milhões delas no Brasil. O IBGE incluiu pergunta sobre autismo no questionário do Censo 2022, que começará em junho e terminará em agosto de 2022, período que os recenseadores visitarão todos os domicílios do Brasil. (Https://doi.org/10.47820/recima21.v3i7.1687; PUBLICADO: 07/ 2022).
>
> Os resultados serão divulgados entre os anos de 2022 e 2025 em diferentes mídias, múltiplos formatos e em diversos recortes espaciais, buscando atender às demandas dos variados segmentos do público” (PAIVA JR, 2022).

Lembrando que o Espectro do autismo é bastante diversificado, sendo que cabe características de grande variabilidade de aspectos de comportamento todos dentro do Espectro de entendimento que, apesar da heterogeneidade, apresentam pontos em comum que possibilita o enquadramento inerente ao Espectro e merecendo o mesmo olhar cauteloso e voltado aos direitos e práticas inclusivas que os contemplem.

METODOLOGIA

Apresentaremos neste capítulo, os aspectos metodológicos que nortearam nossa pesquisa, descrevendo sua abordagem, o cenário no qual foi realizada e o detalhamento do campo empírico, dos procedimentos metodológicos que utilizamos para construção e

análise dos dados, bem como sobre os sujeitos partícipes da pesquisa: o estudante e a professora pesquisadora. Seguimos os parâmetros da pesquisa qualitativa em educação pesquisa-ação, utilizando os recursos recomendados para o “método estudo de caso”.

O percurso metodológico realizado fora, a princípio, o levantamento bibliográfico das obras a respeito do tema tratado, tanto de trabalhos mais antigos, quanto daqueles mais recentes nos quais se pode ter atualização do estado de discussões acerca do assunto. Feitas anotações das intervenções realizadas, que seguiram sendo registradas durante alguns dias de acompanhamento; fotografias, anotações de dados oriundos de filmagens, coleta de material utilizado durante o trabalho e análise dos resultados das intervenções propostas. Todo o período compreendeu os anos de meados de 2019 a meados de 2022.

O que me levou a esta pesquisa foi o fato de a pesquisadora trabalhar a área da Educação Especial e ter desenvolvido especial interesse no que concerne às formas como as crianças com TEA, especificamente, aquelas com grau elevado no Espectro serem avaliadas pedagogicamente de forma nebulosa, não clara e não evidenciando o real desenvolvimento daqueles sujeitos. Levantando a hipótese de que as maneiras como estas crianças estão sendo avaliadas na escola não corresponde ou demonstra as reais habilidades desenvolvidas por cada sujeito com TEA.

Optando por seguir um cronograma aberto e flexível dentro de um período compreendido entre os anos de 2019 e 2022, a flexibilidade de tempo foi necessária devido ao período de Pandemia vivenciado nestes anos o que dificultou a realização do trabalho, uma vez que o aluno deixou de ir à escola e a professora teve os contatos necessários à realização do trabalho reduzidos.

A tabela utilizada foi a criada pela autora “INSTRUMENTO AVALIATIVO TABELA DE ACOMPANHAMENTO”.

CONDIÇÕES OBSERVADAS	DIAS MEDIADOS																													
	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30
AFETIVIDADE																														
SOCIALIZAÇÃO																														
AUTONOMIA																														
COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA																														
COORDENAÇÃO MOTORA GLOBAL																														
ROTINA ESCOLAR																														

CONDIÇÕES OBSERVADAS	DIAS MEDIADOS																													
	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30
AFETIVIDADE																														
SOCIALIZAÇÃO																														
AUTONOMIA																														
COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA																														
COORDENAÇÃO MOTORA GLOBAL																														
ROTINA ESCOLAR																														

Esta tabela foi criada para que se tornasse mais fácil à visualização das condições observadas no acompanhamento ao aluno. Uma vez relatado o dia a dia, analisado os avanços, estagnações e ausência de reação, sentimos a necessidade de demonstrar de modo mais sucinto e claro o que fora observado.

A visão de uma tabela com legenda traz um retrato mental imediato daquilo que estará sendo estudado. Atribuímos cores com o significado para demonstrar as reações da criança face às intervenções; sendo o vermelho para estagnação – quando, apesar de colocado em situações que enfocam os elementos a serem observados, não conseguimos perceber reações externalizadas.

Temos de considerar que na pessoa com TEA em grau elevado, muitas vezes se torna difícil perceber o que acontece em seu interior, não podemos afirmar com certeza que C.F reagiu compreendendo ou não o que foi proposto; ou que uma intervenção foi plenamente internalizada. Logo, falamos sobre aqueles aspectos em que foi possível notar, como a falta de reações às condições, então colocamos na tabela a cor vermelha.

Atribuímos a cor amarela para os momentos em que foi notada oscilação para com as intervenções propostas. Ou seja, o aluno reagiu em momento anterior a uma atividade, ou ensinamento, e em determinado dia não teve o mesmo procedimento. Quando observamos que as intervenções provocaram e foram externalizadas por ele como o esperado com o ensino, entendemos que aconteceu avanço e atribuímos a cor verde.

Dessa forma, a tabela vem contribuir no entendimento rápido daquilo que foi desenvolvido, é uma clara imagem da pesquisa. Apesar de apenas a breve contemplação desse instrumento não trazer detalhes do trabalho executado, a explicação pormenorizada

ocorreu durante a descrição dos momentos diários, bem como a fundamentação teórica está presente em cada ponto a ser suscitado.

Após intervenções segurando sua mão, para manter a colher dentro do prato até a próxima colherada a criança consegue aprender e não mais atirar a colher ao chão. Então no dia em que internalizou o procedimento adequado marcamos a cor verde na tabela no quesito Rotina Escolar. Sempre ao final do turno fazíamos o preenchimento da tabela com as cores conforme as condições observadas e fazíamos os registros de aspectos salutares observados no dia.

Optamos por trazer, enquanto condições observadas, os aspectos enfocando: a afetividade, a coordenação motora ampla, a socialização, a comunicação alternativa, a autonomia e a rotina escolar. Todos estes pontos são de relevância para aprimorar o desenvolvimento e o processo de ensino/ aprendizagem de todas as pessoas, não sendo diferente para aquelas com o TEA.

Fonte: Escola Estadual do Rio Grande do Norte Maria Cristina 2021, localizada no município de Parnamirim/RN.

CONCLUSÃO

O presente estudo configurou-se no sentido de fomentar um diálogo sobre a importância do acompanhamento e intervenções do Professor de Educação Especial aos alunos com necessidades educacionais especiais, o valor dos instrumentos fomentadores

do desenvolvimento dessas pessoas, em especial aqui em nosso estudo falamos acerca daquelas com Transtorno do Espectro Autista em grau elevado, como é o aluno sujeito dessa pesquisa.

Assim, podemos destacar, através da observação de C.F, a importância do papel do Professor de Educação Especial em seu desenvolvimento, e os seus ganhos notável durante o período de acompanhamento, acentuando assim a necessidade da continuidade e aprimoramento da mediação, das intervenções adequadas e do aperfeiçoamento constante do olhar sobre o sujeito investigado a fim de tornar as mediações na propositura de atividades mais relevantes e significativas para sua aprendizagem e desenvolvimento.

Destacamos ainda a relevância dos materiais avaliativos utilizados, em especial a maneira inovadora com o uso do instrumento tabela de acompanhamento diário e como este material pode ser útil para todos no trabalho com crianças com características semelhantes à do menino participante desta pesquisa.

A presença e permanência de crianças com grau de autismo elevado em escolas regulares ainda é discutida e questionada, muitos são os educadores que demonstram insegurança e dúvidas sobre a relevância deste formato de ensino e sobre a real importância de pessoas com estas dificuldades estarem matriculadas na escola e frequentando as salas regulares.

Neste estudo refletimos nos posicionando sobre a inclusão das pessoas com deficiência estarem matriculadas na escola, frequentando, integradas e verdadeiramente incluídas nas diversas atividades escolares, mostramos que é possível, mas também defendemos a necessidade do professor de Educação Especial os acompanhando para que realmente possam estar incluídas e se desenvolvam em muitos aspectos.

REFERENCIAL

ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA**. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais – DSM**. 4 ed. – Texto Revisado. Tradução Claudia Dornelles. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

ALBUQUERQUE, A.P.; MITJÁNS MARTÍNEZ, A. **Inclusão escolar e subjetividade social da escola: relações e possibilidades**. In: BRANCO, A.M.C.U. de A.; OLIVEIRA, M.C.S.L.

(Org.). *Diversidade e cultura de paz na escola:* Contribuições da perspectiva sociocultural. Porto Alegre: Mediação, 2012. p.185-211.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial (SEESP). **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2008.

BATISTTI, Aline Vasconcelos. HECK, Giomar Maria Poletto. **A inclusão escolar de crianças com autismo na educação básica: teoria e prática.** Trabalho de conclusão de curso, Licenciatura em Pedagogia – Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Chapecó, 2015

CUNHA, Eugênio. **Autismo na escola: um jeito diferente de aprender, um jeito diferente de ensinar – ideias e práticas pedagógicas.** Rio de Janeiro: Editora Wak, 2013.

DAZZANI, Maria Virgínia Machado. **A psicologia escolar e a educação inclusiva: Uma leitura crítica. Psicologia**. ciencia. profissão. , vol. 30, n.2, p. 362-375, 2010.

GOLDBERG, K. **Autismo: Uma Perspectiva Histórico-Evolutiva. Revista de Ciências Humanas e Educação.** v. 6, n. 6, p. 181-196, 2005. Doi:10.31512/Pch.V6i6.263 https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/espacojuridicoLei do Autismo Lei Berenice Piana - nº 12.764/12

LARA, J. G. El Autismo: **Historia Y Clasificaciones. Salud Mental**, v. 35, n. 3, p. 257-61, junio 2012.

FERREIRA, L. B. P. **Um percurso sobre o autismo: história, clínica e perspectivas**. Cad Deligny, v. 1, n. 1, p. 110-9, 2018.

PÓVOAS, J. M. T. **Breve histórico sobre o autismo infantil**. [S. l.]: CIS, 2022. Disponível em: https://cisescolar.com.br/artigos/breve-historico-sobre-o-autismo-infantil/. Acesso em: 01 abr. 22

Rev. CEFAC. 2009 Out-Dez; 11(4):708-712

PAIVA JR, Francisco. IBGE incluiu pergunta sobre autismo no questionário do Censo 2022**. Canal Autismo**, 31 jan. 2022. Disponível em: https://www.canalautismo.com.br/noticia/ibge- incluiupergunta-sobre-autismo-no-qu

CAPÍTULO V

IRON HAND: O USO DA LAPELA NA OTIMIZAÇÃO DO FORTALECIMENTO DA MUSCULATURA DOS DEDOS DA MÃO PARA A PRÁTICA DO JIU-JITSU

Antônio Washington de Oliveira Júnior
Fundase; Município de Arês/RN.
https://orcid.org/0009-0003-4905-4325
http://lattes.cnpq.br/9039261328601415
E-mail: hotball.esporte.brasileiro.rn@gmail.com

DOI-Individual: 10.47538/AC-2023.18-05

RESUMO: Este artigo tem como estudo a promoção de um método criado chamado de "iron hand", que tem como um dos objetivos, fortalecer e diminuir as lesões nos dedos, onde o artigo denominado "o uso da lapela na otimização do fortalecimento da musculatura dos dedos da mão para a prática do jiu-jitsu", traz a temática considerando que a musculatura fina da mão intrínseca e extrínseca, tem ação direta e fundamental no resultado dos golpes, sejam essas pegadas em pé ou deitado, ou seja, na diversidade de golpes onde estão presentes o uso dos dedos da mão. A funcionalidade deste método durante as práticas de musculação, usando a "lapela" com instrumento de tração das cargas em contrações musculares isométricas e isotônicas (concêntricas e excêntricas), provavelmente contribuirão nas práticas de exercícios de fortalecimento e prevenção de lesões e possíveis doenças nas mãos, direcionados aos praticantes de jiu-jitsu. Esta pesquisa de cunho científico, voltado a promover, investigar e avaliar possíveis resultados das práticas do método "iron hand: o uso da lapela na otimização do fortalecimento da musculatura dos dedos da mão para a prática do jiu-jitsu", criado para promover uma melhor performance durante as pegadas de lapela e prevenção de possíveis lesões. Sendo fundamental para o fortalecimento dos dedos da mão. A confecção de um instrumento que reproduzisse de forma real a própria pegada do kimono, que foi um recorte do próprio tecido específico do kimono de jiu-jitsu, confeccionado e denominado "iron hand", que significa mão de ferro, que será usado nas práticas de musculação substituindo o pulley, cordas e as barras nas trações das cargas (pesos). Serão convidados para esta pesquisa, praticantes de jiu-jitsu em ambos os gêneros. A condição para participar da pesquisa, era apresentar uma dessas características, que são: ter dificuldade na pegada da lapela, pouca força nos dedos, dores pós-treino localizados nos dedos, reincidência de lesão nos dedos, em recuperação de fraturas nos dedos, artrite reumatóide, tendinite e tenossinovite do flexor digital. O período da execução da prática na academia de musculação com o "iron hand", durará 5 semanas, sendo realizado os exercícios específicos duas vezes na semana, justamente nos dias que não houver aulas de jiu-jitsu. Os resultados devem ser apurados após a pesquisa aplicada e concluída, onde será divulgado em publicações de periódicos.

PALAVRA-CHAVE: jiu-jitsu. Lesão. Saúde da Mão.

IRON HAND: THE USE OF THE LAPEL IN OPTIMIZING STRENGTHENING THE MUSCLES OF THE FINGERS FOR THE PRACTICE OF JIU-JITSU

ABSTRACT: This article aims to study the promotion of a method created called "iron hand", which has as one of its objectives, strengthening and reducing injuries in the fingers, where the article called "the use of the lapel in optimizing the strengthening of the muscles of the fingers of the hand for the practice of jiu-jitsu", brings the theme considering that the fine muscles of the intrinsic and extrinsic hand, have a direct and fundamental action in the result of the blows, whether these grips are standing or lying down, that is, in the diversity of blows where the use of the fingers of the hand is present. The functionality of this method during bodybuilding practices, using the "lapel" with an instrument to pull loads in isometric and isotonic muscle contractions (concentric and eccentric), will probably contribute to the practice of strengthening exercises and prevention of injuries and possible illnesses in the hands. , aimed at jiu-jitsu practitioners. This scientific research, aimed at promoting, investigating and evaluating possible results from the practices of the "iron hand: the use of the lapel in optimizing the strengthening of the muscles of the fingers for the practice of jiu-jitsu" method, created to promote a better performance during lapel grips and prevention of possible injuries. It is essential for strengthening the fingers of the hand. The creation of an instrument that reproduced in a real way the grip of the kimono, which was a cut from the specific fabric of the jiu-jitsu kimono, made and called "iron hand", which means iron hand, which will be used in practices of bodybuilding replacing the pulley, ropes and bars in traction of loads (weights). Jiu-jitsu practitioners of both genders will be invited to this research. The condition to participate in the research was to present one of these characteristics, which are: having difficulty gripping the lapel, little strength in the fingers, post-workout pain located in the fingers, recurrence of injury to the fingers, recovering from finger fractures, arthritis rheumatoid, tendonitis and digital flexor tenosynovitis. The period of practice in the weight training gym with the "iron hand" will last 5 weeks, with specific exercises being carried out twice a week, precisely on days when there are no jiu-jitsu classes. The results must be determined after the applied and completed research, where they will be published in journal publications.

KEYWORD: jiu-jitsu. Lesion. Hand Health.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como estudo a promoção de um método criado chamado de "*Iron Hand*", que tem como um dos objetivos, fortalecer e diminuir as lesões nos dedos da mão, onde o artigo denominado "o uso da lapela na otimização do fortalecimento da musculatura dos dedos da mão para a prática do *jiu-jitsu*", traz a temática considerando que a musculatura fina da mão intrínseca e extrínseca, tem ação direta e fundamental no resultado dos golpes, sejam essas pegadas em pé ou deitado, ou seja, na diversidade de golpes onde estão presentes o uso dos dedos da mão.

O excesso de pressão na mão durante a pegada no kimono do adversário, gera nos praticantes grande desconforto, devido a intensidade de força e pressão aplicada na contração da musculatura dos dedos de forma isométrica, assim gerando possíveis riscos de lesões e dores pós-treino.

Baseado nessa problemática trouxemos, a confecção de um instrumento que reproduzisse de forma real a própria pegada do *kimono*, que foi um recorte do próprio tecido específico do *kimono* de *jiu-jitsu*, confeccionado e denominado "*iron hand*"**,** que significa mão de ferro, que será usado nas práticas de musculação substituindo o *pulley*, cordas e as barras nas trações das cargas (pesos).

Os equipamentos de pegadas usados nas academias apresentam os formatos cilíndricos, onde a mão permanece sempre com os dedos alinhados, assim tirando a possibilidade de estimular a contração muscular dos dedos de forma desalinhada diferente da pegada no kimono. O *pulley*, cordas e barras se trabalham a força nos dedos de forma equilibrada e igual.

Já na pegada do tecido do kimono, essa força entre os dedos está sempre em desequilíbrio, onde grande parte da força exigida acaba explorando os dedos polegares e indicadores da mão. Os ajustes e desajustes na pegada do tecido do kimono localizados na gola, conhecido como "lapela", apresenta grandes vantagens durante as práticas de musculação quando usado o "iron hand", no que diz respeito a funcionalidade para a prática do *jiu-jitsu*. Considerando que tanto a gola, quanto as mangas, a costa, bordas do casaco e a calça, também são tracionados ou deslocados.

A funcionalidade deste método durante as práticas de musculação, usando a "lapela" com instrumento de tração das cargas em contrações musculares isométricas e isotônicas (concêntricas e excêntricas), provavelmente contribuirão nas práticas de exercícios de fortalecimento e prevenção de lesões e possíveis doenças nas mãos, direcionados aos praticantes de jiu-jitsu, desta forma a saúde da mão acaba sendo a justificativa deste estudo, para ser inserido no "I Congresso Interdisciplinar em Saúde", pela Universidade do Rio Grande do Norte.

OBJETIVOS

- Promover o uso do método "*iron hand*" nas práticas de fortalecimento dos dedos da mão para os praticantes de *jiu-jitsu*;
- Prevenir lesões nos dedos da mão através das práticas do método "*iron hand";*
- Avaliar através da promoção e práticas preventivas os possíveis resultados que contribuam com futuras pesquisas.

METODOLOGIA

PROCEDIMENTO

Esta pesquisa de cunho científico, voltado a promover, investigar e avaliar possíveis resultados das práticas do método *"iron hand*: o uso da lapela na otimização do fortalecimento da musculatura dos dedos da mão para a prática do *jiu-jitsu*", criado para promover uma melhor performance durante as pegadas de lapela e prevenção de possíveis lesões. Sendo fundamental para o fortalecimento dos dedos da mão.

Alguns autores que estudam a respeito, são citados assim, reforçando essa realidade dos praticantes não apenas de *jiu-jitsu* como os de *judô*. Assim fortalecendo a importância deste estudo.

Serão convidados para esta pesquisa, praticantes de jiu-jitsu em ambos os gêneros, maiores de dezoito anos, em um quantitativo de 24 praticantes, sendo 12 mulheres e 12 homens de várias faixas de graduação específicas do jiu-jitsu e com diferentes números de graus.

Esse estudo, classificado quanto ao método "pesquisa de campo". Objeto de estudo praticantes de jiu-jitsu da Escola de jiu-jitsu denominada "Gracie Barra Cohabinal", localizada no endereço R. Pres. Castelo Branco, 33 - Cohabinal, Parnamirim - RN, 59140-790, responsável professor Bruno Ramos mestre em jiu-jitsu. Onde os participantes dessa pesquisa serão os próprios alunos com restrições e limitações nos dedos da mão, que são descritas no parágrafo abaixo.

A condição para participar da pesquisa, era apresentar uma dessas características, que são: ter dificuldade na pegada da lapela, pouca força nos dedos, dores pós-treino

localizados nos dedos, reincidência de lesão nos dedos, em recuperação de fraturas nos dedos, artrite reumatoide, tendinite e tenossinovite do flexor digital. Todas essas especificações citadas são voltadas aos dedos da mão.

Os praticantes serão submetidos, ao questionário com 06 perguntas em formato de anamnese juntamente com uma avaliação física específica para a força muscular da mão, usando o aparelho dinamômetro digital. Serão disponibilizados o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para os participantes.

Será cedido o equipamento confeccionado para a pesquisa denominado *"iron hand",* para cada aluno que ficará de posse durante o período da periodização da prática prescrita pelo autor, que é formado em educação física bacharelado e licenciatura, mestre e doutorando em ciência da educação, portador do CREF-002893-G/RN, Antônio Washington de Oliveira Júnior.

O período da execução da prática na academia de musculação com o *"iron hand"*, durara 5 semanas, sendo realizado os exercícios específicos duas vezes na semana, justamente nos dias que não houver aulas de *jiu-jitsu.* A higiene e a manutenção do equipamento ficarão sob a responsabilidade dos participantes.

Após as cinco semanas, serão disponibilizados os mesmos procedimentos, apenas o questionário será modificado em algumas perguntas referentes aos possíveis resultados voltado a otimização, rendimento e fortalecimento da pegada, já o dinamômetro digital avaliará mais uma vez o nível de força, para criar um comparativo dos resultados antes e depois do método aplicado.

Prescrição dos exercícios para ser usado pelos alunos usando o "*iron hand*":

PRESCRIÇÃO DE TREINO 1° SEMANA								
N°	**EQUIPAMENTO**	**GRUPO MUSCULAR**	**SÉRIE**	**REPETIÇÃO**	**INTERV.**	**CARGA**	**DIA**	**SEMANA**
1	CROSS OVER	BÍCEPS	3	15	45 SEG.	LEVE	2	5
2	CROSS OVER	BRAQUIORRADIAL	3	30	45 SEG.	LEVE	2	5
3	CROSS OVER	DORSAL	3	20	45 SEG.	LEVE	2	5
4	CROSS OVER	DELTÓIDE	3	20	45 SEG.	LEVE	2	5
5	CROSS OVER	TRAPÉZIO	3	30	45 SEG.	LEVE	2	5
6	CROSS OVER	TRÍCEPS	3	15	45 SEG.	LEVE	2	5
7	CROSS OVER	PEITORAL	3	15	45 SEG.	LEVE	2	5
8	CROSS OVER	ABDOMEN	3	15	45 SEG.	LEVE	2	5

Essa prescrição referente a primeira semana de treino, traz a adaptação neuromuscular e também um formato educativo conceitual do método utilizado, onde o aluno irá aprender qual postura ideal, como pegar de forma correta o "iron hand", entender a importância dos intervalos, carga e repetição. A prescrição dos grupos musculares e exercícios que mais precisam dos dedos das mãos para sua ação foram selecionados. Para viabilizar os exercícios indicados, foi escolhida uma única máquina de musculação, com o intuito do praticante não ter que perder tempo se deslocando, e aguardando se liberado outras máquinas ocupadas por outros. A sequência de exercícios, que vai de 1 – 8, facilita a organização por grupos.

PRESCRIÇÃO DE TREINO 2° SEMANA								
N°	**EQUIPAMENTO**	**GRUPO MUSCULAR**	**SÉRIE**	**REPETIÇÃO**	**INTERV.**	**CARGA**	**DIA**	**SEMANA**
1	CROSS OVER	BÍCEPS	3	15	30 SEG.	MODERADO	2	5
2	CROSS OVER	BRAQUIORRADIAL	3	30	30 SEG.	MODERADO	2	5
3	CROSS OVER	DORSAL	3	20	30 SEG.	MODERADO	2	5
4	CROSS OVER	DELTÓIDE	3	20	30 SEG.	MODERADO	2	5
5	CROSS OVER	TRAPÉZIO	3	30	30 SEG.	MODERADO	2	5
6	CROSS OVER	TRÍCEPS	3	15	30 SEG.	MODERADO	2	5
7	CROSS OVER	PEITORAL	3	15	30 SEG.	MODERADO	2	5
8	CROSS OVER	ABDOMEN	3	15	30 SEG.	MODERADO	2	5

A prescrição da segunda semana de treino, traz ainda a adaptação neuromuscular e também educativa, agora de forma procedimental para o uso do método utilizado, com a proposta do aluno aprender com mais facilidade a proposta de ensino. Quanto mais abstraído o conhecimento adquirido, mais consolidado será o processo de aprendizagem. Nesse momento, diminui os intervalos e aumenta as cargas, promovendo uma readaptação neuromuscular dos grandes e pequenos grupos dos músculos dos dedos da mão.

PRESCRIÇÃO DE TREINO 3° SEMANA								
N°	**EQUIPAMENTO**	**GRUPO MUSCULAR**	**SÉRIE**	**REPETIÇÃO**	**INTERV.**	**CARGA**	**DIA**	**SEMANA**
1	CROSS OVER	BÍCEPS	4	25	15 SEG.	MODERADO	2	5
2	CROSS OVER	BRAQUIORRADIAL	4	30	15 SEG.	MODERADO	2	5
3	CROSS OVER	DORSAL	4	25	15 SEG.	MODERADO	2	5
4	CROSS OVER	DELTÓIDE	4	30	15 SEG.	MODERADO	2	5

5	CROSS OVER	TRAPÉZIO	4	40	15 SEG.	MODERADO	2	5
6	CROSS OVER	TRÍCEPS	4	25	15 SEG.	MODERADO	2	5
7	CROSS OVER	PEITORAL	4	25	15 SEG.	MODERADO	2	5
8	CROSS OVER	ABDÔMEN	4	30	15 SEG.	MODERADO	2	5

A prescrição da terceira semana de treino, considera que a adaptação neuromuscular e também educativa apresentam um equilíbrio. Já em um formato atitudinal para o uso do método utilizado, onde o aluno executa com mais facilidade, as ações educativas aplicadas ao método. Nesse momento, diminui os intervalos e aumenta as séries e repetições. O aumento da intensidade nessa etapa, contribui não apenas para o fortalecimento da musculatura dos dedos da mão como para a capacidade cardiorrespiratória.

PRESCRIÇÃO DE TREINO 4° SEMANA								
N°	**EQUIPAMENTO**	**GRUPO MUSCULAR**	**SÉRIE**	**REPETIÇÃO**	**INTERV.**	**CARGA**	**DIA**	**SEMANA**
1	CROSS OVER	BÍCEPS	4	25	15 SEG.	PESADA	2	5
2	CROSS OVER	BRAQUIORRADIAL	4	30	15 SEG.	PESADA	2	5
3	CROSS OVER	DORSAL	4	25	15 SEG.	PESADA	2	5
4	CROSS OVER	DELTÓIDE	4	30	15 SEG.	PESADA	2	5
5	CROSS OVER	TRAPÉZIO	4	40	15 SEG.	PESADA	2	5
6	CROSS OVER	TRÍCEPS	4	25	15 SEG.	PESADA	2	5
7	CROSS OVER	PEITORAL	4	25	15 SEG.	PESADA	2	5
8	CROSS OVER	ABDÔMEN	4	30	15 SEG.	PESADA	2	5

Nessa etapa atitudinal, o treino atinge sua condição máxima, com o aumento da carga de moderada para pesada. Provavelmente o aluno deverá perceber uma condição diferente nos treinos de jiu-jitsu, pois sua capacidade de força e mobilidade dos dedos possivelmente podem ter aumentado, assim as facilidades de pegadas em condição isométrica e isotônica também.

PRESCRIÇÃO DE TREINO 5° SEMANA								
N°	**EQUIPAMENTO**	**GRUPO MUSCULAR**	**SÉRIE**	**REPETIÇÃO**	**INTERV.**	**CARGA**	**DIA**	**SEMANA**
1	CROSS OVER	BÍCEPS	4	25	15 SEG.	PESADA	2	5
2	CROSS OVER	BRAQUIORRADIAL	4	30	15 SEG.	PESADA	2	5
3	CROSS OVER	DORSAL	4	25	15 SEG.	PESADA	2	5
4	CROSS OVER	DELTÓIDE	4	30	15 SEG.	PESADA	2	5
5	CROSS OVER	TRAPÉZIO	4	40	15 SEG.	PESADA	2	5
6	CROSS OVER	TRÍCEPS	4	25	15 SEG.	PESADA	2	5
7	CROSS OVER	PEITORAL	4	25	15 SEG.	PESADA	2	5
8	CROSS OVER	ABDÔMEN	4	30	15 SEG.	PESADA	2	5

Ao final da periodização do treino com o uso do "*iron hand*", ainda em uma condição ativa do conteúdo atitudinal, o treino chega a sua conclusão mesmo breve. O aumento de séries, repetições, intervalos e cargas ao fim das cinco semanas, das possíveis condições de apresentar um diferencial nas práticas de jiu-jitsu. O aluno ao atingir as cinco semanas, poderá dar continuidade se assim desejar. Mas serão contabilizados para a pesquisa apenas cinco semanas.

A ordem metodológica, segue os conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais das orientações educativas descritas nas etapas metodológicas do método "iron hand", acreditando que facilita o processo de ensino-aprendizagem.

Os conceitos, procedimentos e atitudes pertencem a naturezas cognitivas distintas dado o pluralismo multifuncional da mente (LABURÚ; ZOMPERO; BARROS, 2003), isso sem dizer dos perfis intelectuais múltiplos dos indivíduos com desempenhos desiguais (GARDNER, 1995). Os conteúdos procedimentais têm natureza prática por excelência e precisam ser ensinados de maneiras distintas dos demais.

Ações ordenadas, são procedimentos orientados para a execução de uma meta ou objetivo. Vale salientar, que não só o procedimento com as ações atitudinais e conceituais são de extrema importância para o sucesso da abstração do conhecimento.

EMBASAMENTO TEÓRICO

Neste subcapítulo, trouxemos alguns autores de pesquisas similares a essa, para reforçar a importância deste estudo e a viabilidade de mais investigações sobre as lesões e possíveis prevenções destas articulações e ossos, como os dedos da mão, entre outras.

Os dedos é uma das partes mais usadas no *jiu-jitsu*, principalmente os dedos das mãos, que para realizar diversos fundamentos dos movimentos para adquirir controle do adversário. Segundo a pesquisa de Barsottini, esta região foi a segunda mais afetada pelas lesões, com 16,5% dos acometimentos, diferente dos outros estudos observados onde acharam o ombro como a segunda região mais afetada e os dedos aparecendo com um percentual menor de incidências (BARSOTTINI; GUIMARÃES; MORAIS, 2006; CARPEGGIANI, 2004; JÚNIOR, 2009; BARROSO et al., 2011; SOUZA et al., 2011).

Pela necessidade de aplicar as técnicas, é comum a quantidade elevada de lesão nessa região dos dedos da mão, como foram identificadas. Os dedos da mão são utilizados na maioria das vezes para fazerem as "pegadas", que são pinçamentos em seu próprio kimono e também no do próprio adversário, grande força aplicada de contração muscular isométrica, que é a mais usada.

O jiu-jitsu assim como o Judô, apresenta grande semelhanças da aplicabilidade das "pegadas", Barsottini, Guimarães e Morais, em seu estudo com 48 atletas de judô encontrou 22% de lesões nos dedos das mãos e dos pés, ocupando também a segunda posição do total de lesões atrás apenas das de joelho (BARSOTTINI; GUIMARÃES; MORAIS, 2006).

As relevâncias desses estudos refletem em maiores preocupações, de criarem e adaptarem técnicas, métodos e instrumentos que possam contribuir como aprimoramento das modalidades e do rendimento esportivo.

Na Pesquisa de Júnior (2009) realizou um estudo com 57 atletas de Jiu-Jitsu, onde identificou nas seguintes áreas anatômicas lesões: o joelho foi onde houve maiores incidências, seguido do ombro e do punho.

Já Barsottini, Guimarães e Morais (2006) analisaram 78 relatos de casos, e encontraram um total de 78 lesões entre os atletas estudados. Observou-se que as lesões ocorreram em sua maioria nas articulações dos joelhos, seguida dos dedos das mãos e dos pés, onde o ombro ficou em terceiro lugar como região mais acometida por lesão.

O estudo feito com atletas de Luta Olímpica identificou lesões em 81 dos 90 atletas estudados pela pesquisa. As regiões anatômicas mais afetadas pelas lesões foram nos joelhos, ombro, coxa e o tornozelo respectivamente (BARROSO et al., 2011).

Através dessas pesquisas, podemos perceber a incidência de lesões investigadas, nos atletas de lutas com ou sem kimono. Os dedos estavam presentes em quase todas elas, em algumas diretamente e outras indiretamente, considerando que por falta de uma boa pegada ou uma boa estabilização com a mão, o atleta acaba indiretamente se lesionando em outras regiões. Ou seja, os dedos da mão em condições saudáveis e fortalecidas, ajudam em uma condição direta na prevenção de lesões no punho, antebraço, pois estão interligadas pelas musculaturas intrínsecas e extrínsecas.

RESULTADOS

Os resultados devem ser apurados após a pesquisa aplicada e concluída, onde será divulgado em publicações de periódicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS/IMPACTO SOCIAL

Entende-se que esta pesquisa é uma das poucas voltadas a esse público de praticantes de jiu-jitsu, acredite que os possíveis resultados podem contribuir de forma positiva no rendimento, fortalecimento, prevenção de traumas, reabilitação de possíveis lesões dos dedos da mão. Apesar de ser suposições, mas a pesquisa pretende comprovar que o método *"iron hand",* pode contribuir na saúde da mão dos praticantes de jiu-jitsu, onde estes podem associar em sua prática de musculação o uso da lapela nas práticas de contração muscular e tração de força.

REFERÊNCIAS

BARSOTTINI D, GUIMARAES AE, MORAIS PR. **Relação entre técnicas e lesões em praticantes de judô**. Revista Brasileira de Medicina do Esporte. v. 12, n. 1, 2006.

BARROSO BG, SILVA JMA, GARCIA AC, RAMOS NCO, MARTINELLI MO, RESENDE VB, et al. **Lesões musculoesqueléticas em atletas de luta olímpica**. Acta Ortopedica Brasileira. 19(2):98-101, 2011.

CARPEGGIANI JC. **Lesões no jiu-jítsu: estudo em 78 atletas**. 36p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

GARDNER, H. **Inteligências múltiplas, a teoria na prática**. Porto Alegre: Artmed, 1995.

JÚNIOR A. **Incidência e fatores de risco de lesões musculoesqueléticas em praticantes de jiu-jitsu.** 62 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) Curso de Fisioterapia, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade da Amazônia, Belém, 2009.

LABURÚ, C. E.; ZOMPERO, A. F.; BARROS, M. A. **Vygotsky e múltiplas representações: leituras convergentes para o ensino de ciências.** Caderno Brasileiro de Ensino de Física, Florianópolis, v. 30, n. 1, p. 7-24, abr. 2013.